



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**A ESCRITA TRADUTÓRIA DE KEN BUGUL EM *RIWAN OU  
LE CHEMIN DE SABLE***

**PAPA SINGANE DIAW**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA-DF  
AGOSTO/2018**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**A ESCRITA TRADUTÓRIA DE KEN BUGUL EM *RIWAN OU LE  
CHEMIN DE SABLE***

**PAPA SINGANE DIAW**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup>. ALICE MARIA DE ARAÚJO FERREIRA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA-DF  
AGOSTO/2018**

DIAW, Papa Singane. **A escrita tradutória de Ken Bugul em *Riwan ou le chemin de sable***. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2018, 162f. Dissertação de mestrado.

Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

### FICHA CATALOGRÁFICA

DIAW, Papa Singane. A escrita tradutória de Ken Bugul em *Riwan ou le chemin de sable*. / Papa Singane Diaw; orientador: Alice Maria de Araújo Ferreira. Brasília, 2018, 162f.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Estudos de Tradução)  
Universidade de Brasília, 2018.

1. Tradução etnográfica. 2. Multilinguismo. 3. Escrita tradutória.  
4. Ken Bugul. 5. Literatura senegalesa.  
I. Ferreira, Alice Maria de Araújo, orient. II. Título

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD

**A ESCRITA TRADUTÓRIA DE KEN BUGUL EM *RIWAN OU LE  
CHEMIN DE SABLE***

**PAPA SINGANE DIAW**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA AO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
DA TRADUÇÃO, COMO PARTE DOS REQUISITOS  
NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO GRAU DE  
MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO.

APROVADA POR:

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ALICE MARIA DE ARAÚJO FERREIRA, UNB (ORIENTADORA)

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. DANIELA FÉLIX CARVALHO MARTINS, UNB (EXAMINADOR  
INTERNO)

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. SILVANA MATIAS FREIRE, UFG (EXAMINADOR EXTERNO)

---

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA CARMEN DE LA TORRE ARANDA, UNB (SUPLENTE)

Brasília-DF, 31 de agosto de 2018.

Destin Croisé!

Destin Uni!

Destin Continu!

Pour l'Éternité !

Loin des yeux mais toujours près du coeur !

## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de expressar formalmente a minha gratidão e meus sinceros agradecimentos primeiramente ao meu bom Deus, todo Poderoso, por me dar força, saúde e persistência, e à minha querida mãe, por me dar a vida e ter contribuído com a pessoa que eu sou até agora.

Também envio meus agradecimentos à minha orientadora de mestrado, doutora Alice Maria de Araújo Ferreira. Agradeço-lhe por sua ajuda inestimável, por emoldurar-me, orientar-me, aconselhar-me e corrigir minha dissertação.

Aproveito essa ocasião também para endereçar os profundos agradecimentos e reconhecimentos à professora doutora Daniela Félix Carvalho Martins e à professora doutora Silvana Matias Freire, por terem aceito voluntariamente o convite de fazer parte da banca examinadora, sem as quais esta defesa não seria realizada.

Agradeço também ao professor doutor Djiby Mané, por sua colaboração, fornecendo-me dados precisos sobre a área da minha pesquisa e por me ter apoiado, incentivado, e com quem estabeleci uma relação de confiança.

Meus sinceros agradecimentos vão também, especialmente, à professora doutora Maria Glória Magalhães dos Reis, que me guiou no trabalho e me ajudou a encontrar formas de avançar, mas também para todos os professores e o pessoal do Postrad que, por suas palavras, seus escritos, seus conselhos e suas críticas, guiaram meus pensamentos e concordaram em me encontrar e responder minhas perguntas durante minha pesquisa.

Agradeço à minha querida e preciosa família, Nene Touré, Bintou Toure, Daba, Marième, Absa, Awa Astou Diaw e meu irmão Papa Diaw, que sempre estiveram lá para mim: "Vocês sacrificaram tudo por mim, não poupando nem esforço, nem saúde. Vocês me fizeram um homem laborioso e de perseverança. Sou grato pela educação da qual me orgulho".

Agradeço aos meus grandes amigos e colegas, Luiz Henrique e Cléber, pelo encorajamento.

Agradeço especialmente à Maria Luiza, Mira e Kassoum, pela amizade e por estarem sempre presentes para mim.

Meus agradecimentos vão também para a minha querida revisora Priscila, cuja contribuição foi muito valiosa para a efetivação deste trabalho.

Finalmente, agradeço a todos os meus amigos e amigas, alunos (as) e também para todos aqueles que, de alguma forma, me ajudaram na realização desta dissertação e pela sincera amizade e confiança, e a quem devo minha gratidão e meu apego.

A todos esses, agradeço, agradeço e agradeço.

« Non, vous n'êtes pas morts gratuits. Vous êtes les témoins de l'Afrique immortelle, vous êtes les témoins du monde nouveau qui sera demain. »

Léopold Sédar Senghor



## RESUMO

Esta dissertação apresenta as estratégias tradutórias utilizadas em *Riwan ou le chemin de sable*, por Ken Bugul. Por meio do levantamento de etnotermos, de estratégias e de marcadores específicos, percebemos que a escritora valoriza os ecos do multilinguismo em sua narrativa, além de evidenciar diferenças culturais intrínsecas a questões linguísticas, principalmente quando há a valorização da língua nacional wolof e da criouliização (por meio da utilização de wolofal-francês e wolofal-árabe), mesmo sendo a língua francesa a língua oficial do Senegal. Ressaltamos também a influência da língua árabe por esta ser a língua da religião islâmica, que é dominante no país. Bugul constrói, assim, uma poética multilíngue que representa o seu país de origem, característica da literatura africana contemporânea. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa é abordar as estratégias de tradução de Ken Bugul na sua escrita literária e discutir os ecos do multilinguismo, importante para o estudo da tradução. Tal pesquisa se baseia nos princípios teóricos e metodológicos que constituem e fundamentam a tradução etnográfica, o que tornou possível o levantamento de itens lexicais relevantes. O levantamento dos etnotermos e da presença de outras línguas, como o inglês, o árabe, o português e o espanhol, se deu pela organização da ordem de aparecimento na obra; seleção da unidade lexical; identificação da língua; trecho em que o item lexical aparece no romance; identificação da estratégia tradutória utilizada; e tradução. Por meio da análise, definimos e exemplificamos as estratégias de tradução presentes na narrativa: definição/nota de rodapé, inferência/tradução literal, hiperonímia/hiponímia, explicação/aposto e não-tradução.

**Palavras-chave:** Riwan ou le chemin de sable. Ken Bugul. Tradução. Multilinguismo. Criouliização.

## ABSTRACT

This dissertation presents the translation strategies used in *Riwan ou le chemin de sable*, by Ken Bugul. Through the study of ethno-terms, strategies and specific markers, we notice that the author values the echoes of multilingualism in her narrative, as well as evidence of cultural differences intrinsic to linguistic issues, especially when there is the valorization of national language Wolof and creolization through the use of Wolofal-French and Wolofal-Arabic), even though French is the official language of Senegal. We also emphasize the influence of the Arabic language because this is the language of the Islamic religion, which is dominant in the country. Bugul thus constructs a multilingual poetic that represents his country of origin, characteristic of contemporary African literature. In this context, the aim of this research is to approach the translation strategies of Ken Bugul in his literary writing and to discuss the echoes of multilingualism, important for the study of translation. This research is based on the theoretical and methodological principles that constitute and base the ethnographic translation, which made it possible to collect relevant lexical items. The study of the ethno-terms and the presence of other languages, such as English, Arabic, Portuguese and Spanish, was organized by the order of appearance in the work; lexical unit selection; identification of the language; the passage in which the lexical item appears in the novel; identification of the translation strategy used; and translation. Through the analysis, we define and exemplify the translation strategies present in the narrative: definition / footnote, literal inference / translation, hyperonymy / hyponymy, explanation / apostrophe and non-translation.

**Keywords:** *Riwan ou le chemin de sable*. Ken Bugul. Translation. Multilingualism. Creolization.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição espaço-linguística no Senegal.....	21
Figura 2 – Marcadores específicos.....	65
Figura 3 – Tipos de tradução-descrição.....	66
Figura 4 – Estratégias Tradutórias em <i>Riwan ou le chemin de sable</i> .....	69

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Situação linguística na obra.....	46
Gráfico 2 – Wolof no romance.....	49
Gráfico 3 – Wolofal-francês no romance.....	51
Gráfico 4 – Wolofal-árabe no romance.....	53
Gráfico 5 – Árabe no romance.....	54
Gráfico 6 – Inglês no romance.....	57

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>17</b>
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>17</b>
1.1 Contexto Histórico, Social e Linguístico do Senegal .....	17
1.2 Emigrantes/imigrantes: o caminho das línguas.....	21
1.3 Política Linguística no Senegal .....	24
1.4 Conceitos Linguísticos Fundamentais .....	29
1.5 Multilinguismo .....	31
1.6 Crioulização e Línguas em contato .....	33
<b>2 KEN BUGUL E O MULTILINGUISMO .....</b>	<b>36</b>
2.1 Escrita autobiográfica .....	36
2.2 Pós-colonialismo na Literatura .....	38
2.3 A importância do Exílio na poética de Ken Bugul .....	42
2.4 Multilínguas na Literatura de Ken Bugul.....	44
2.4.1 Francês .....	47
2.4.2 Wolof.....	47
2.4.3 Wolofal (crioulização).....	49
2.4.4 Árabe .....	53
2.4.5 Inglês .....	55
<b>3 TRADUÇÃO ETNOGRÁFICA .....</b>	<b>58</b>
3.1 Prática tradutória .....	59
3.2 Etnotermos.....	60
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>62</b>
<b>1 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>62</b>
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>66</b>
<b>1 ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS E RESULTADOS DAS ANÁLISES .....</b>	<b>66</b>
1.1 Descrição na tradução etnográfica.....	66
1.2 Resultados das análises.....	68
1.2.1 Definição / Nota de rodapé .....	69
1.2.2 Tradução literal / Inferência .....	71
1.2.3 Hiperonímia / Hiponímia .....	73

1.2.4 Explicação / Aposto .....	75
1.2.5 Não-tradução .....	78
1.2.6 Polissemia .....	81
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>95</b>
<b>Anexo 1 – Apresentação dos dados .....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

Neste presente estudo propomos levantar as estratégias de tradução na escrita literária de Ken Bugul e discutir os ecos do multilinguismo que estão ligados aos aspectos histórico-culturais da escrita em língua francesa, embasando-nos nos princípios teóricos e metodológicos que constituem e fundamentam a tradução etnográfica, nosso maior desafio no processo de tradução, já que este tende ao monolinguismo.

A literatura contemporânea do Senegal, dita francófona, distingue-se do francês por estar discursivamente constituída pelo “francês do senegalês”, com seus ritmos, contatos/contaminações, suas estórias. Isso se deve ao fato de que o longo período colonial deixou marcas históricas, tendo em vista que a língua do opressor se torna língua oficial e é ensinada nas escolas.

Hoje, escritores que nasceram depois da independência subvertem o francês e ao falarmos de multilinguismo ainda distinguimos elementos de um francês homogêneo, mas esses elementos fazem a distinção rítmica e prosaica em relação ao francês dos colonos. Ken Bugul, escritora dessa geração, apresenta uma escrita literária diferenciada nessa língua palimpsesto.

Nesse contexto, tomamos como base o estudo de unidades lexicais destacadas na obra *Riwan ou le chemin de sable*. Essas unidades são assinaladas por serem de línguas distintas do francês e por manifestarem o multilinguismo na escrita literária de Ken Bugul, de modo que línguas como wolof, wolofal (ou seja: wolofal-árabe, wolofal-francês), inglês, português e espanhol estão presentes no romance. Assim, para nosso estudo, faz-se necessária uma discussão sobre o multilinguismo e as estratégias de escrita tradutória da autora.

No romance *Riwan ou le chemin de sable*, palavras em diferentes línguas emergem com suas sonoridades, o que nos faz pensar na importância da tradução de discursos multilíngues, que deve guardar a singularidade discursiva e cultural, além de nos levar a refletir sobre itens lexicais que se diferenciam do francês a partir de marcadores específicos (seja em itálico, entre parênteses, entre aspas, com exclamação, uso de maiúsculas ou ainda seguidos de um asterisco remetendo a uma nota) e discutir estratégias tradutórias desses itens lexicais que chamamos de etnotermos.

Vale ressaltar que este trabalho tem o propósito e o comprometimento bem definido em relação ao registro meticuloso de etnotermos, representativos do sistema de conhecimentos e identidades de um povo, tal como é na língua daquele povo.

Nosso objetivo é o de levantar esses fragmentos discursivos e analisar as estratégias tradutórias da autora. Desta forma, nosso propósito, assim como o da autora da obra em questão, compatibiliza com princípios de manutenção e preservação das línguas minoritárias presentes na literatura franco-senegalesa, tal como será exposto no capítulo 1 e demonstrado ao longo desta dissertação.

Por meio dos resultados deste estudo a partir do levantamento das estratégias tradutórias de Ken Bugul em *Riwan ou le chemin de sable*, entendemos que a tradução não pode ser vista apenas como passagem de um texto de uma língua a outra, mas pode constituir-se em escrita tradutória nas obras literárias multilinguísticas, levando-se em conta a falta de equivalência e até mesmo a intraduzibilidade de alguns termos.

Buscamos analisar a escrita tradutória da autora por meio do conceito de tradução etnográfica apresentado por Alice Ferreira na sua pesquisa sobre as traduções de Levi-Strauss, no artigo “O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi-Strauss tradutor em Tristes Tropiques”, já que esse tipo de tradução não apaga a alteridade do texto e deixa preservados os itens lexicais que indicam multilinguismo.

Esta dissertação está dividida do seguinte modo: No Capítulo 1, apresentamos a fundamentação teórica desta pesquisa por meio de conceitos linguísticos; processos históricos, políticos e sociais que envolvem o multilinguismo no Senegal; a narrativa de Ken Bugul e as línguas presentes; e, por fim, conceitos de tradução etnográfica. No Capítulo 2, abordamos a metodologia utilizada nesta pesquisa, bem como o levantamento de etnotermos da obra *Riwan ou le chemin de sable*. Por fim, no Capítulo 3, analisamos os dados levantados, conceituando e exemplificando as estratégias tradutórias de Ken Bugul, após abordagem sobre tradução etnográfica na pesquisa de Alice Ferreira (2014).



# CAPÍTULO 1

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo teórico faremos uma breve apresentação do Senegal, do povo senegalês e de suas línguas; discutiremos a sua política linguística pós-independência, além de abordar conceitos fundamentais que envolvem a linguística, mais especificamente o multilinguismo e a criouliização. Ainda dentro da questão multilinguística, abordamos as línguas que aparecem na obra de Ken Bugul, a literatura de Ken Bugul, as influências pós-coloniais e conceitos de tradução etnográfica.

### 1.1 Contexto Histórico, Social e Linguístico do Senegal

De acordo com Louis-Jean Calvet (2007, p. 99), a África, apesar da dimensão geográfica e da densidade demográfica, é um continente fortemente multilíngue e multicultural, tanto nas suas antigas colônias francesas, belgas, portuguesas, inglesas etc., como também nos seus mais jovens Estados. Cada um desses países abarca movimentos linguísticos complexos, pois o continente foi dividido como se fosse um bolo pela Europa, que não levou em conta nem a geografia, nem a linguística dos povos nativos, muito pelo contrário, a sua preocupação principal era explorar os recursos naturais e exportá-los em seguida.

A consequência dessa invasão ocidental no continente africano gerou a implementação das línguas europeias nas administrações e nos negócios; e, em troca, gerou a desvalorização das línguas e culturas locais. Esse artefato colonial no território africano nada é mais do que uma peça a mais colocada no museu das curiosidades históricas, contra sua vontade e, essa circunstância, muitas vezes, causa reflexos graves nos países do continente africano. Tal situação é similar no Senegal, país de origem da autora da obra que analisaremos, e a sua situação linguística e cultural não é antagônica a esse contexto.

Para desenvolver este tópico, entendemos que seria indispensável, primeiramente, entender a história e a situação linguística do país. Sendo assim, após uma profunda e vasta análise, entendemos que o desenvolvimento da linguística estrutural se apresenta como uma das manifestações mais importantes do pensamento científico do século XX. Portanto, não seria possível compreender as incontestáveis evoluções verificadas no que concerne às ciências humanas sem, portanto, compreendermos a elaboração do conceito de estrutura a partir das investigações do fenômeno da linguagem.

Desta maneira, nossa escolha se baseia no conceito de Ferdinand de Saussure, já que toda uma geração de pensadores, entre os quais Jacques Lacan, Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, evidencia em suas obras a contribuição pioneira de Saussure por suas ideias que se tornaram ponto de partida ao pensamento que caracteriza a linguística moderna.

Para o estruturalismo, “(...) a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente.” (COSTA, 2013, p. 114), um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade; e pelo estruturalismo, portanto, compreende-se que:

(...) a língua, uma vez formada por elementos coesos, inter-relacionados, que funcionam a partir de um conjunto de regras, constitui uma organização, um sistema, uma estrutura. Essa organização dos elementos se estrutura seguindo leis internas, ou seja, estabelecidas dentro do próprio sistema (COSTA, 2013, pp. 114-115).

Assim como pensa Saussure, estabelecemos comunicação porque conhecemos as regras da gramática de uma determinada língua. Mas não, necessariamente, do conhecimento em torno das regras normativas que se encontram nos livros de gramáticas ou que são estabelecidas por um grupo de estudiosos em um determinado momento da história, pois se fosse somente dessa maneira, aqueles que não detêm essas regras gramaticais não se comunicariam, pois nós sabemos que o que regula o funcionamento das línguas que compõem o sistema linguístico são normas e conhecimentos adquiridos socialmente, na relação que se mantém no grupo de falantes do qual fazemos parte.

Em relação à língua, por esta ser um fato social, com suas variedades que estão relacionadas à região geográfica, classe social dos falantes, educação, contexto e até mesmo momento histórico, deve ser estudada no que concerne à sua funcionalidade, ou seja, englobando contextos socioculturais de utilização.

No que se refere à região geográfica, a República do Senegal localiza-se no extremo oeste do continente africano, com uma área de 196.712 km<sup>2</sup>. O país é limitado a oeste com o oceano Atlântico, ao norte com a Mauritânia, a leste com o Mali e ao sul com Guiné-Bissau. Dentro das fronteiras do Senegal, a Gâmbia constitui um enclave no sul do país, dentro do qual penetra profundamente. A Mauritânia é uma nação bilíngue (árabe e francês), o Mali é uma nação francófona, enquanto a Gâmbia é anglófona e a Guiné-Bissau é lusófona.

Os *wolofs* são o primeiro grupo étnico no Senegal. Os *peuls* também são encontrados perto do rio do Senegal, depois vem os *toucouleurs* (pastores), que ocupam a margem esquerda do rio Senegal e estão entre os primeiros a se converterem ao Islamismo. Essa questão étnica influencia diretamente a questão linguística, tendo em vista que o país conta com doze milhões de senegaleses e cerca de vinte línguas nacionais, a maioria delas pertencentes à família niger-congolesa, das quais as seis mais importantes são: *wolof*, *peul*, *serere*, *diola*, *malinké* e *soninké*. O wolof é a língua materna de 36% da população, mas quase 90% dos senegaleses falam e compreendem o wolof, porque é a língua franca (veicular) de todo o país. Pouco antes do francês, é o wolof a língua mais compreendida pelos diferentes grupos étnicos senegaleses, conforme afirma Camara:

À Dakar, capitale économique et administrative, le wolof est de loin la langue la plus parlée par la population, 88 % le déclarant comme première langue parlée en 1988, et 90,2 % en 2002. En deuxième position, nous trouvons le français, parlé par 23 % de la population. En 1988, le pulaar occupait cette deuxième position (parlé par 24,3 % de la population), mais en 2002, ce n'est plus que 15,4 % de la population qui déclare le parler. De manière générale, à Dakar, en l'espace de quatorze ans, toutes les langues locales ont stagné, voire régressé, au profit du wolof et, probablement, du français.<sup>1</sup> (CAMARA, 2010, p. 17)

<sup>1</sup> “Em Dakar, capital econômica e administrativa, o wolof é de longe a língua mais falada pela população, 88% o declaram como sua primeira língua em 1988, e 90,2% em 2002. Em segunda posição, nos encontramos o francês, falado por 23% da população. Em 1988, o pulaar ocupava esta posição (falado por 24,3% da população), mais em 2002, somente mais de 15,4% da população que declara falá-lo. De maneira geral, em Dakar, no espaço de catorze anos, todas as línguas locais estagnaram, ou até mesmo regrediram, em favor do wolof e, provavelmente, do francês”. (Tradução nossa)

Não nos esqueçamos também de que o wolof é falado principalmente no Senegal e na Gâmbia, mas também tem o estatuto de língua nacional na Mauritânia. O wolof serve, além do mais, como língua franca, especialmente por comerciantes, um pouco como "o inglês no oeste africano". O wolof foi enriquecido pelas contribuições das outras línguas nacionais do Senegal, como também do árabe e do francês.

O wolof tornou-se a maior língua veicular (dá-se o nome de língua veicular ou língua franca ao idioma que se adapta para facilitar o entendimento comum entre pessoas que não partilham da mesma língua oficial) do Senegal. O mundo dos negócios é amplamente dominado pelo wolof nas grandes cidades. As seis línguas nacionais reconhecidas pelo Decreto nº 71-566, de 21 de maio de 1971, estão representadas na região de Dakar e, especialmente, no centro administrativo da região, de acordo com Camara:

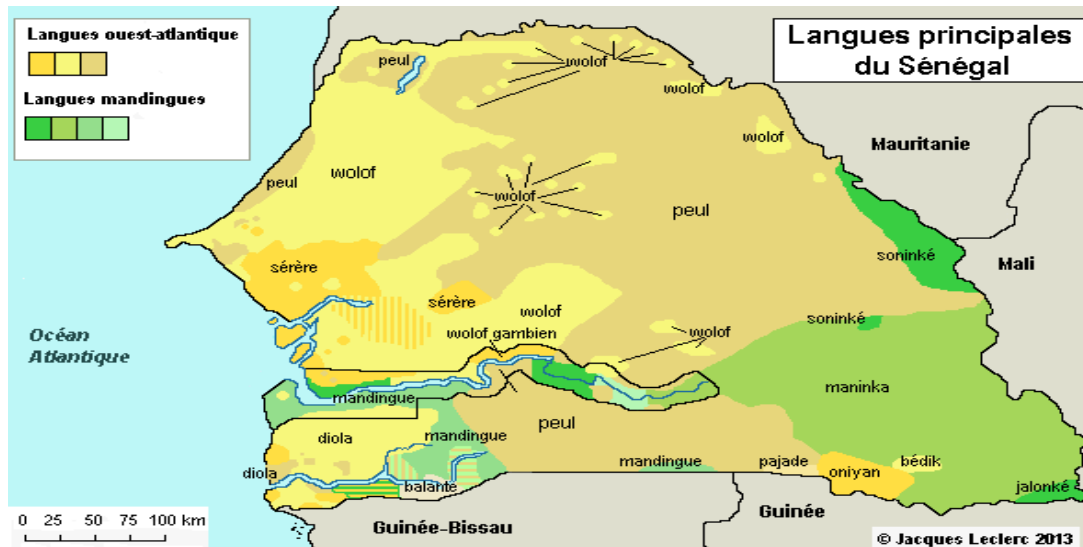
Outre à Dakar, où le wolof et le français occupent une place importante au sein de l'espace linguistique, on observe que là où le français est plus couramment parlé, soit dans les régions de St-Louis et de Ziguinchor, le wolof, bien qu'en progression, occupe une place moins importante (56,4 % et 45,2 % respectivement) comparativement à la moyenne nationale (72,3 %). Comment alors penser le partage de l'espace linguistique sénégalais entre le wolof, langue véhiculaire la plus répandue, et le français, langue des institutions officielles ?<sup>2</sup> (CAMARA, 2010, p. 21)

O Senegal é dividido em dez regiões administrativas: Dakar (a capital), Saint-Louis (a ex-capital), Diourbel, Fatick, Kolda, Louga, Matam, Tambacounda, Thiès e Ziguinchor. Conforme a representação do Senegal a seguir (Figura 1):

---

<sup>2</sup> "Além de Dakar, onde o wolof e o francês ocupam um lugar importante no seio do espaço linguístico, observamos que onde o francês é mais correntemente falado, seja nas regiões de St-Louis e Ziguinchor, o wolof, embora em progressão, ocupa um lugar menos importante (56,4% e 45,2%, respectivamente) comparativamente à média nacional (72,3% ). Como então pensar na partilha do espaço linguístico senegalês entre o wolof, a língua veicular mais difundida, e o francês, a língua das instituições oficiais?" (Tradução nossa)

Figura 1 – Distribuição espaço-linguística no Senegal



Fonte: <http://www.axl.cefanel.ulaval.ca/afrique/senegal.htm>. Acesso em: 14 abr. 2018.

Como vários países da África, o Senegal é caracterizado pela sua diversidade linguística e cultural, nascido do encontro de três grandes civilizações: a negro-africana (herança das numerosas línguas nacionais), a árabe-islâmica (herança que começou por volta do século V e do século VI, e gerou uma língua de vulto, um livro sagrado e um sistema normativo e jurídico fortemente codificado) e a ocidental francesa (herança da colonização e do comércio, que infiltra-se não somente como língua, mas também com sua bíblia, sua literatura, sua administração, sua ideologia filosófica, política e jurídica). Essa diversidade fica evidente quando abordamos a constante migração que ocorre no continente africano.

## 1.2 Emigrantes/imigrantes: o caminho das línguas

Na perspectiva de Calvet (2007, p. 72), «la langue est un instrument de communication » (...) « système de signes vocaux », « doublement articulé », « spécifique aux membres d'une même communauté »<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> "A língua é um instrumento de comunicação" "(...) sistema de signos vocais", "específica aos membros de uma mesma comunidade".(Tradução nossa)

As culturas veiculadas pelas línguas devem ser simetricamente valorizadas para acompanhar essa promoção, pois as línguas são meios de expressão que fazem parte da cultura, conforme Taylor: “[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TAYLOR, 1871 apud LARAIA, 2009, p. 25). Essa variedade cultural pelo encontro de povos é que causa a coabitação de variadas línguas; e seu contato ou cruzamento é o que promove o que se chama de multilinguismo. Não apenas línguas diferentes, mas línguas misturadas entre si.

A dispersão geográfica dos grupos humanos explicaria, então, a diversidade das línguas faladas, e cada uma está associada à representação da diversidade cultural particular dos grupos sociais. Assim, as línguas estão longe de serem unicamente instrumentos de comunicação e de transmissão da informação.

O Senegal conta também com habitantes de etnias estrangeiras provenientes de outros países, devido a consequência de movimentos migratórios. Essas etnias são chamadas de Nars, que imigraram da África do Norte e Oriente Médio, principalmente da Argélia, Marrocos, Gâmbia, Guiné-Bissau e do Cabo Verde. No Senegal, os Nars têm uma importância muito grande, pois foram eles que constituíram a primeira comunidade estrangeira, bem antes da invasão dos franceses. As duas nacionalidades mais representadas são os libaneses e os mauros de Mauritânia. Depois, uma quantidade bem significativa de argelinos se instalaram na região de Dakar, bem como um número bem elevado de marroquinos. Em geral, foram os Nars que movimentaram a economia e levaram as línguas, em particular na área de comércio, e se espalharam nos grandes centros urbanos onde administravam seus pequenos comércios.

L’hypothèse la plus couramment admise sur le changement linguistique amené par l’urbanisation et l’immigration, est que les différents flux migratoires produisent un brassage de populations où les langues, les cultures et les identités ethniques se diluent au profit d’une langue, d’une culture et d’une identité urbaines. Identité qu’il faudrait définir et caractériser, et qui serait plus décelable chez les générations nées à Dakar [...]. Ainsi, l’insertion urbaine s’accompagnerait d’un abandon des langues d’origine au profit d’un ou de plusieurs véhiculaires urbains [...]. En même temps, la modification des fonctions des langues, le passage du statut de langue vernaculaire

au statut de la langue véhiculaire ou inversement, s'accompagnerait de la modification de la forme des langues. (CALVET, 2007).<sup>4</sup>

Calvet considera que a mudança na forma de algumas línguas ocorreu de acordo com a imigração e a urbanização, o que causou a diluição de algumas culturas e a justaposição de outras, como discutiremos no tópico 1.6 ao abordarmos a mistura de línguas e outros conceitos linguísticos.

Para Glissant (2005, p. 50), as línguas foram formadas por essa relação que envolve convivência e também dominação, relações dramáticas em defesa de monolínguas:

(...) E, por conseguinte, não posso escrever minha língua de maneira monolíngue; escrevo-a na presença dessa tragédia ["(...) relações de dominação, de convivência, de absorção, de opressão, de erosão, de tangência, etc. —, como um imenso drama (...)"], na presença desse drama. Não salvaremos uma língua do mundo deixando morrer as demais. Ou seja, na atual relação dramática entre as línguas, da mesma forma como não escrevo mais de maneira monolíngue, não posso mais defender minha língua de maneira monolíngue. É preciso que eu a defenda tendo consciência de que ela não é a única ameaçada no mundo (...).

Como trata Glissant, as relações extralinguísticas influenciaram fortemente a criação de línguas, de modo que devemos considerar todo um sistema cultural e social envolvido, cercado por problemas e desafios, o que nos faz considerar que há países multilíngues pelo contato e cruzamento e que não podem ser omitidos pela perspectiva linguística e social (cf. tópico 1.6 deste capítulo).

À parte questões políticas: língua e cultura são indissociáveis. E quando tratamos de ambas, a coexistência é um fato: "(...) Gostaria de repetir que o multilinguismo não supõe a coexistência das línguas nem o conhecimento de várias línguas, mas a presença das línguas do mundo na prática de sua própria língua; é isso que chamo de multilinguismo" (GLISSANT, 2005, p. 51).

---

<sup>4</sup> "A hipótese mais correntemente aceita sobre a mudança linguística trazida pela urbanização e imigração é que os diferentes fluxos migratórios produzem uma mistura de populações onde línguas, culturas e identidades étnicas se diluíam em favor de uma língua, cultura e identidade urbana. Identidade que se deveria definir e caracterizar, e que seria mais detectável entre as gerações nascidas em Dakar [...]. Assim, a integração urbana seria acompanhada de um abandono das línguas de origem em favor de uma ou várias veiculares urbanas [...]. Ao mesmo tempo, a modificação das funções das línguas, a passagem do status vernacular para o status da língua veicular ou inversamente, seria acompanhada da modificação da forma das línguas" (Tradução nossa).

Nesse contexto, o Senegal se apresenta como um país que possui uma vasta gama migratória formada por emigrantes e imigrantes: há os que chegam de outros países e há os senegaleses que vão para Europa, principalmente para viver na França e na Bélgica com o intuito de trabalhar e/ou estudar.

Nessa questão linguística, histórica e social, a política linguística de um país é importante por envolver aspectos da colonização e da educação formal, além de levantar os conceitos de língua vernacular e língua veicular, como veremos a seguir.

### 1.3 Política Linguística no Senegal

Independentemente do lugar em que se esteja e nas mais diferentes etnias, a educação formal chega por meio da língua oficial do país. Logo na infância, as crianças são alfabetizadas com o francês e/ou o árabe, língua da religião muçulmana, já que a maior parte da população é dessa religião.

Elas têm como primeira língua (L1) as línguas nacionais (vernáculos), provenientes das etnias presentes no território senegalês e, na maior parte das vezes o wolof (língua vernácula e também veicular, já que é a mais falada em todo o país), como segunda língua (L2). Ou seja, a língua francesa, para a maior parte da população senegalesa, é a terceira língua (L3), ou até mesmo a quarta língua (L4). Isso porque é usada principalmente nas instituições públicas, nos registros escritos, nas escolas e em famílias com pouca ou nenhuma relação próxima às línguas locais.

O wolof (L1) e o francês (L2) são usados principalmente pela população urbana ou da capital, o que configura a distância que existe entre a população e o francês, língua deixada como herança da colonização, que, apesar disso tudo, é a língua francesa que permite a comunicação entre os senegaleses e o resto da África e as outras nações do mundo nessa era da globalização.

Segundo Le Page (*apud* Calvet, 2007), os países que se encontravam em uma tal situação linguística, tinham a escolha entre as três opções a seguir:

a) utilizar uma ou várias línguas locais em todas as circunstâncias, segundo ele, por apresentar o interesse de preservar as culturas locais, de facilitar o ensino, de evitar rupturas entre pais e filhos ou entre diferentes classes sociais. Mas isso também poderia causar problemas no ensino superior e no desenvolvimento econômico, como



também poderia fazer com que o país estivesse politicamente e culturalmente isolado no cenário internacional. Escolher uma só das línguas locais poderia favorecer a unificação nacional, mas também ser visto como privilegiar um grupo e isso induziria reações violentas da parte de outros grupos, enquanto escolher várias línguas poderia, por sua vez, favorecer o separatismo.

b) dar o mesmo status a uma ou várias línguas locais e a uma língua internacional (língua do colonizador): segundo Le Page, este sistema apresentaria a vantagem de facilitar o ensino primário para todos, introduzindo a possibilidade de uma educação secundária e superior em uma língua internacional, o que permitiria o desenvolvimento econômico do país. Mas isso induziria, ao mesmo tempo, à criação de uma elite que transcenderia os grupos linguísticos e étnicos e se colocaria como classe social dominante diante daqueles que não tiveram acesso à educação secundária e não possuíam a língua internacional (a língua do colonizador).

c) utilizariam uma língua internacional em todas as circunstâncias: Segundo o autor, neste caso toda a educação se faria na língua internacional em questão, o que poderia, em um espaço de quinze ou vinte anos, unificar linguisticamente a juventude de uma sociedade plurilíngue. Isso criaria uma estranheza entre os jovens e seus pais e poderia, além do mais, estimular uma resistência popular, nacionalista ou ideológica.

As opções dadas por Le Page se concretizaram, pois logo após a independência, o presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor, escolheu para seu país uma política de educação bilíngue contando o francês, de uma parte, e as seis línguas nacionais, em outra parte. No seu decreto, de maio de 1971, ele expôs os motivos de sua escolha através dessa citação abaixo:

Tout d'abord remplacer le français, comme langue officielle et comme langue d'enseignement, n'est ni souhaitable, ni possible. Si du moins nous ne voulons pas être en retard au rendez-vous de l'An 2000. En effet, il nous faudrait au moins deux générations pour faire d'une de nos langues nationales, un instrument efficace pour l'enseignement des sciences et des techniques. Et à condition que nous en eussions les moyens financiers et humains, c'est-à-dire des savants et des techniciens assez qualifiés. Or, en cette seconde moitié du XXe siècle, quarante à cinquante ans de retard, cela ne se rattrape pas. (DUMONT *apud* EL HADJI, 2014, p. 21).<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> "Antes de tudo, substituir o francês como língua oficial e como língua de ensino, nem é desejável, nem possível. Se pelo menos não quisermos estar atrasados no compromisso para o ano 2000. De fato, teríamos pelo menos duas gerações para fazer uma de nossas línguas nacionais, um instrumento eficaz para o ensino das ciências e das técnicas. E a condição que tivéssemos os meios financeiros e

A partir dali o país adotou a língua francesa como sua língua oficial: tanto na educação, na política, na administração, nas relações comerciais e nos negócios, quanto na mídia. De acordo com os dados coletados em 2013 pelo censo do país, cerca de cinco milhões de senegaleses são francófonos, ou seja, 37% da população do país. Mas, o Senegal é também multilíngue, pois ele é composto por diversas etnias e cada uma delas tem sua própria língua, pois de acordo com o censo, o país detém mais de 40 idiomas falados dos centros urbanos até seu interior. O Senegal afirmou esta prioridade no artigo primeiro da Constituição da República de 7 de janeiro de 2001:

Article 1er

La langue officielle de la République du Sénégal est le Français. Les langues nationales sont le Diola, le Malinké, le Pular, le Sérère, le Soninké, le Wolof et toute autre langue nationale qui sera codifiée. (Constituição do Senegal, 2001).<sup>6</sup>

Esta disposição constitucional significava que o francês se tornava a língua da presidência da república, da assembleia nacional, da administração pública, das cortes de justiça, das forças armadas e policiais, do ensino em todos os níveis, da propaganda, das mídias, etc.

A presença de uma língua neocolonial (o francês) preenche a função de língua nacional ou de língua oficial, mas isso não constitui completamente uma resposta à situação sociolinguística e aos problemas de unificação que ela causa, pois, o francês é somente falado por uma elite senegalesa, uma minoria ao poder ou próximo do poder como por exemplo: os dirigentes políticos privilegiavam a língua que lhes parecia a mais favorável, imediata, disponível e operacional. Por consequência, isso não resolve em nada os problemas de intercomunicação para o povo, pois a escolarização é curta demais para que a língua francesa possa realmente se impor. Devido a esta complexidade linguística, existem línguas oficiais e outras não. As línguas oficiais são estudadas no sistema educacional e são usadas na administração,

---

humanos, ou seja, sábios e técnicos bastante qualificados. No entanto, nesta segunda metade do século XX, com quarenta a cinquenta anos de atraso, isto não se recupera." (Tradução nossa)

<sup>6</sup> A língua oficial da República do Senegal é o Francês. As línguas nacionais são o Diola, o Malinké, o Pular, o Serer, o Soninké, o Wolof e qualquer outra língua nacional que será codificada". (Tradução nossa)

já as que não têm esse reconhecimento legal são modalidades linguísticas minoritárias e com uma tradição literária marginal.

Esta circunstância de oficializar uma língua e outras não faz com que todas essas línguas minoritárias que estão fora do sistema de ensino se tornem línguas em perigo de extinção. Por isso, vale ressaltar que se uma comunidade de falantes não pode aprender sua língua e cultura no sistema de ensino regular, pouco a pouco sua forma de falar vai desaparecendo ou se torna uma raridade cultural, pois, como bem se sabe, uma língua só existe porque ela é usada (língua viva), ou seja, ela é falada de certa forma, ou pelas comunidades, ou no meio acadêmico e/ou institucional, senão ela morre, como ocorreu com o latim, considerado hoje uma língua morta.

As políticas linguísticas podem ser caracterizadas da seguinte forma: ao mesmo tempo para a promoção das principais línguas nacionais para fazê-las línguas de cultura, depois manter o francês como língua oficial e língua da comunidade internacional como o reconhece oficialmente o Artigo 1º da Constituição da República do Senegal de 7 de janeiro de 2001 (Constituição do Senegal, 2001). Houve uma vontade de colocar funcionários *wolofs* nas prefeituras, centros administrativos regionais. Esta política foi herdada do período colonial: os *wolofs* foram os primeiros em contato com a administração colonial e os primeiros formados.

À luz dessas observações, a política linguística do Senegal parece ser a seguinte: homogeneizar a longo prazo a coexistência das línguas senegalesas e do francês para assegurar ao mesmo tempo a paz social e o desenvolvimento econômico do país. O dia em que o *wolof* permitir ascender ao poder, o francês só se tornará útil para relações internacionais. Neste caso, as perspectivas de futuro do francês seriam reduzidas a uma segunda língua. Mas isso não está em eminência, pois sua descolonização linguística está começando agora.

Mesmo com os esforços realizados no que se refere à educação, o francês não se tornou uma língua veicular para os senegaleses, tendo em vista que o *wolof* já fez esse papel, e sua expansão é irreversível doravante. A melhor maneira de promover uma língua ou de eliminá-la é por meio do nível oficial. Por exemplo, se uma língua é obrigatória para o ensino, intercâmbios administrativos ou ainda uma pesquisa de emprego; quando mudanças importantes modificam o status de uma língua ou sua presença sobre um território particular, o lugar que ela ocupa na sociedade ela também evolui. Essas mudanças são mais perceptíveis e rápidas no momento de

mudança sociopolítica, consequência da declaração de independência de um país ou ainda em um momento de importantes fluxos migratórios.

O continente africano é um caso particularmente interessante por causa da sua dinâmica social e linguística, pois ela é o berço de um terço das línguas faladas do planeta, mas pouquíssimas dentre elas são reconhecidas como línguas oficiais pelos poderes locais. No continente, apesar da dimensão geográfica e da densidade demográfica, os países são multilíngues ou plurilíngues e multiculturais, situação linguística e cultural que decorre de fatores históricos e sociais de cada país.

A situação linguística de Senegal não é diferente desse cenário. O Senegal é membro da Assembleia Parlamentar da Francofonia desde 1967, como também da Organização Internacional da Francofonia desde 1970. As línguas senegalesas concorrem em um mesmo território com as línguas francófona, anglófona ou lusófona, línguas do ex-colonizador. Thais Cristófaros Silva disserta sobre línguas prestigiadas e marginalizadas:

Sabe-se que falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes, a partir da maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas e/ou construídas. Trata-se de variantes de prestígio e variantes estigmatizadas e, conseqüentemente, as variantes padrão e as variantes não padrão que, ou são relacionadas com a classe de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes, ou se desviam desses parâmetros. (SILVA, 2009, p. 12).

A situação de multilinguismo no Senegal remete-nos à relação língua e sociedade, questão objeto de estudo da Sociolinguística, ciência que se preocupa em explicar a variabilidade linguística e sua relação com diversos fatores linguísticos e sociais, buscando também relacionar variação e mudança linguística.

De acordo com Carvalho e Ferreira (2012), a sociolinguística é uma ciência relativamente recente, mas que revolucionou os preceitos outrora definidos no âmbito da linguística, por Saussure e Chomsky, integrando, em sua nova perspectiva, o fator social da língua e, com isso, abarcando as variações linguísticas.

Segundo Faulstich, “as variantes são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, faz do termo” (FAULSTICH, 2001, p.22). É nesse contexto que a sociolinguística estuda a língua em todas as suas formas, por esta ser um fato social, com autonomia e heterogeneidade.

## 1.4 Conceitos Linguísticos Fundamentais

Alguns conceitos são essenciais para a compreensão desta pesquisa a respeito de Multilinguismo. No artigo “Noções fundamentais para se pensar a poética do traduzir em Meschonnic”, Alice Ferreira aborda que a linguagem instaura um universo simbólico; no gerativismo a LINGUAGEM é uma faculdade inata do homem, no estruturalismo é considerada um signo socializado.

Em relação à LÍNGUA, Meschonnic (1999) a considera um sistema de linguagem que identifica a mistura inextricável entre uma cultura, uma literatura, um povo, uma nação, indivíduos, “e aquilo que fazem dela”.

Considera-se que MONOLÍNGUE é o povo que fala apenas uma língua (MONO = um), embora a linguística reconheça que isso praticamente não existe, apenas como estratégia de homogeneização pelos Estados. Embora a associação entre monolingüismo e nacionalidade sejam, teoricamente, uma concepção ultrapassada considerando as sociedades híbridas e mestiças da contemporaneidade, ainda persiste, para muitos, a crença em uma língua única (monolíngue), associada à identidade de um país. Este é um mito cuja aceitação tem origem, e é reproduzida, nos discursos políticos que pregam a defesa da identidade nacional, mas é também um discurso que ecoa em certas esferas da pesquisa acadêmica no campo da linguagem.

Edwards (2006) afirma que monolíngue é aquele que conhece, usa e compreende somente uma língua, mas pode ser que não exista, na realidade, um falante que seja apenas monolíngue, se consideramos que há diversos graus de bilingüismo (ex: determinada pessoa pode conhecer poucas palavras de outro idioma, ser iniciante). Por isso, o autor afirma que “todo mundo é bilíngue”:

Todo mundo é bilíngue. Ou seja, não existe ninguém no mundo (nenhum adulto) que não saiba ao menos algumas poucas palavras que não pertençam a sua variedade materna. (...). Essa capacidade, é claro, não leva muitos a pensar em casos de bilingüismo (EDWARDS, 2006, p. 7).

A afirmação do autor nos leva a pensar os termos de forma mais complexa. Para ele, principalmente no que se refere ao nível individual, o bilingüismo deve ser medido em graus, ou seja, cada falante possui um grau de multilingüismo e, muito

difícilmente, alguém será completamente monolíngue, ainda mais na situação de alta globalização e conectividade em que vivemos hoje.

A partir disso, é preciso compreender que o monolingüismo é um conceito relativo, ou seja, só faz sentido se pensado em contraposição ao conceito de bilingüismo. Todavia, todos esses conceitos podem ser abordados tanto do ponto de vista coletivo e social quanto do ponto de vista individual e pessoal.

Em relação ao BILINGÜISMO, Lyons (1987) ressalta que uma comunidade não pode ser descrita como bilíngue a não ser que haja um número suficiente de seus membros que o seja. Recentemente, Vaid (2002 apud ZIMMER, FINGER e SCHERER, 2008, p. 05) definiu “bilíngues” como sendo indivíduos que conhecem e usam duas línguas, as quais não seriam necessariamente utilizadas no mesmo contexto.

Bilíngue pode ser definido como uma pessoa que tem dois sistemas linguísticos, os quais ele/ela usa para se comunicar em situações apropriadas. Em uma situação bilíngue ou multilíngue, a “transferência” ou “interferência” é inevitável. Essa transferência funcionará nos dois sentidos, cada língua influenciando a outra. Um sistema pode ser mais dominante que o outro no relacionamento de dar e tomar, mas isso pode ser uma questão de competência relativa de uma falante, quando do prestígio social ou o poder das língua (gem)s.

Em relação à competência linguística, Lyons (1987) também explica a questão de que mesmo bilíngue, nem sempre haverá proficiência no mesmo nível nos dois idiomas falados.

Conforme o Quadro Comum Europeu (2001), o conceito de PLURILINGÜISMO está ligado ao ensino de línguas estrangeiras. Este conceito difere do multilingüismo, na medida em que este se refere basicamente à oferta de diferentes línguas estrangeiras para a aprendizagem e ao processo de motivação dos alunos para a aprendizagem de diferentes línguas, enquanto que o plurilingüismo não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também à estreita relação entre língua e cultura. Afirma o Documento:

A competência plurilíngue e pluricultural refere-se à habilidade de usar línguas para propósitos de comunicação e tomar parte em interação intercultural, onde uma pessoa vista como um agente social tem proficiência, de níveis variados, em diversas línguas e experiência de diversas culturas. (Conselho da Europa, 2001, p. 168).

O plurilinguismo decorre das competências de intercompreensão e de comunicação intercultural. Esse conceito se assenta, sobretudo, na necessidade de dar resposta à diversidade linguística e cultural de um país e de comunicar eficazmente em uma sociedade que é, cada vez mais, multilíngue e multicultural. Para uns, o plurilinguismo é a capacidade individual de falar várias línguas enquanto que o multilinguismo é o ambiente social em um espaço geográfico onde se praticam várias línguas (cf. Carta Europeia do Plurilinguismo, 2005).

De acordo com Calvet (2002), em 150 países existem aproximadamente cinco mil línguas, o que, do ponto de vista do autor, torna o mundo plurilíngue, com comunidades linguísticas que se costeiam e superpõem.

O plurilingüismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngüe, ou em situação de aquisição) ou a comunidade. E o resultado dos contatos é um dos primeiros objetos de estudo da sociolinguística. (CALVET, 2002, p. 35)

Conforme Calvet (2007, p. 35), o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e as comunidades linguísticas se costeiam e se superpõem continuamente. O plurilinguismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contatos pode ser o indivíduo (bilíngue, ou em situação de aquisição) ou a comunidade, o coletivo. E o resultado dos contatos é um dos primeiros objetos de estudo da sociolinguística.

Toda comunidade humana é dotada de linguagem fundada nas mesmas características gerais: utilização de meios fônicos ou gestos visuais, no caso dos surdos, a serviço da atividade simbólica (tradução do mundo). Nesse sentido, é necessário, antes de tudo, conceituarmos o Multilinguismo.

## 1.5 Multilinguismo

Como havíamos dito anteriormente, o artigo 1º da nova Constituição da República de 2001 do Senegal declara o francês como a língua oficial do país e a adota como a língua principal de escolarização do sistema público.

A política colonial sempre consistiu em impor o francês como a única língua de ensino e de administração. As línguas locais, que eram geralmente batizadas de “dialetos”, não eram levadas em conta e eram definidas mesmo como inferiores. Conforme a sociolinguística, línguas especiais, línguas profissionais, gírias ou línguas comerciais (*pidgins*) também podem ser consideradas como variedades funcionais.

Fator essencial de uma comunicação harmoniosa entre os povos, o multilinguismo reveste-se de uma importância muito particular e deve ser preservado e encorajado por meio de diferentes ações, em um espírito de partilha e de comunicação.

As diferentes competências desenvolvidas nos diversos contextos de uso nas duas ou mais línguas faladas pelos indivíduos coloca em destaque o mundo de ativação e processamento das línguas, que, segundo Grosjean (1999), constitui um contínuo, que vai de modo monolíngue ao modo bilíngue, passando por vários estados intermediários de processamentos e ativação das línguas usadas. Além disso, há diferenças individuais na habilidade com que os bis/multilíngues mudam o modo ao longo do contínuo. Tanto o bilinguismo como multilinguismo são dinâmicos, e não estáticos, pois o perfil do bi/multilíngue muda com o passar do tempo, à medida que ele progride no contínuo ou deixa de utilizar uma das línguas (ZIMMER FINGER e SCHERER, 2012, p. 5).

Para Olga Anokhina (2012), o MULTILINGUISMO se define como a prática de diversas línguas ao mesmo tempo. O Multilinguismo está ligado aos aspectos sociais e culturais do Senegal e de todo o continente africano. A excelência no uso de várias línguas, algumas das quais são perfeitamente impermeáveis às outras, é uma marca indiscutível de domínio. No entanto, existe situações em que, ao contrário, o uso concomitante de várias línguas pode ser na origem de uma forma extremamente rica e variada de criação.

O poder e a diversidade cultural estão intimamente ligados pelo fato da língua ser heterogênea, ou seja, quantos mais variantes se podem reconhecer dentro de uma mesma língua, maior será sua riqueza cultural e maiores as chances dessa mesma língua sobreviver, se difundir e se transformar.

A língua, como já foi dito, não é apenas um arranjo de palavras, ela representa ideias, traz contextos, permite conhecer a história da pessoa que fala e identifica sua origem, é um instrumento de identidade. Ela pode reunir pessoas de traços



semelhantes ou como no texto separá-las, o poder que uma língua exerce está mais relacionada às instituições que se apropriam dela.

A consequência da colonização no continente africano gerou a implementação das línguas europeias nas administrações e nos negócios; e em troca, gerou a desvalorização das línguas e culturas locais. Mas essa herança linguística colonial se deteriora logo após as independências. Esse artefato colonial no território africano nada é mais do que uma peça a mais colocada no museu das curiosidades históricas, contra sua vontade. Circunstância que, muitas vezes, causa reflexos graves nos países do continente africano.

Como afirma Malmkjaer (1997, p. 60 apud CALVET, 2007), “a maior parte da população do mundo é bilíngue ou multilíngue”. “Quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que elas se misturem em seu discurso e que ele produza enunciados “bilíngues”. (CALVET, 2007, p. 43).

Conforme Meschonnic (1999), a enunciação carrega consigo uma atividade do sujeito, uma “subjetivação do contínuo no contínuo do discurso”. Nesse sentido, é preciso se pensar a ideia do traduzir, a organização dessa subjetivação no discurso, que lida com cultura de nações, transforma os valores da língua em valores discursivos.

ENUNCIACÃO devolve a noção de sujeito à linguagem, tendo em vista que ela media a língua e a fala. Foi a partir da distinção saussuriana entre língua e fala que Benveniste pôde propor sua noção de enunciação (BENVENISTE, 2006). Benveniste também traz o conceito de DISCURSO concebido como a inserção do texto em seu contexto. Assim, ele carrega o propósito do emissor, visa alterar uma situação, estabelece uma troca, é sempre regido por normas sociais e apresenta um contexto.

## **1.6 Crioulização e Línguas em contato**

A crioulização, geralmente citada como mestiçagem cultural, é um fenômeno linguístico, social e cultural. Já nas ciências sociais não existe uma definição consensual do conceito, visto que processos de mistura cultural distintos em contextos

históricos diferentes foram também são chamados de crioulização.<sup>7</sup> Ela ocorre por meio de trocas linguísticas, sendo um movimento que pode acontecer com qualquer língua em qualquer lugar e a qualquer momento, por ser imprevisível. Para que a crioulização aconteça é necessário que duas culturas ou línguas diferentes e heterogêneas sejam postas em contato uma com a outra. Situações sociais são as causadoras das misturas de línguas.

[...] Ao passo que a crioulização, repito, intervém quando há duas ou várias áreas linguísticas heterogêneas que são colocados em contato, com um resultado que é imprevisível. Ninguém sabe quem pratica a crioulização, não aquela praticada no texto”, mas a crioulização da língua em geral, não se sabe quando a língua crioula nasce, nem através de quem, nem como. (GLISSANT, 2005, p. 67)

A crioulização é um termo desenvolvido por Édouard Glissant, definido como uma mestiçagem acrescida por uma mais-valia. A crioulização em si se dá pela junção de elementos culturais heterogêneos e dessa combinação resultam outros elementos que não podem mais ser individualizados, mas apenas entendidos como novos elementos característicos de uma cultura/povo (GLISSANT, 2005).

Devemos levar em consideração a criação de novas línguas por meio da mistura cultural, que ocorre quando uma comunidade busca se comunicar. Assim como há várias etnias, várias línguas são criadas para interação. Calvet (2007) retrata que a crioulização está ligada ao comércio e ao tráfico de escravos. Como uma tática para descaracterizar a figura forjada pelo opressor que se deu por meio de uma “recuperação” e valorização da história negada ou mal contada pelo colonizador.

Djiby Mané (2017) aborda o contato entre línguas (também chamado de crioulização ou mestiçagem), vertente defendida por Calvet, no artigo “A ecologia do contato de línguas e os empréstimos lexicais árabes nas línguas não árabes do Senegal”:

O contato entre línguas, ou melhor, entre povos, é um fenômeno comum no sentido de que faz parte da história linguística e social da maioria das comunidades linguísticas do mundo, visto que a delimitação política das fronteiras nacionais frequentemente não coincide com a de fronteiras linguísticas (exemplo da Gâmbia, que é um país localizado dentro do Senegal) (MANÉ, 2017, p. 29).

---

<sup>7</sup> Ver: PALMIÉ, Stephan. Creolization and Its Discontents. *The Annual Review of Anthropology*, n. 35, 2006, pp. 433-56.

A abordagem ecolinguística busca a observação das relações entre as línguas e o seu meio ambiente. Nesse sentido, a ecologia do contato de línguas procura entender as relações das línguas e seu contato com outras línguas e depois analisar o resultado desse contato na sociedade.

Calvet (1999) defende o que ele chama de “ecologia das línguas”, por considerar que as migrações de populações provocam o contato de línguas e a troca entre culturas, fenômeno causado pela interação. A ecologia das línguas é uma ciência que aborda a importância da preservação de línguas minoritárias. Os linguistas defendem uma atitude “ecológica” no que concerne às línguas, tendo em vista que por muito tempo não se importaram com a extinção de diversas línguas no mundo.

Para Calvet (2002), a interferência lexical e sintática (no caso de tradução literal, falsos cognatos ou criações de palavras por influência de alguma língua) acaba produzindo o que se chama de empréstimo linguístico<sup>8</sup>.

Contrariamente à interferência, fenômeno individual, o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva (é o caso do inglês emprestando ao francês grande parte de seu vocabulário), a ponto de se poder assistir, em contrapartida, a reações de nacionalismo linguístico.

Calvet (2002) ressalta as diversas situações em que os empréstimos linguísticos podem surgir. Uma delas pode ocorrer quando dois falantes de línguas diferentes se encontram em um contexto de turismo, por exemplo, e acabam utilizando uma terceira língua que ambos conheçam. Pela necessidade de comunicação, eles podem ter de utilizar uma forma de língua aproximada dos dois idiomas, que seria uma língua mista criada na situação de contato. Ao produzir enunciados bilíngues, o indivíduo acaba fazendo o que se chama de mistura de línguas.

---

<sup>8</sup> No empréstimo, utiliza-se um termo de uma língua para dizer algo em outra língua, com adaptações de pronúncia ou não, que podem ser chamados de neologismos ou estrangeirismos.

## 2 KEN BUGUL E O MULTILINGUISMO

Neste tópico apresentaremos como se dá a literatura de Ken Bugul, escritora senegalesa de prestígio, além de abordar o multilinguismo e o pós-colonialismo, responsável pela mudança nas relações linguísticas e de abordagem que foge ao etnocentrismo. Também faremos o levantamento das línguas que aparecem no romance.

### 2.1 Escrita autobiográfica

O forte envolvimento autobiográfico para lidar com questões controversas, como ablação, poligamia ou prostituição, tem caracterizado toda a carreira literária de Ken Bugul, que começou em 1982 com o romance *Le Baobab Fou*. A autora é, sem dúvida, um dos mais fortes nomes da literatura contemporânea senegalesa, junto com Mariama Bâ, autora de *Une si longue lettre*. Ambas são tidas como inovadoras, pois tiveram a audácia de escrever e contar suas autobiografias em romances denunciadores e reveladores de aspectos culturais senegaleses, quebrando as estruturas da literatura africana das últimas décadas e criando um novo estilo de contexto urbano.

Em relação a sua escrita ser autobiográfica, a própria autora afirmou em entrevistas<sup>9</sup> que a função foi a de assimilar o seu passado, tendo em vista o caráter terapêutico do confronto consigo mesma pela escrita.

J'ai écrit cette autobiographie pour moi-même, comme une évacuation, une démarche pour assimiler mon passé. L'autobiographie a un aspect thérapeutique car elle oblige à la confrontation avec soi-même. Vivre une telle expérience - la vie de 28<sup>e</sup> épouse du Sérigne - a ouvert en moi beaucoup de portes personnelles. Cela m'a guérie de beaucoup de choses, de ma possessivité et de ma jalousie avec mes hommes. Avant, je pensais que je devais avoir un homme pour moi, dormir avec lui toutes les nuits et tout faire avec lui. Et les autres femmes du Sérigne m'ont montré qu'il pouvait en être autrement, qu'il

---

<sup>9</sup> Compilação de três entrevistas que abordam sua vida e experiências e que são baseadas em sua conduta. Três de seus romances.

Disponível em: <https://www.ozebap.org/dones/continguts/txt/kenbugul.htm>. Acesso em 10 set. 2018.

fallait d'abord que je m'occupe de mon propre salut. J'ai trouvé que c'était bien de dormir seule, de prendre du temps pour moi. Cela a été une expérience fantastique pour ma propre émancipation. J'ai vécu ces années dans un milieu de femmes qu'on ne pense pas émancipées, et pourtant ce sont elles qui ont fait naître en moi la passion de la liberté.<sup>10</sup> (EVENE, 2006)<sup>11</sup>

Uma das escritoras mais presentes na literatura francesa de expressão francesa, Ken Bugul combina seu trabalho com o ativismo pelos direitos das mulheres, desde a luta contra a ablação até o planejamento familiar. Nascida no Senegal em 1948, ela atualmente mora em Benin. Em 1999, foi premiada com o Grand Prix da ADFL por seu romance *Riwan* ou *Le Chemin de Sable*.

Marétou Biléoma Mbaye, mais conhecida pelo pseudônimo de Ken Bugul – que significa em *wolof* “ninguém quer” – é uma romancista senegalesa nascida em 1948 em *Ndoucoumane*, uma cidade no interior do Senegal. Após passar sua infância na sua cidade natal, ela fez seus estudos secundários no liceu *Malick Sy de Thiès* e logo em seguida passou pela universidade de *Dakar* e cursou alguns anos. Lá, concorreu e ganhou uma bolsa de estudos para a Bélgica.

Durant ces premières années d'indépendance, je ne songeais qu'à mon émancipation. Je voulais être une femme bardée de diplômes qui épouserait un homme bardé de diplômes de l'école occidentale. [...] À l'école on m'avait appris à considérer les hommes de mon village comme des sauvages, des gens qui ne connaissaient pas les bonnes manières, faisaient l'amour avec brutalité, ne respectaient pas la femme et s'accouplaient à tort et à travers. (BUGUL, 1999, p. 39)<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Eu escrevi esta autobiografia para mim, como uma forma de colocar para fora, um passo para assimilar o meu passado. A autobiografia tem um aspecto terapêutico porque força o confronto consigo mesmo. Viver essa experiência - a vida da 28ª esposa de Sérigne - abriu em mim muitas portas pessoais. Ela me curou de muitas coisas, minha possessividade e meu ciúme com meus homens. Antes, pensava que tinha que ter um homem para mim, dormir com ele todas as noites e fazer tudo com ele. E as outras mulheres de Sérigne me mostraram que poderia ser diferente, que eu primeiro tinha que cuidar da minha própria salvação. Eu achei que era bom dormir sozinha, ter tempo para mim mesma. Foi uma experiência fantástica para minha própria emancipação. Vivi esses anos em um ambiente de mulheres que não são consideradas emancipadas e, no entanto, são elas que deram origem a uma paixão pela liberdade. (Tradução nossa).

<sup>11</sup> Entrevista com Ken Bugul - Partager L'humain - Entrevistada por Victoria Kaiser e Marie-Colombe Afota para *Evene.fr* - março de 2006 - 10/03/2006. Disponível em: <http://evene.lefigaro.fr/livres/actualite/interview-ken-bugul-senegal-piece-or-francophonie-296.php>. Acesso em: 10 set. 2018.

<sup>12</sup> “Durante esses primeiros anos de independência, pensava apenas na minha emancipação. Eu queria ser uma mulher cheia de diplomas que se casaria com um homem cheio de diplomas da escola ocidental. [...] Na escola haviam me ensinado a considerar os homens do meu vilarejo como selvagens, pessoas que não conheciam as boas maneiras, faziam amor com brutalidade, não respeitavam a mulher e acasalavam indiscriminadamente”. (Tradução nossa).

Ao se formar, vivenciou diversas experiências na Europa e conheceu vários países, línguas e culturas. Por muitos anos percorreu o mundo ocidental, transformando-se em uma mulher intelectual, o que lhe concedeu saberes múltiplos. Por fim, ela volta para o Senegal, longe dos preconceitos europeus para vivenciar sua cultura natal.

## **2.2 Pós-colonialismo na Literatura**

Após séculos de exploração colonialista e imperialista, surgem na África diversos movimentos nacionalistas de independência. Esses movimentos foram liderados pelas elites coloniais que mantinham forte contato com a metrópole e que utilizavam a língua europeia como língua do movimento de libertação. A língua, assim, sofre um processo de “ressignificação quanto objeto simbólico” (MARIANI, 2007, p. 244)

Diferentemente do surgimento dos Estados nacionais na Europa, criados através de um processo lento de pertencimento de um mesmo grupo geralmente homogêneo e exclusão, de construção de uma identidade em oposição ao outro, em alteridade, o surgimento dos Estados africanos se deu a partir da estrutura colonial e territorial, que agregava vários grupos étnicos, cada um com uma identidade própria que excluía e repelia as demais, num sentido de afirmação.

No decorrer da história importantes fluxos migratórios ocorreram, primeiramente por meio das conquistas de territórios nos séculos XVI e XVII, onde notadamente a França, a Inglaterra e a Espanha se impuseram economicamente e linguisticamente fora de suas fronteiras. Desse modo, a língua do descobridor/colonizador progressivamente se tornou língua de comunicação e de cultura, igualmente línguas institucionais (oficial em vários países). A partir do século XVIII várias línguas se tornaram línguas de produção literária e de comunicação. Ocorreram então uma mestiçagem cultural e linguística, ocasionando a literatura chamada de pós-colonial.

O pós-colonialismo influenciou uma literatura africana que retratava a formação da nação e identidade do povo, envolvendo questões políticas e linguísticas. Alguns autores inauguraram a literatura africana escrita em línguas europeias e expressaram

um posicionamento contrário ao colonialismo literário em suas obras, como, por exemplo, Cheik-Hamidou Kane (Senegal) (PEREIRA, 2012).

Ítalo Calvino (1993) fala que a perspectiva colonial nasce de um sentido político da crítica literária, necessária em várias regiões do mundo. Para ele, não podemos disassociar literatura e política, tendo em vista que a literatura dá voz a quem não tem, dá nome a quem não tem e especialmente àqueles que a política tenta excluir. Observamos na escrita de autores africanos da Negritude um de grito dos povos africanos reivindicando sua identidade suprimida pela colonização.

O movimento negritude foi um movimento criado em 1934, que buscou advogar em favor da liberdade criadora do negro e condenar a cultura do colonizador, buscando voltar-se às raízes africanas por meio da publicação de poemas e artigos em revistas, principalmente na revista *L'étudiant Noir* (o Estudante Negro), lançada em Paris, de relevância para difundir o movimento criado por Aimé Césaire (Martinica) - que foi o criador da palavra negritude - Léon Damas (Guiana Francesa) e Léopold Sédar Senghor (Senegal).

Com o intuito de contrapor-se à política que assimilava as potências europeias e questionar o modelo cultural ocidental, tal revista buscou difundir o movimento de negritude, sendo favorável à criação dos negros por meio de reuniões, exposições, assembleias. Esse movimento literário a favor da personalidade negra e de denúncia contundente da dominação cultural e da opressão do capitalismo colonialista marcou a fundação da ideologia da negritude no cenário mundial.

É a literatura que é capaz de impor modelos de linguagem, de visão, de imaginação, de relacionar dados, criando modelos de valor que são ao mesmo tempo estéticos e éticos, essenciais para projetos de ação política. A crítica ao eurocentrismo está presente pela compreensão da colonização. O sucesso da negritude favoreceu não somente a luta contra o colonialismo, mas também contra o racismo.

Interessante considerarmos o que identifica Calvet (2007) quando diferencia a literatura francesa da literatura francófona. No Senegal pós-colonial a relação entre língua e identidade tornou-se menos palpável e mais conflituosa. No que concerne à língua francesa normativa e suas variações, o francês senegalês buscou defender qual a variedade linguística serviria melhor aos propósitos de identificação da nação senegalesa.

O pós-colonialismo designa período em que as práticas de leitura e escrita eram interessadas em estratégias de análise do funcionamento das ideologias

imperialistas. Já em relação ao Senegal da contemporaneidade, identifica-se maior acomodação das variantes da língua francesa, assegurando-se que o francês seja língua oficial, de acordo com a Constituição.

A área literária senegalesa é ligada à língua francesa, de prestígio nacional. Como afirma Calvet (2007), os estudos pós-coloniais entendem o francês como língua plural, ou seja, que possui mestiçagem de línguas provenientes do Oriente, da África, do Caribe, ou vindas do Pacífico, e não formadas apenas do latim e do grego.

Assim, o percurso do Senegal não difere muito do percurso de outras nações, que passaram de nações coloniais para nações pós-coloniais (CANAGARAJAH e LYIANAGE, 2012 apud ARCHANJO, 2015), tendo em vista que a associação entre monolinguismo e nacionalidade seja, teoricamente, uma concepção ultrapassada quando consideramos as sociedades híbridas e mestiças da contemporaneidade, mesmo assim ainda persiste, para muitos, a crença de uma única língua (monolíngua) associada à identidade de um país.

Não podemos deixar de citar um trecho de uma entrevista com o escritor senegalês Cheikh Hamidou Kane. Indagado se os escritores africanos que escrevem em francês são publicados na França e lidos muito mais no exterior do que em seus países de origem, não seriam simplesmente escritores franceses de origem africana, Kane não hesitou em afirmar que eles eram sim africanos, acrescentando, ainda, que as experiências e as sensibilidades deles eram africanas, e que tinham toda uma tradição oral para se basear, diferentemente de escritores franceses ou ingleses que já tinham séculos de tradição escrita, e até mesmo, literária. Sobre a resposta de Kane, Coetzee acrescenta:

“It is not a mystical response that Cheikh Hamidou is offering here. (...) It is certainly not racist. It merely gives proper weight to those intangibles of culture which, because they are not easily pinned down in words, are easily passed over. The way that people live in their bodies. The way they move their hands. The way they walk. The way they smile or frown. The lilt of their speech. The way they sing. The timbre of their voices. The way they dance. The way they touch each other; how the hand lingers; the feel of the fingers. The way they make love. The way they lie after they have made love. The way they think. The way they sleep. We African novelists can embody these things in our writings (and let me remind you at this point that the word novel, when it entered European currency, meant almost nothing, it meant the form that was formless, that had no rules, that made up its own rules as it went along, that was all it meant)—we African novelists can bring



it off because we have not lost touch with the body “(COETZEE, 2000, p. 8).<sup>13</sup>

Essa geração de escritores africanos, em particular, escritores de literatura francesa de Senegal, registram um projeto libertador que é político e literário, comprometido com os referentes históricos. Na literatura, que é o nos interessa no caso, a nossa anfitriã usa como estratégia a valorização da história nacional, da cultura, dos heróis nacionais, dos costumes, da religião. Para isso, ela vasculha no passado, na história de seu país e revela o orgulho sentido não exclusivamente em nível nacional, mas sim de todos os povos do continente que se engajam ou se engajaram na luta contra o imperialismo.

Isso confirma o sentimento de solidariedade e cumplicidade que unia todos em torno de uma experiência e de um objetivo em comum: o descolonialismo, a independência, a liberdade, a afirmação da identidade e da diversidade. Isso em duas fases: na literatura pós-colonial e na literatura contemporânea.

Do pós-colonialismo podemos citar os escritores: Léopold Sédhar Senghor, Cheikh Anta Diop, Cheikh Amidou Kane, etc. que falavam mais com os movimentos políticos, sociais, de resistência e solidariedade ao povo negro, como o pan-africanismo e a negritude, já que estes também trazem em seus pensamentos a iniciativa de valorização do passado e a mitificação do continente. Usavam o francês clássico, sem erros, sem abusos na língua, ou seja, na norma culta da língua de Molière. Da literatura contemporânea: Mariama Bâ, Ken Bugul, Aminata, dentre outros, libertam-se da “africanidade” com audácia na escrita.

Mas todos usam em seus textos, um pensamento de valorização do passado e de militância contra a opressão e o imperialismo, como também a mitificação do continente, mas qualquer uma dessas formas de manifestação através da literatura, sempre foi acompanhada de sentimento de irmandade simbólica, que visa o combate

---

<sup>13</sup> “Não é uma resposta mística que Cheikh Hamidou está oferecendo aqui. (...) Certamente não é racista. Simplesmente dá um peso adequado para esses intangíveis culturais que, por não serem facilmente contidos em palavras, são facilmente ignorados. A maneira como as pessoas vivem em seus corpos. A forma como movem suas mãos. A maneira como andam. A maneira como sorriem ou franzem a testa. A cadência da voz. A maneira como cantam. O timbre de suas vozes. A forma como dançam. A maneira como se tocam; como os dedos pairam; o toque dos dedos. A maneira como fazem amor. A maneira como se encontram depois de terem feito amor. A maneira como pensam. A forma como dormem. Nós, romancistas africanos, podemos incorporar essas coisas em nossos escritos (e deixe-me lembrá-lo neste ponto que a palavra romance, quando entrou na corrente europeia, não significava quase nada, significava a forma que era sem forma, que não tinha regras, que fez as suas próprias regras, enquanto se formava, era só o que queria dizer) –Nós, romancistas africanos, podemos trazer isso de volta, porque não perdemos o contato com o corpo” (Tradução nossa).

ao racismo, segregação, a luta pela liberdade e a posituação do negro. Esses são os ideais que a literatura senegalesa ou africana, de um modo geral, assume, incorpora e transmite para a África e o mundo. Uma África em guarda, em alerta com o compromisso de pensar na identidade por meio de discursos. Na obra *Riwan ou le chemin de sable* o nacionalismo de Ken Bugul está evidente pelo fato de o wolof aparecer em 56% das ocorrências de línguas que foram levantadas fora a língua francesa (cf. tópico 2.4.2).

### 2.3 A importância do Exílio na poética de Ken Bugul

A experiência de deslocamento faz Ken Bugul confrontar, em sua escrita, a estranheza de ser “estrangeira” na Europa. Ken viaja, assim, não apenas em um modo geográfico, mas em um modo linguístico, desenhando em cada idioma o que os outros não podem formular. Na narração da Ken podemos observar uma língua-suporte investida, ou seja, invadida por uma outra: no sentido lexical, umas construções gramaticais/sintáticas. Estilo de interação linguística constitui de certa forma, uma fonte inegável de criatividade de linguagem e literatura.

Após esse estranhamento, a obra *Riwan ou le chemin de sable*, de Ken Bugul, traz a estória de uma mulher que depois de morar muito tempo na França resolve voltar para o Senegal, seu país natal. Lá, ela conhece um Serigne, líder religioso e pessoa respeitada na cidade. De uma simples amizade, ela acaba se tornando a 28ª esposa do Serigne, quebrando todos os preconceitos e diferenças entre as duas culturas. Não diferente da vida real, essa narrativa é autobiográfica e marco na literatura contemporânea.

Na narração, ela mistura etnotermos e os descreve, traduz, explica, define ou às vezes usa notas de rodapé. De fato, *Riwan ou le chemin de sable* é um exemplo perfeito para nos fazer ver claramente que é impossível recuperar em uma língua (francês) as relações entre materialidade linguística e sentido, estabelecidas em um texto em outra língua.

O francês sozinho não conseguiria transmitir a realidade ideológica e cultural senegalesa, assim Bugul brinca com o francês, mesclando elementos (etnotermos) culturais que envolvem vestimentas, alimentos, objetos, interjeições, saudações,

expressões religiosas que possam representar, ressimbolizar o Senegal e seus referentes históricos, além de utilizar outras línguas. Isso pode se traduzir como uma luta. Uma luta contra a dominação francesa e seus costumes pela afirmação de uma identidade nacional pela literatura.

Essa criouliização que ela faz no contato das línguas é uma estratégia para descaracterizar a imagem forjada pelo opressor que se deu por intermédio de uma “recuperação” e valorização da história que fora negada ou mal contada pelo colonizador. Com tudo isso, ela constrói um modelo literário e cultural em um processo de autoafirmação, de busca de expressão própria, a autoridade e as certezas instituídas pelo discurso hegemônico do colonizador são subvertidas, questionadas, desestabilizadas para produzir um novo discurso híbrido, libertador, descolonizador.

Nesse sentido, é necessário que consideremos a importância do exílio na poética de Ken Bugul, principalmente pelo fato de que o exílio nunca é somente geográfico, mas também social. O exílio tem duas facetas, uma positiva e outra negativa. Ele permite que os horizontes se abram a novas experiências, que se faça uma revisão de si, pois pode ser espaço de liberdade; mas também pode ser algo ruim, pelo fato de tirar a pessoa da sua zona de conforto.

Ken Bugul busca inspiração nas coisas de sua terra, sua aldeia, sua cultura, seu EU, mas também procura pelas memórias do que se passou no exílio, como demonstra a citação a seguir:

J'avais sous-estimé la capacité des sources, des origines à récupérer les siens. J'avais retrouvé mon village, mes sens, mon milieu, mon moi-même posé dans un petit coin et qui m'attendait depuis. J'étais réintégrée dans la société et remplissais mes engagements vis-à-vis d'elle avec beaucoup de bonheur. Je ne me sentais plus isolée. Je fonctionnais dans un milieu familial, avec les repères de mon environnement et les références de mon éducation traditionnelle (BUGUL, 1999, p. 181).<sup>14</sup>

Assim, ela não abandona a legitimidade de produção da sua arte, que é escrever, associando a herança da língua do colonizador (imperialista) à sua cultura, não anulando a sua vitalidade, além de se autoafirmar revelando pelo seu modo

---

<sup>14</sup> “Eu tinha subestimado a capacidade das fontes, das origens a recuperar os seus”. Tinha reencontrado minha aldeia, meus sentidos, meu meio, meu eu-mesma colocado num pequeno canto e que me esperava desde então. Estava reintegrada na sociedade e preenchia minhas responsabilidades diante a ela com muita felicidade. Não me sentia mais isolada. Eu funcionava num meio familiar, com as referências de meu ambiente e as referências de minha educação tradicional” (Tradução nossa).

narrativo que a literatura não é francesa, mas sim senegalesa e que tem suas especificidades, particularidades; enfim, elementos que a tornam única ou diferente.

Única, porque por meio de escritores que têm esse gênero como ela, a literatura senegalesa ou mesmo africana moderna desempenha um papel muito importante na luta pela independência e na projeção de uma nação, pelo fato de essa categoria de escritores protagonizarem a guerra ideológica e libertadora da reputação reducionista de subliteratura, literatura periférica.

O cenário literário e intelectual, que sempre eurocentraliza e usa o ocidente como referência, muitas vezes viu e julgou as narrativas desses escritores africanos como inferiores, devido à simplicidade de sua escrita (principalmente a poesia de combate) e a relação dessa escrita com a política, costumes e cultura vigentes.

Assim, por meio dessa estratégia da autora, nasce uma percepção da individualidade de sua cultura subalterna e cria uma política afirmativa das diferenças, um pensamento da margem que prima pela lógica da diversidade, da enunciação fraturada e híbrida nesse seu processo de ressimbolização do que é ser senegalês. Mesmo consciente de que a literatura africana sempre foi sucessivamente essencializada, folclorizada e a chamada prova da autenticidade pelo ocidente, Ken Bugul se liberta de rótulos, sem a necessidade de se autoproclamar.

## 2.4 Multilínguas na Literatura de Ken Bugul

A prática do multilinguismo literário em Bugul é revestido de diversas funções. Por meio da utilização de outras línguas, podemos levantar que algumas razões podem envolver o fato de que na língua francesa não existam certos dizeres que a permitam expressar o que deseja.

Desse modo, Ken Bugul, na condição de senegalesa, certamente fala o *wolof*, a língua mais falada pela maioria do povo de seu país; na condição de mulher intelectual, portanto, também fala francês, língua oficial do Senegal, ademais, e por viver por muitos anos na Europa, por razões acadêmicas, inevitavelmente aprendeu a falar outras línguas ocidentais (tidas como internacionais), tais como o inglês, e, por razões econômicas, políticas e da era da globalização, o espanhol, o árabe, etc.

Os escritores africanos de língua francesa de um modo geral usam a língua do colonizador, que geralmente é a língua oficial, e atravessam-na com as línguas vernáculas para expressar vozes, se comunicar com o mundo, mas, ao mesmo tempo, deixam registrados os empréstimos de suas línguas vernáculas. Isso se dá porque buscam deixar suas marcas culturais, ou querem penetrar a língua do colonizador para manifestar seus desejos, sua visão de mundo e costumes diversos.

No seu estilo, Ken Bugul deixa bem claro que não fala o francês da França, mas sim o francês local, com suas construções em contato com as línguas maternas e sua cultura. Ela tende a desconstruir a língua francesa no romance, optando por determinadas escolhas linguísticas na sua escrita, que imprimiriam à narrativa feições próprias do francês do Senegal, como podemos confirmar na citação a seguir:

Et bientôt les terres sablonneuses du Saloum, du Cayor, du Baol, du Ndiambour, étaient déchirées du lever au coucher du soleil par des sillons qui recevaient les graines d'arachide, de **mil**, de haricot, ce délicieux **niébé** dont la variété blanche était recommandée pour la sauce de couscous à la pâte d'arachide grillée, et la variété noire qu'on appelait couramment « **ndout** », pour le plat appelé « **mbaxal saloum** \* », la spécialité du Saloum. (BUGUL, 1999, p. 101)<sup>15</sup>

Com essa escrita, Ken Bugul mescla o universo da cultura senegalesa na sua arte de autora/tradutora das diferenças, contrárias ao ponto de vista da cultura colonizada e uniformizada. Tal escrita serve também para o desenvolvimento dos vocábulos das línguas autóctones (línguas nativas para uma região e falada por povos indígenas) e para levar o seu povo a se orgulhar de sua identidade senegalesa.

Estando consciente de que as atitudes do Estado tendem a contribuir indiretamente a um monolinguismo ou um bilinguismo francês/*wolof*, Ken Bugul demonstra consciência de que escrever em uma língua de empréstimo é aceitar participar de uma literatura de transição. Isso se justifica porquanto a função da narrativa na constituição identitária buguliana é perceptível no seu discurso, e é desprovida de preconceito linguístico. Esta situação é comprovada pela casualidade com a qual os personagens de sua obra usam o *wolof* e o *wolofal*. Assim, os dialetos

---

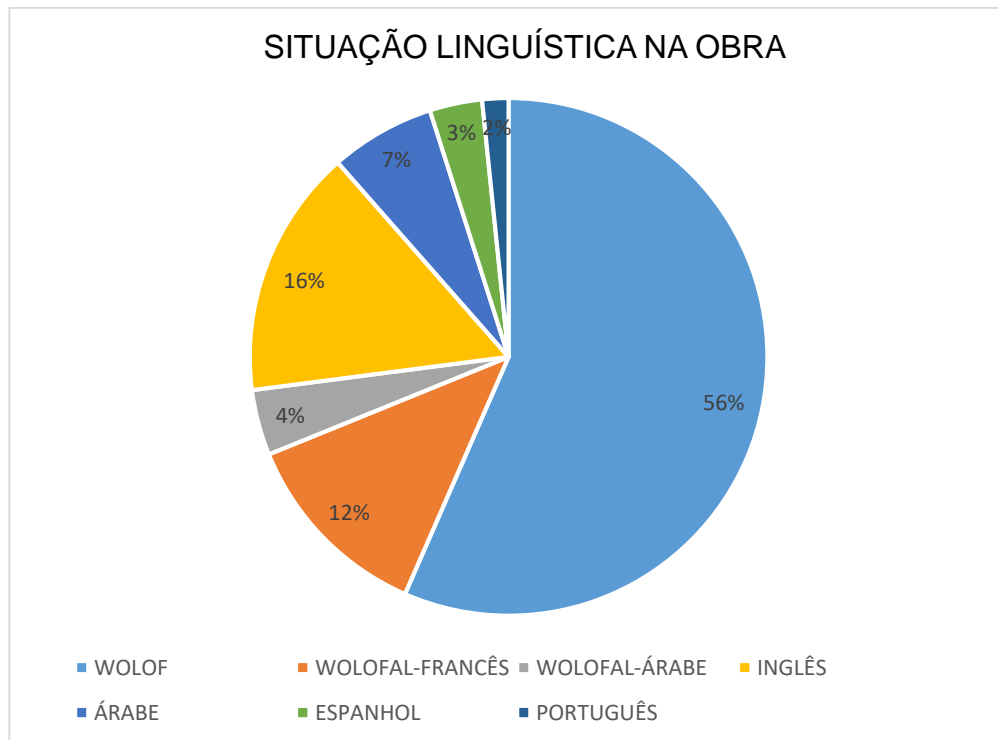
<sup>15</sup> "E logo as terras arenosas do Saloum, do Cayor, Baol, do Ndiambour, foram rasgadas do nascer ao pôr do sol por sulcos que recebiam as sementes de amendoim, de milheto, de feijão, este delicioso niébé cujo a variedade branca era recomendada para o molho de cuscuz de pasta de amendoim torrado, e a variedade preta que era correntemente chamada de "ndout", para o prato chamado "mbaxal saloum\*", a especialidade de Saloum." (Tradução do autor).

utilizados se tornam um fator de diferenciação em relação à língua francesa, como uma forma de resistência ao apagamento de sua identidade.

Como apresentado, Ken Bugul escreve em francês, língua oficial de seu país, o Senegal, mas ao mesmo tempo nota-se em toda a obra a presença de outras línguas, tais como o *wolof*, o inglês, o árabe, o espanhol, o português e o *wolofal* (que é uma crioulização gerada pelo contato do *wolof* junto a essas línguas). Nesse contexto, a situação linguística do Senegal se compara com a da obra em estudo, e está representada no gráfico a seguir.

No Gráfico 1 fizemos um levantamento da quantidade de vezes (porcentagem) em que cada língua esteve presente no romance de Ken Bugul.

Gráfico 1 – Situação linguística na obra



Fonte: o autor.

Aqui apresentamos as línguas que aparecem em *Riwan ou le chemin de sable*, de Ken Bugul, na ordem de importância no romance.

### 2.4.1 Francês

O francês é a língua oficial e a única língua de escolarização do sistema público senegalês. Isso se reflete também nas regiões e nas pequenas cidades, como *Daroulère*, cidade anfitriã da história narrada na obra de Ken Bugul.

No entanto, mesmo sendo a única língua oficial da administração pública, da presidência da República, das Relações Internacionais e praticamente universal no Senegal, o francês está em constante concorrência com o *wolof*.

O senegalês fala a língua de Molière por esta ser imposta, além de ser vista como acadêmica, difícil, elitista, uma língua de prestígio, de promoção social e que dá acesso ao poder. Mas, para o Estado, conservar o francês como a única língua oficial lhe atribuirá e assegurará a salvaguarda de unidade nacional e a coexistência harmoniosa entre os grupos étnicos definidos pelas línguas nacionais, o que permite o respeito à diversidade etnolinguística, sem atenuar a dominação do *wolof*.

No romance, é a língua da narração, mas marcada pelas outras línguas nacionais, caracteriza-se como o francês do Senegal e não da França.

### 2.4.2 Wolof

Como todas as línguas dos povos colonizados pela França, o *wolof* foi recusado, colocado em inferioridade hierárquica diante da língua francesa. Além de ser uma das seis línguas nacionais do Senegal, o *wolof* é a mais falada e amplamente espalhada e utilizada em quase todas as atividades cotidianas.

Ela é a língua usada no comércio, nas ruas, na cidade e nos meios de comunicação e está em situação de expansão em detrimento das outras línguas nacionais. Segundo Bloomfield (*apud* Calvet 2007), essa língua é utilizada para a intercomunicação entre comunidades linguísticas geograficamente vizinhas e que não falam as mesmas línguas. Essa afirmação de Bloomfield nos permite considerar que as línguas nacionais (vernáculos) são ou foram línguas veiculares. Sua expansão é bastante relevante em todas as comunicações: tanto nas administrações públicas como em administrações privadas, no ensino e nas grandes aglomerações, tais como

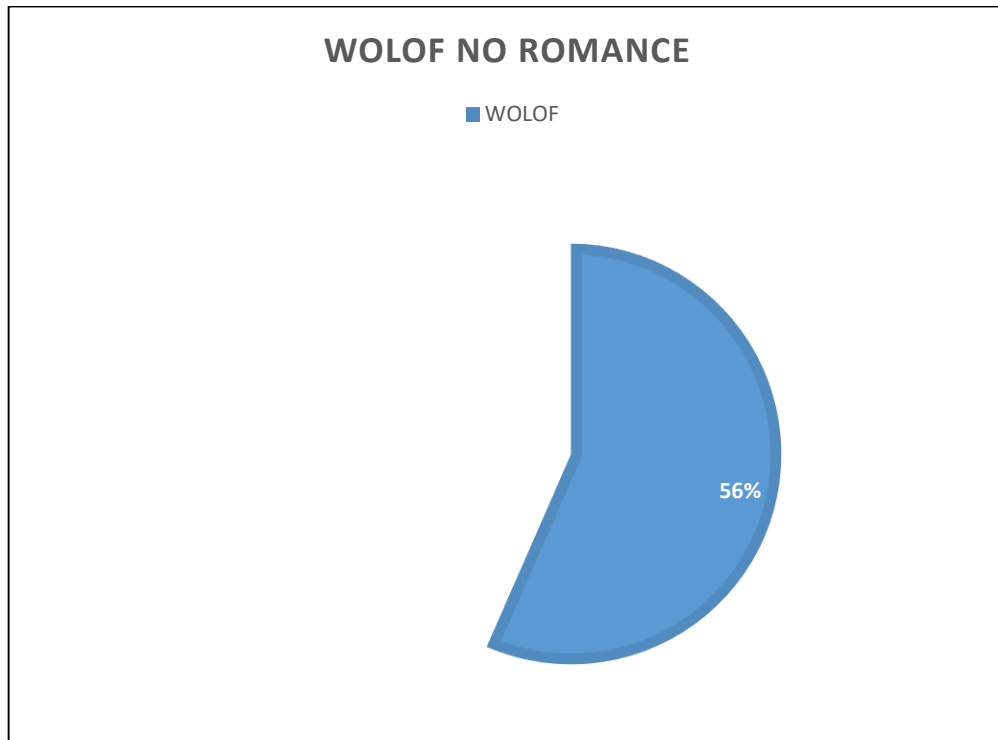
mercados ou conferências religiosas, como a do “mouridismo” (a irmandade islâmica) de *Daroulère*, cidade da concessão do *Serigne*, usada como meio de pregação de religião. O *wolof* é a língua vernácula do povo, a língua cotidiana, dos negócios, das artes, dos esportes, das atividades populares.

As situações a seguir exemplificam a presença do Wolof no discurso narrativo da autora:

Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)
<b><i>Diar</i></b> *	<i>Wolof</i>	<p>« Un peu plus tard, Sokhna Xat arriva avec une cafetière dont le bec verseur fumant répandit dans la pièce un arôme fort, aux senteurs de « <b>diar</b> » *. L'homme-Gardien se leva aussitôt pour faire le service. (...) * Variété de clou de girofle. » (Bugul, 1999, p. 23, grifo do autor)</p> <p>“Um pouco mais tarde, Sokhna Xat chegou com uma cafeteira a qual o bico esfumaçado despejou no quarto um aroma forte, com cheiros de “<b>diar</b>”*. O Homem-Guardião imediatamente se levantou para fazer o serviço. (...) * Variedade de flor de cravo. ” (Bugul, 1999, p. 23, grifo e tradução do autor)</p>



Gráfico 2 – Wolof no romance



Fonte: o autor.

Excetuando-se o francês, o wolof aparece em 56% das vezes no romance, representando a importância dessa língua nacional que é uma das mais faladas no Senegal. O francês como língua de narração pode ser associado ao fato de o wolof ser a língua vernácula mais falada no país (por 40% da população), comparável tanto quanto na obra. Aparecem termos de vestimentas, comidas, objetos culturais, uma vez que as noções de hibridismo da linguagem e de confronto entre duas línguas estão presentes.

### 2.4.3 Wolofal (crioulização)

Como havíamos dito anteriormente, o francês não é a herança natural do senegalês. Os senegaleses sabem falar pelo menos umas das línguas nacionais (vernáculos), mas o *wolof* é a mais falada. Considerar uma língua vernácula como língua nacional não lhe atribui nenhum status particular, nenhuma legitimidade particular, enquanto funções precisas específicas não lhe forem atribuídas. Para o

Estado, a única língua oficial é o francês, o que indica uma política linguística desigual nesse quesito. Segundo Fishman (1971, p. 22):

As variedades regionais também podem tornar-se variedades sociais. Quando imigrantes de uma área geográfica X representam a classe sócio-econômica mais baixa na área Y, então seu dialeto pode ser considerado como expressão simbólica de seu baixo status social.

A afirmação de Fishman (1971) se confirma e se aplica à situação linguística do Senegal, pois a homogeneidade do *wolof* fez com que existam variedades regionais e lexicais, tais como os *wolofals*. O dialeto wolofal é uma mistura urbana do *wolof* com as línguas: francesa, árabe e inglês, e ele é falado tanto na capital como em outras regiões. No Senegal, quem não recebeu a educação tradicional o usa de um modo informal e tende a usá-lo com inteligência, crioulizando-o.

Na obra em questão, Ken Bugul faz a mesma coisa: um jogo de crioulização, que chamo de *wolofal*, que, por meio do contato da língua clássica do colonizador, o francês, Ken Bugul cria o wolofal-francês. Trata-se de uma escrita mestiça que deriva dos diálogos entre formas de textualidade do francês escrito e formas de textualidade das línguas vernáculas, visto que certamente o francês sozinho não conseguiria transmitir a realidade ideológica e cultural senegalesa, como veremos abaixo.

#### **2.4.3.1 Wolofal-francês**

A autora usa sua arte brincando com o francês, mesclando elementos culturais, tais como vestimentas, alimentos, objetos, interjeições, saudações, expressões religiosas que possam representar, ressimbolizar o Senegal e seus referentes históricos. Isso pode se traduzir como uma luta. Uma luta contra a dominação francesa e seus costumes em favor da afirmação de uma identidade nacional por meio da literatura, o que passa necessariamente pela retomada das línguas nacionais e seus contratos.

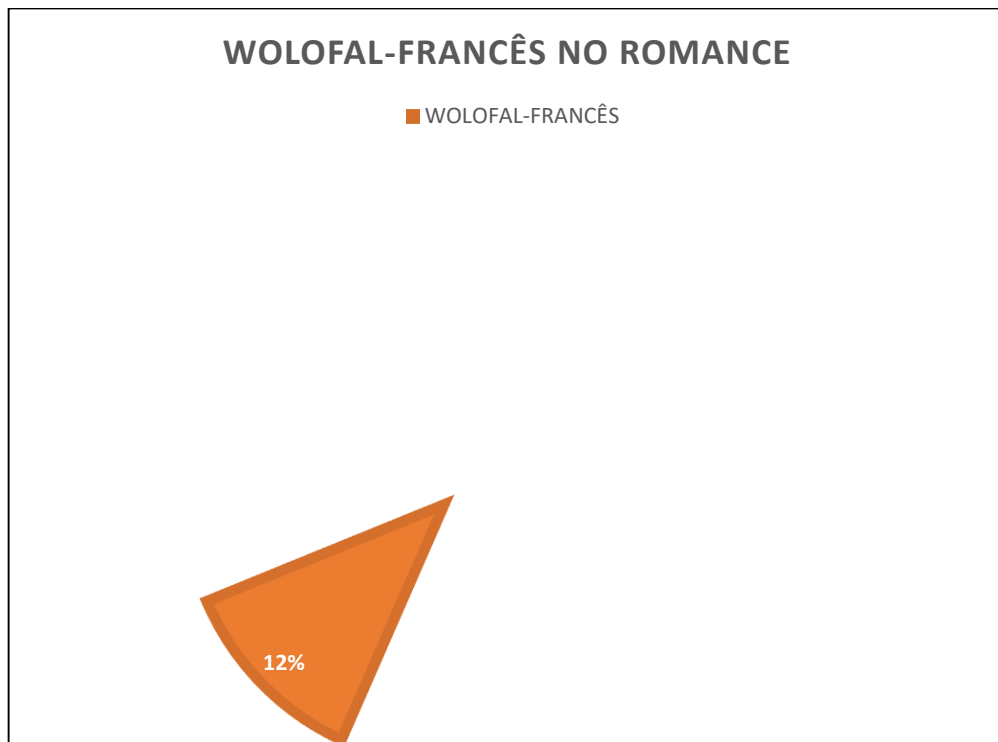
Essa incursão na cultura local se faz necessária à medida que um sentimento nacionalista ou de identificação nacional é criado e requer, obrigatoriamente, livrar-se

da negatividade imposta pelo colonizador e fundar bases que afirmem a aspiração da construção de um país independente ou de uma nação consolidada.

O exemplo de “Bazin” ilustra o uso do wolofal-francês no romance de Ken Bugul:

Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)
<b>Bazin</b>	<i>Wolof</i>	« <i>De beaux habits, larges, taillés dans un tissu en <b>bazin</b> de qualité, de couleur bleu ciel.</i> » (Bugul, 1999, p. 25, grifo do autor)  “ <i>Roupas bonitas, largas, cortadas em um tecido de <b>bazin</b> de qualidade, de cor azul celeste.</i> ” (Tradução nossa)

Gráfico 3 – Wolofal-francês no romance



Fonte: o autor.

Por meio do gráfico, percebemos como o wolofal-francês é importante na obra de Ken Bugul, tendo em vista que, pelo levantamento de itens lexicais, aparece em 12% das ocorrências.

### 2.4.3.2 Wolofal-Árabe

O wolofal-árabe, como o wolofal-francês, desempenha um papel importante, que é de servir como meio de comunicação. O fator religioso é bastante relevante, tendo em vista que muitas religiões estão ligadas a uma língua sagrada. A população senegalesa, por ser majoritariamente muçulmana, quer se aproximar da religião ou demonstrar que esta faz parte de sua vida. Percebemos que nas comunicações tendem a inserir expressões árabes ou wolofal-árabe no falar senegalês, conforme afirma Mané:

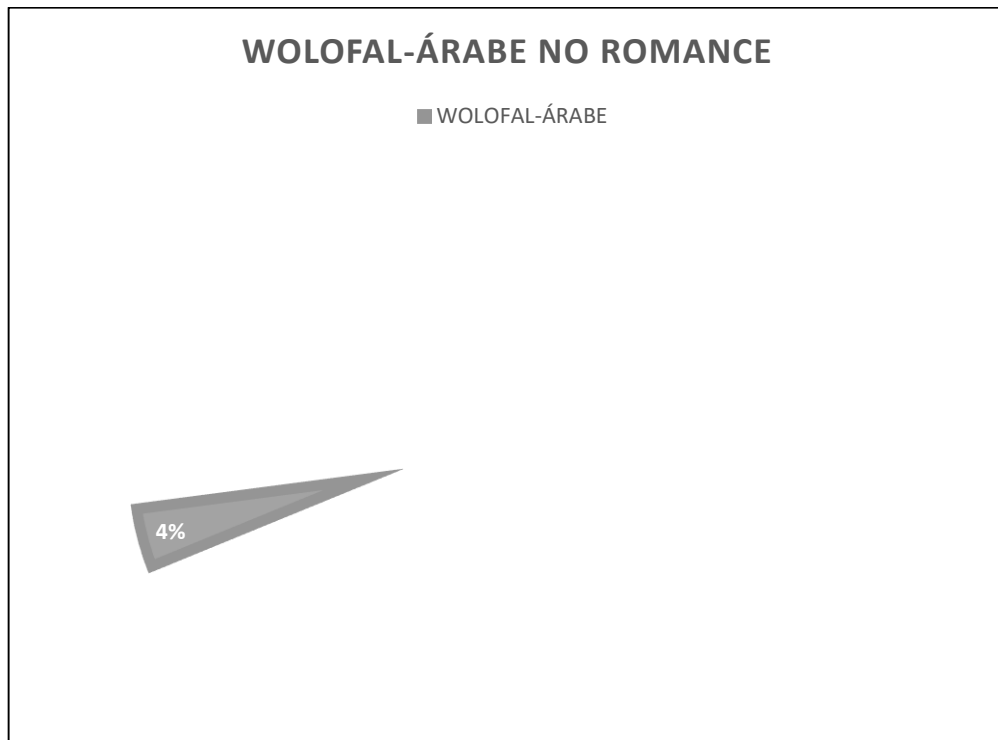
Em países muçulmanos não árabes, usam-se expressões como “Allah”, “Incha Allah”, mesmo existindo equivalências nas línguas locais. Essa situação resultou em um “casamento cultural” entre o árabe e as línguas locais com a influência do árabe nas línguas senegalesas, ocorrendo uma adaptação fonética., fonológica e morfológica (MANE, 2017, p. 26).

O povo vê com frequência a língua sagrada como língua sábia, língua de referência, mas também a usa nas comunicações cotidianas. Conforme citação acima, há um “casamento” de línguas. Isso nos traz elementos úteis de reflexão e demonstra os vetores da propagação do Islã.

Abaixo destacamos a palavra *bissimila*, que é polissêmica, pois muda de significado o tempo todo, de acordo com o contexto. Ela significa, em várias situações, sinal de gratidão a Deus, outras vezes sinal de cordialidade, ou pode ser empregada com sentido de “boas-vindas”, como também pode ser traduzida como: “pois não!”, “às ordens!” ou “seja como queira!”, etc.

Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)
<b>Bissimila</b>	Wolofal-árabe	« Je saluai respectueusement le Serigne en mettant les genoux à terre et en prenant appui sur mes deux mains. Il répondit à mes salutations par un « <b>bissimila</b> » et me demanda de m’approcher. »

Gráfico 4 – Wolofal-árabe no romance



Fonte: o autor.

De acordo com o Gráfico 4, a presença de wolofal-árabe no romance se deu em 4% das vezes, sendo considerada relativamente pequena. É utilizada apenas para interjeições e saudações, principalmente envolvendo a religião islâmica.

#### 2.4.4 Árabe

Segundo Mahmud (apud CALVET, 2007), a língua árabe surgiu na África no século XIX pelos comerciantes de Cartum que, fazendo o comércio de escravos e do marfim, por lá ficaram. Segundo o mesmo autor, o árabe manifestou também uma forte presença no Senegal, em que 94% dos senegaleses são muçulmanos. A maior parte do povo falante do árabe, idioma usado pelas autoridades religiosas, fez estudos de teologia islâmica.

A expansão do árabe se deu por vários aspectos, e sobre dois em particular: o aspecto urbano (o fator geográfico, econômico e político) e o aspecto comercial. O segundo aspecto se deve pelo fato de que a maior parte dos comerciantes vindos do

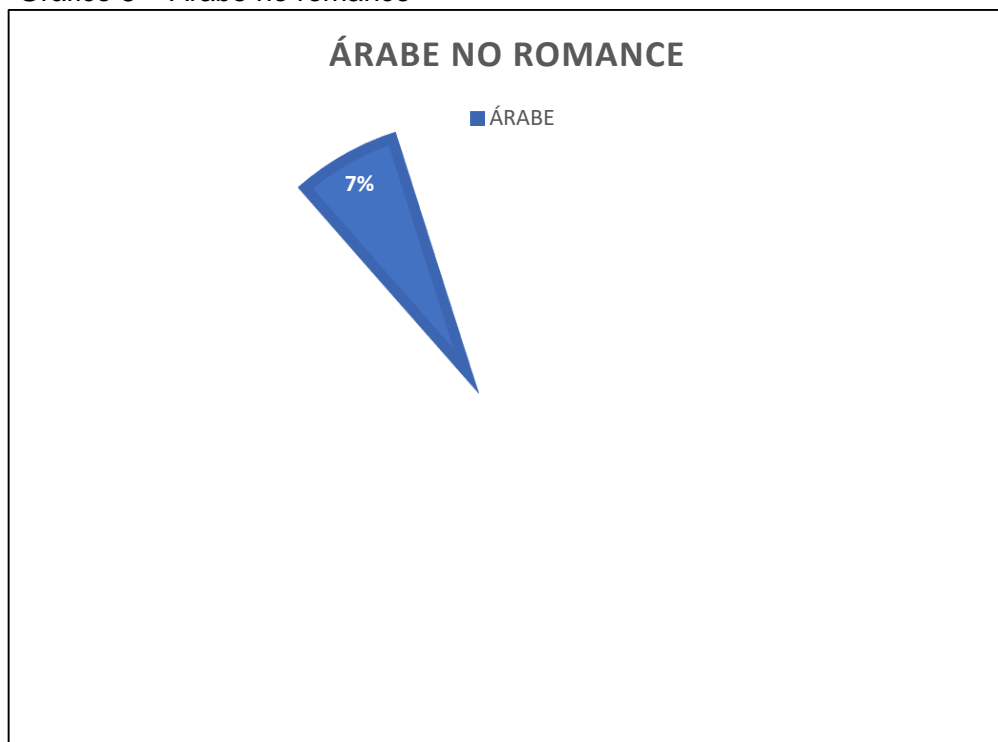
norte é de origem árabe. Com a convivência, logo surgiu um tipo de *pidgin* na função veicular, que se criou logo em seguida (CALVET, 2007).

Uma comunidade linguística tem um falar próprio do grupo, ao mesmo tempo em que os diferencia de outros grupos. Por exemplo, em locais públicos não há dificuldades para os membros de uma mesma comunidade trocarem mensagens e executarem suas atividades normalmente, tendo em vista que apenas eles conhecem o código linguístico utilizado e são capazes de compreender a mensagem transmitida. Isso é bem comum entre as etnias africanas, como retrata Ken Bugul em sua narrativa.

O trecho a seguir revela o contato do árabe com as línguas vernáculas no romance:

Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)
<b>Bâssiran</b>	Árabe	« J'avais compris que Dieu Était <b>Bâssiran!</b> Le Regard Intérieur. »

Gráfico 5 – Árabe no romance



Fonte: o autor.

De acordo com o Gráfico 5, a presença do árabe se deu em 7% das ocorrências, e assim como no wolofal-árabe, foi por meio de expressões religiosas, principalmente de saudações. Esse contato do francês com o árabe expressa a presença do Islã na obra de Ken Bugul.

#### 2.4.5 Inglês

Após os últimos cento e cinquenta anos, ou seja, desde a presença francesa no país, o francês serviu muito e foi consideravelmente empregado na consolidação do patrimônio literário, político, científico e cultural. Devemos reconhecer também que o Senegal se constituiu pelos vícios da língua francesa, apesar do fardo da colonização, na evolução do país, mesmo sabendo que a lógica da descolonização gostaria talvez que tudo o que perpetua as sequelas e os símbolos da dominação colonial fosse apagado da consciência coletiva e das instituições nacionais. No entanto, sabe-se também que uma descolonização desse tipo, carregaria certamente riscos e sacrifícios. Essa é talvez a verdadeira razão pela qual os anfitriões das independências, como o *Senghor* e os primeiros chefes de estado africanos, têm conservado a língua do colonizador.

Agora vivemos em uma era da globalização, que exige de cada povo uma abertura e uma disposição para adentrar no círculo de uma história relacional que nada nem ninguém mais pode parar. A estrutura atual do mundo não permite mais o fechamento sistemático de um país e quem o faz se encontra em retrocesso ao se encerrar em seu universo. A língua inglesa acabou se impondo não somente na área de pesquisa científica e na inovação tecnológica, mas também na política e na economia mundiais. Vivemos na era da civilização informática, da comunicação e da consumação. Nesses três setores o inglês é a língua que serve de locomotiva.

A língua nos abre um universo de sentidos e de valores que nos cultivam e nos libertam dos prismas estreitos do imperialismo absoluto de uma só língua que condena à calamidade de uma só cultura. Já que as línguas veiculam uma visão do mundo, uma cultura política e saberes diversos, o multilinguismo é indispensável a toda forma de integração.

O inglês não é uma simples língua estrangeira, pois a República de Gâmbia está situada dentro do Senegal, e sua língua oficial é o inglês. Vale lembrar que os dois países, apesar de terem colonizadores diferentes e línguas oficiais diferentes, têm os mesmos grupos étnicos e falam as mesmas línguas vernáculas. Então, partindo-se dessa situação, pode-se dizer que o inglês faz parte da história do Senegal e podemos mesmo afirmar que o inglês poderia ser a segunda língua oficial do Senegal. Ele não ocupa um papel social particular, mas os movimentos de opinião são expressos na imprensa reivindicando a inclusão do inglês na lista de línguas oficiais pelo fato de estar no cume da globalização.

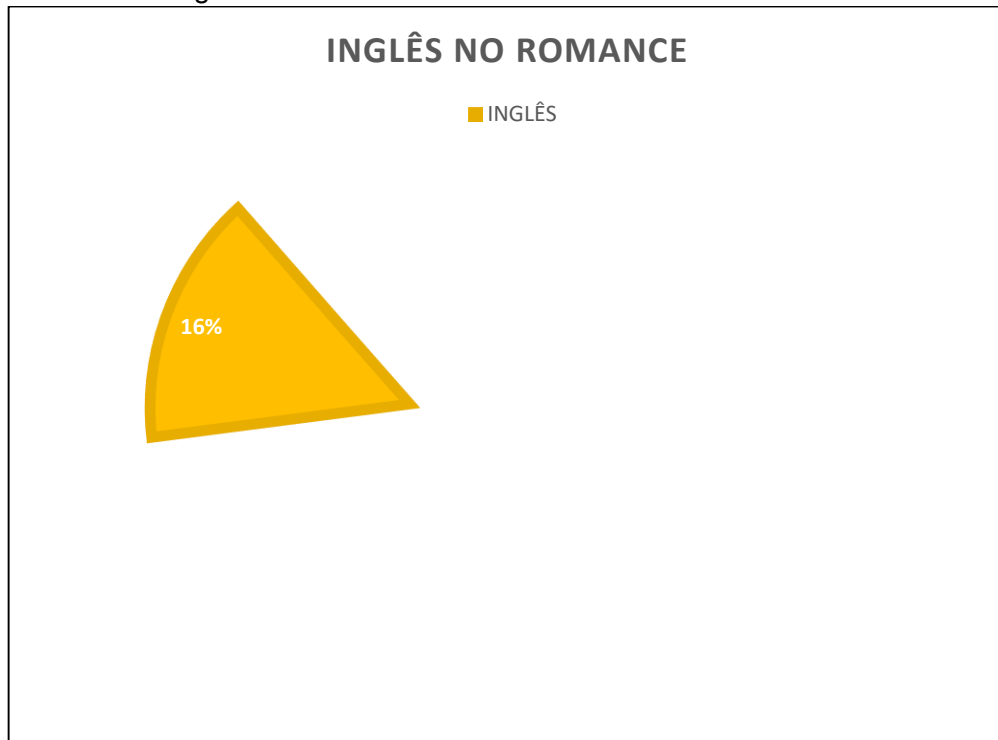
Na época da escravidão, ele era muitas vezes usado como *pidgin* por comunidades linguísticas de origens diferentes, que não tinham ao seu dispor um meio de comunicação a não ser tentar usar a língua do patrão ou do contramestre fazendo empréstimos na base de substratos (fonológico e sintático) (CALVET, 2002).

Os traços do inglês no discurso narrativa do de Ken Bugul é ilustrado no exemplo a seguir:

<b>Unidade Lexical</b>	<b>Língua</b>	<b>Contexto (Ken Bugul, 1999)</b>
<b>Remember!</b>	Inglês	« Alors que les machines à coudre d'Oradour-sur-Glane avaient servi et servaient encore quand un jour de juin 1944... <b>Remember !</b> »



Gráfico 6 – Inglês no romance



Fonte: o autor.

De acordo com o gráfico, a presença do inglês na obra de Ken Bugul é muito importante, pois aparece em 16% dos itens lexicais, de acordo com levantamento. Algo que não podemos deixar de notar foi que o Inglês apareceu na obra sem tradução, sempre com ironia, exclamação, no imperativo, por meio nota de rodapé, descrição ou explicação, o que denota que a intenção da autora pode ter sido apresentar uma língua considera “universal”, e que todos os falantes deveriam dominá-la, compreendê-la (cf. Capítulo 3).

No próximo tópico buscamos fundamentar teoricamente a tradução etnográfica e a prática tradutória.

### 3 TRADUÇÃO ETNOGRÁFICA

Antes de abordarmos a tradução etnográfica, devemos conceituar a tradução, importante para esta pesquisa a respeito do multilinguismo na obra de Ken Bugul. Jahnke, Delisle e Cormier (2013) ressaltam que traduzir consiste em renunciar um texto de partida em lugar da criação de outro. Ele sempre deve observar as circunstâncias da enunciação e as marcas deixadas pelo enunciador, analisando sempre a enunciação e não o enunciado. Assim, o traduzir estabelece a descentralização da língua, envolve discursos e enunciações para se representar a linguagem.

Meschonnic (1999) afirma que não traduzimos mais determinada língua, mas sim a escritura e o discurso. Para Meschonnic, a tradução não pode fugir da alteridade, do encontro com o outro, em diálogo. O outro deve ser o centro do tradutor.

Ferreira (2017) afirma que é necessário que destaquemos que a descrição etnográfica é uma atividade de construção e de tradução na qual o pesquisador-escritor produz muito mais que reproduz. Ferreira (2014, p. 386) também enfatiza que a tradução etnográfica vista a partir do paradigma da descrição permite que se compreenda processos de construção de um texto: “O estudo da descrição-tradução enquanto atividade de um sujeito que olha/lê e escreve o que olha/lê deve passar por uma ruptura do olhar”.

Para Catford (1980, p. 53), “a tradução não pode ser vista essencialmente como um processo de transcodificação ou de transferência” de significados entre línguas”. Porque cada código linguístico é um sistema único de significados (de valores) próprios, em si mesmos intransferíveis. Certamente seria intraduzível para o português se ele como língua de chegada não compartilhar a estrutura e as crenças da língua de partida caso tivermos a fixação dessa visão arbitrária do alfabeto e sobre a natureza inspirada, polissêmica e verdadeira, em qualquer nível de interpretação.

Nesse sentido, tanto etnografia quanto tradução:

São atividades em revolta permanente contra as convenções sociais ou linguísticas do vago, do confuso, do mais-ou-menos, assim como do status quo dos discursos ordinários. Elas fazem a experiência da insuficiência tanto da linguagem cotidiana no que há de lamentavelmente estereotipado e repetitivo quanto de certa escrita “científica” que não parece particularmente se preocupar com as

palavras. O objeto da literatura, da tradução e da etnografia, é o outro: o outro da língua, o outro do texto, o outro da sociedade. Escrever, traduzir, exprimir a especificidade de uma cultura na qual não nasci, é caminhar fora de si, é tornar-se outro (LAPLANTINE, 1995, p. 506)

François Laplantine (2006) define a etnografia como atividade visual e como uma escrita-tradução do olhar, de modo que reforça que a etnografia está na observação, que envolve a vida em sociedade e as culturas. Laplantine (2006 apud FERREIRA, 2017, p. 59) entende a etnografia como atividade visual e escrita-tradução do olhar.

Com base na definição de Carvalho e Ferreira (2012), compreendemos que a tradução etnográfica é aquela que não traduz apenas palavras. Faz parte dela o trabalho com a realidade extralinguística, pois envolvem a carga cultural do imaginário do povo que a cultiva.

### **3.1 Prática tradutória**

A prática tradutória vem sendo discutida por intelectuais e teóricos do traduzir que, de maneira geral, propõem uma ética tradutória e tentam estabelecer modos adequados ao proceder à modificação de um texto escrito de uma língua a outra.

Mas se nos referimos à Antoine Berman (1984, p. 16), segundo o qual: a boa tradução é aquela capaz de abrir “no nível da escrita uma certa relação com o outro” e que fecunda “o Próprio pela mediação do Estrangeiro”, perceberemos que em meio às várias propostas teóricas que indicam um modo de conduzir a prática, destacam-se teóricos tradutores explicitamente preocupados com fidelidade e ética.

Contudo, é sabido que teoria e prática da tradução estão estritamente vinculadas a um contexto histórico-cultural. Assim, para Meschonnic:

A tradução, desde sempre, tem um lugar maior como meio de contato entre culturas. A comunicação aí consiste em fazer passar um enunciado de uma língua para outra. É a noção mais difundida. Ela pode bastar a certos objetivos. Não é mais a única. Por motivos que se prendem à transformação em curso das relações interculturais. Transformação ligada às diversas descolonizações e à planetarização destas ligações, e à transformação das concepções de linguagem, de que a história da tradução não é separável. (MESCHONNIC, 1999, p. XXI)

Notamos que nesse contexto o papel do tradutor não será visto como o de humilde mediador, condicionado ao texto original, mas consistirá em algo mais amplo.

Antoine Berman propõe uma visão ética do traduzir, em que “a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação ou não é nada” (BERMAN, 2002, p. 17).

Derrida aborda os limites das teorias da tradução em sua obra “Torres de Babel”:

Observemos um dos limites das teorias da tradução: elas tratam muito frequentemente das passagens de uma língua para outra e não consideram muito a possibilidade de duas ou mais línguas estarem implicadas num texto. Como traduzir um texto escrito em várias línguas ao mesmo tempo? Como “restituir” o efeito da pluralidade? E, se traduzirmos várias línguas ao mesmo tempo, podemos chamar isso de traduzir? (DERRIDA, 2006, p. 20)

Aqui cabe levarmos em consideração uma poética multilinguística, como é o caso do romance de Ken Bugul, tendo em vista que há o contato entre línguas e representações culturais específicas, que não envolvem apenas o francês (língua oficial), mas também a inclusão de etnotermos.

### **3.2 Etnotermos**

De acordo com Costa (2017), o que se denomina como etnotermo é a unidade linguística que tem valor semântico completo, podendo ser uma palavra, uma locução, um termo composto ou até mesmo uma sentença. É necessário que sejam considerados o cunho social, cultural e linguístico; além de vocábulos que variam entre momentos discursivos e até mesmo em significado. Consideramos como discurso em etnotermos os que expressam culturas humanas e um saber local. (COSTA, 2017).

De acordo com Barros (2004, p. 78):

Cada povo recorta a realidade objetiva de modo diferente e procede a delimitações conceituais, que são expressas por palavras. Os

elementos e fenômenos da natureza e suas representações sociais, os instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, armas para defesa pessoal e caça, instrumentos de pesca, instituições sociais, fontes de energia, sentimentos, crenças, religião e todos os elementos do mundo em que vivem são designados por unidades lexicais que, consideradas como signos linguísticos de domínios específicos da atividade da comunidade sociocultural em questão, podem ser consideradas como unidades terminológicas.

Nesse sentido, partindo desses conceitos de Barros (2004) e Costa (2017), entendemos que ETNO é um radical que, juntando-se a qualquer palavra do português vai dar um sentido de uma situação em outra cultura. ETNOTERMO, então, pode ser compreendida como a unidade lexical que envolve questões socioculturais de outra língua ou cultura. Como afirma Berman:

Toda cultura resiste à tradução mesmo que necessite essencialmente dela. A própria visada da tradução – abrir no nível da escrita uma certa relação com o Outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro – choca-se de frente com a estrutura etnocêntrica de qualquer cultura, ou essa espécie de narcisismo que faz com que toda sociedade deseje ser um Todo puro e não misturado. Na tradução, há alguma coisa da violência da mestiçagem. (BERMAN, 2002, p. 16).

Na tradução, os etnotermos não são traduzíveis em outra língua, já que especificam atividades culturais humanas. O levantamento de etnotermos é relevante para que se analise questões socioculturais que envolvem os discursos. Apesar da impossibilidade de tradução desses etnotermos, cabe analisar as estratégias usadas pela autora Ken Bugul para traduzi-los.

Existem aspectos que são específicos de determinada comunidade local. Cada saber deve ser preservado, então reconhecer a importância dos etnotermos é essencial para os estudos de tradução. Nesse sentido, os etnotermos demandam uma escrita descritiva que abarca questões literárias e tradutórias.

## CAPÍTULO 2

### 1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo descrevemos o percurso metodológico desta pesquisa, que tem a finalidade de identificar as estratégias tradutórias presentes no romance *Riwan ou le chemin de sable*, de Ken Bugul.

Este estudo foi feito a partir de uma pesquisa de natureza disciplinar e propõe estabelecer um novo campo de pesquisa multilinguística que viabilize a documentação, análise e registro de etnotermos empregados pela autora Ken Bugul no seu romance *Riwan ou le chemin de sable*. Diferentes procedimentos de tradução e descrição ocorrem no romance.

Ao realizarmos o levantamento de sintagmas nas línguas wolof, wolofal-francês, wolofal-árabe, árabe, inglês, espanhol, português presentes na narrativa, fizemos o registro e identificamos as estratégias tradutórias mais relevantes.

Nesse sentido, o levantamento das principais estratégias de escrita tradutória utilizadas pela escritora senegalesa só foi possível pelo fato de o pesquisador desta dissertação ser um leitor competente nas línguas que aparecem no romance, que, além do francês, são: wolof, wolofal-francês, wolofal-árabe, árabe, inglês, português e espanhol. Como diz Doris Sommers:

Some books resist the competent reader, intentionally. By marking off an impassable distance between reader and text, and thereby raising questions of access or welcome, the strategy of these books is to produce a kind of readerly "incompetence" that more reading will not overcome (SOMMERS, 1994, p. 524).<sup>16</sup>

Assim como Sommers afirma, alguns livros buscam confundir leitores competentes, de modo que percebemos que Ken Bugul não quer que qualquer falante do francês compreenda sua obra, tendo em vista o multilinguismo presente, que qualifica o leitor senegalês para a sua literatura, repleta de wolofal-francês, com

---

<sup>16</sup> "Alguns livros criam resistência para o leitor competente, intencionalmente. Ao estabelecer uma distância intransponível entre o leitor e o texto, e, assim, levantar questões de acesso ou de boas-vindas, a estratégia desses livros é produzir um tipo de "incompetência" de leitura a qual não poderia ser superada com releituras" (Tradução nossa).

muitas definições em notas de rodapé, que podem ter sido incluídas, inclusive, como exigência de sua editora, mas que o leitor que conhece a cultura do Senegal compreende sem esforço.

Carvalho e Ferreira (2012) compreendem que o processo tradutório implica envolvimento cultural. Ao se trabalhar com a língua deve estar clara a indissociabilidade de língua e sistema cultural.

Quando se trata da literatura africana (neste trabalho, especificamente a literatura senegalesa), Keith Booker (2010) afirma que “[...] the African novel is always a complex hybrid cultural phenomenon that combines Western and African cultural perspectives”<sup>17</sup>.

As perspectivas culturais africanas foram influenciadoras desta pesquisa focada nas estratégias tradutórias utilizadas no romance, pois envolvem processos e significados que ressaltam o caráter socialmente construído pela escritora senegalesa, que rejeita o etnocentrismo e a visão ocidental em sua obra, fato que influenciou esta investigação.

Realçamos aqui como a experiência social se desenvolve e adquire significado, tendo em vista que a área de Letras, especificamente a Tradução, busca dar visibilidade a práticas que envolvem interpretação, com o propósito de compreender fenômenos linguísticos.

Os dados que compõem este trabalho foram coletados na obra *Riwan ou le chemin de sable*, de Ken Bugul, que faz uma mestiçagem a partir do contato de línguas. A introdução dos léxicos das línguas *wolof* e *wolofal* no texto de Ken Bugul é uma forma estratégica, no objetivo seja depara tornar o ato tradutório mais visível, seja porque na língua francesa ou na cultura do seu leitor não existem esses determinados etnotermos ou palavras equivalentes.

A pesquisa foi feita por meio de revisão bibliográfica e coleta de dados. O referencial teórico foi baseado em diversos autores, dentro os quais, os mais importantes e que merecem ser citados, são: Calvet (1987), Lyons (1987), Ferreira (2014), Berman (2007), Laplantine (2005;2010), Meschonnic (1999), Glissant (2005), Andrade (2001), dentre outros.

---

<sup>17</sup> “[...] o romance africano é sempre um fenômeno cultural híbrido e complexo que mistura as perspectivas culturais do Ocidente e da África”. (Tradução nossa).

Antes de apresentar os diferentes procedimentos de tradução etnográfica operados em *Riwan ou le chemin de sable*, precisamos explicar rapidamente como foi feito o levantamento das unidades de traduções.

Os sintagmas multilíngues presentes na narrativa foram registrados em uma tabela contendo os seguintes campos:

<b>Ordem</b>	<b>Unidade lexical</b>	<b>Língua</b>	<b>Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)</b>	<b>Estratégia tradutória</b>	<b>Tradução nossa (grifos nossos)</b>	<b>Página</b>
--------------	------------------------	---------------	--	------------------------------	---------------------------------------	---------------

1. Organização da ordem de aparecimento na obra;
2. Seleção da unidade lexical;
3. Identificação da língua do etnotermos;
4. Apresentação do trecho em que o item lexical aparece no romance;
5. Identificação da estratégia tradutória utilizada;
6. Realização da tradução para o português (respeitando-se os etnotermos e línguas wolof, wolofal-francês, wolofal-árabe, árabe, inglês, português e espanhol);
7. Página do romance.

Esquematizamos os marcadores específicos utilizados por Ken Bugul em *Riwan ou le chemin de sable* e os apresentamos na Figura 2:



Figura 2 – Marcadores específicos



Fonte: o autor.

O marcador itálico aparece nos etnotermos em língua inglesa; as palavras ou expressões entre parênteses são utilizadas para explicar palavras, expressões ou frases, o uso de aspas foi percebido em apostos, as exclamações apareceram em línguas diferentes do francês, o uso de maiúsculas foi para expressar a importância de alguns etnotermos principalmente do wolofal-árabe, em sinal de respeito; e os asteriscos são usados para marcar uma nota de rodapé com definição ou explicação de algum etnotermos.

No Anexo 1 são apresentados os dados levantados em relação aos etnotermos e estratégias tradutórias utilizadas por Ken Bugul e no próximo capítulo serão analisados alguns etnotermos de acordo com os tipos de tradução e os marcadores específicos.

## CAPÍTULO 3

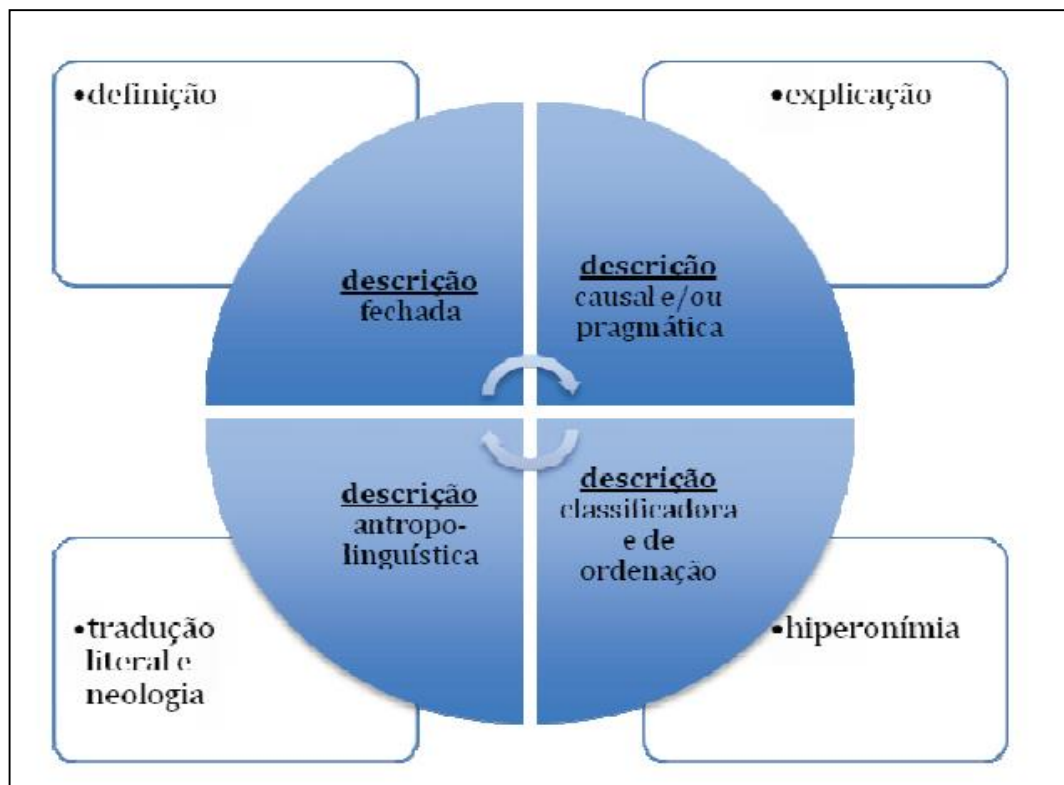
### 1 ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS E RESULTADOS DAS ANÁLISES

Neste capítulo apresentaremos a tradução-descrição etnográfica desenvolvida por Alice Ferreira (2014), além de exemplificação e análises feitas em relação às estratégias tradutórias utilizadas na narrativa de Ken Bugul.

#### 1.1 Descrição na tradução etnográfica

Alice Ferreira (2014) utilizou em seu artigo “O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi Strauss tradutor em *Tristes Tropiques*” as estratégias relacionadas na Figura 3:

Figura 3 – Tipos de tradução-descrição



Fonte: Ferreira (2014)

Ferreira (2014) identificou na tradução de Levi Strauss em *Tristes Tropiques* as seguintes estratégias: a definição, a explicação, a tradução literal e neologismo e a hiperonímia. Para a autora, a descrição é fundamental nos estudos da tradução. Dentro desse contexto, a descrição carrega sempre uma dualidade que envolve o que é traduzível e o que não é traduzível.

A tradução etnográfica vista a partir do paradigma da descrição levanta as questões do olhar, da escrita e da produção textual. Compreender seu procedimento consiste em compreender as modalidades de passagem do visível para o dizível e dar conta da forma do conhecimento produzido e da tradução operada (FERREIRA, 2014, p. 386).

A descrição-tradução etnográfica, como bem enfatiza a pesquisadora, envolve a preocupação com a linguagem utilizada na escrita. A escrita descritiva oferece detalhes, como se nos pegasse pela mão e levasse aos recônditos de determinada linguagem ou cultura. “É a realidade social apreendida a partir do olhar, uma realidade social que se tornou linguagem e que se inscreve em uma rede de intertextualidade” (MALINOWSKI, 1993 apud LAPLANTINE, 2004, p. 15).

A experiência da diferença mostra o que não imaginaríamos, pelas dificuldades que temos em nos atentarmos ao que se apresenta habitual e por isso aceitamos como normal, como o olhar viciado que temos em relação a uma cultura diferente. Essa atividade que nada mais é do que perceptiva, desperta a contemplação de comportamentos comuns, mas estranhos e estrangeiros à percepção do leitor.

Conforme explicita Ferreira, a descrição etnográfica está bastante ligada à área de Antropologia, mas a utilizamos nesta análise por a considerar enquanto escrita do visível. A descrição é apresentada por Laplantine (2004) como aquilo que “anuncia, enuncia, enumera, soletra, detalha, decompõe, mas antes registra, demonstra, recenseia, contabiliza” (LAPLANTINE, 2004, p. 31).

A definição é caracterizada por Ferreira (2014) como uma descrição fechada, principalmente porque encerra um objeto, noções ou conceitos. Já a explicação, conforme Ferreira (2014), responde a perguntas que envolvem um “por quê”. Ou seja, a explicação responde a uma causa/evento, especificando, determinando. Assim, ela é caracterizada por Ferreira (2014) como uma descrição causal e/ou pragmática. Essa explicação, em muitos casos, trazem até mesmo a tradução literal.

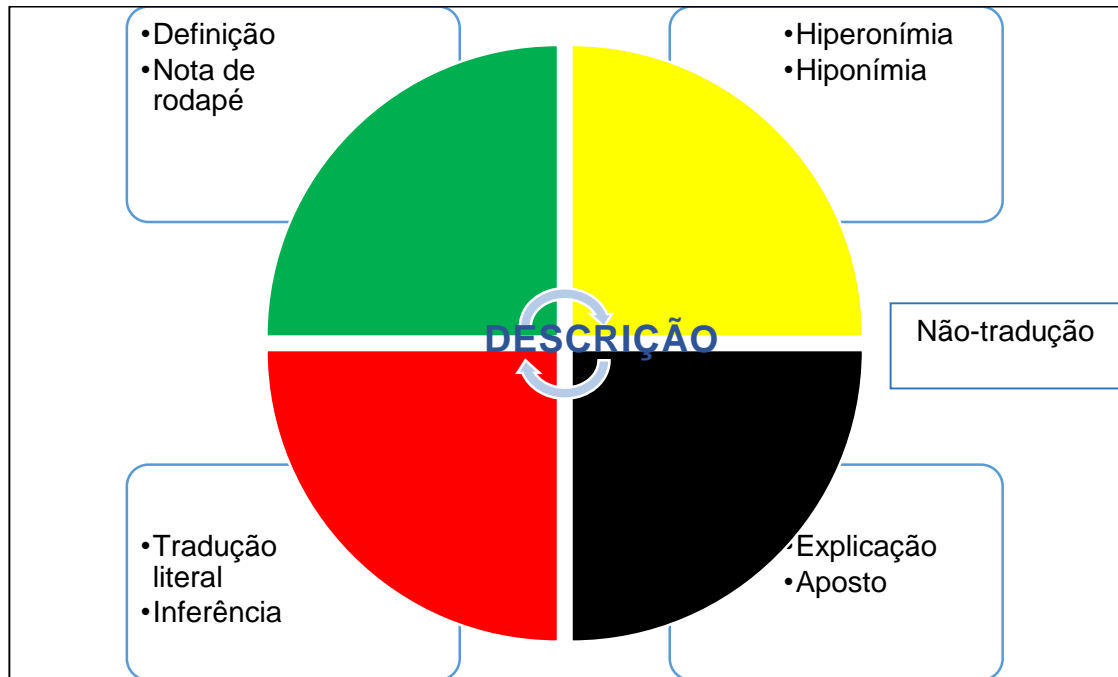
A tradução literal é caracterizada por Ferreira (2014) como uma descrição antropolinguística, por buscar um recorte mais específico da língua e da cultura de partida. Essa tradução literal é permeada por duas culturas que se encontram, em mestiçagem. O etnógrafo-tradutor busca abordar a contemplação de um mundo linguisticamente constituído.

Já em relação à hiperonímia, Ferreira (2014) a caracteriza como uma descrição classificadora. Ela é uma analogia de significação entre o significado e o significante. A autora ainda nos apresenta em seu artigo que as relações de hiperonímia e hiponímia se organizam em uma estrutura hierarquizada. Após a abordagem da tradução-descrição, no próximo tópico são apresentadas as principais estratégias tradutórias de Ken Bugul, por meio de definição, exemplificação e análise.

## **1.2 Resultados das análises**

É necessário apresentarmos e exemplificarmos o resultado das análises feitas em relação às estratégias tradutórias utilizadas na narrativa de Ken Bugul, que incluem definição/nota de rodapé, inferência/tradução literal, hiperonímia e hiponímia, explicação e aposto e a não-tradução, conforme a Figura 4:

Figura 4 – Estratégias Tradutórias em *Riwan ou le chemin de sable*



Fonte: o autor.

Ressaltamos que Alice Ferreira (2014) analisou um discurso científico e nesta pesquisa os levantamentos foram em relação ao discurso literário. De qualquer modo, ficou claro que a escrita como tradução-descrição etnográfica apresenta a linguagem como suporte para questões que envolvem alteridade, língua/cultura do outro. Esse entrelugares pode até se dar pela geografia, mas pode ser espaço de acolhimento do outro por meio de recursos lexicais e até mesmo sintáticos, como veremos pelas estratégias utilizadas por Ken Bugul.

### 1.2.1 Definição / Nota de rodapé

De acordo com Ferreira (2014), o termo definição conceitua a atribuição de uma acepção semântica encerrada, por isso é chamada de descrição fechada. Ocorre muito quando há a estratégia do aposto ou da nota de rodapé.

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
26	<b>Salamalekum</b>	Wolofal-árabe	« Une griotte, attachée à la famille de la jeune fille, distribuait la <b>cola</b> en faisant du porte à porte dans presque tous les quartiers : <b>Salamalekum</b> *. (...) * Mot d'origine arabe, salutation. »	Definição; Nota de rodapé	“Uma griotte, ligada à família da jovem menina, distribuía a <b>cola</b> fazendo de porta em porta em quase todos os bairros: <b>Salamalekum</b> *.”  * Saudação de origem árabe.	45

Acima há um exemplo de quando aparece nota de rodapé definindo a origem da expressão de origem árabe *Salamalekum*, que aparece acompanhada de asterisco (marcador). Pelo contato de línguas, consideramos a expressão *wolofal-árabe*.

Para exemplificar definição:

Tout était permis quand on était marié. La mère disait toujours : en amour pas de scrupules.

— Belle dame, fais un nœud de « **gongo** \* », attache- le en haut de ton bras et saute au cou de ton mari pour l'accueillir, il ne te résistera pas.

(...)

\* Encens écrasé et mélangé et fermenté avec des parfums et des muscs recherchés.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> “Tudo era permitido quando se era casado. A mãe dizia sempre: em amor não existe escrupulos. - Bela dama, faça um nó de “gongo”, amarre-o em cima do teu braço e salta no pescoço do teu marido para acolhê-lo, ele não resistirá a você  
(...)

\*Incenso quebrado, misturado e fermentado com perfumes musks procurados”. (Tradução nossa)

*Gongo* aparece acompanhado do marcador asterisco, para indicar a definição que aparece na nota de rodapé.

### 1.2.2 Tradução literal / Inferência

Para Lee-Jahnke, Delisle e Cormier (2013), a tradução literal é aquela que obedece ao sentido e à forma de um texto, de modo que consiga reescrever de modo mais associado ao original possível.

De acordo com Ferreira (2014), a tradução literal busca estar mais próxima do recorte do mundo estabelecido pela língua/cultura de partida. Ocorre nesse tipo de tradução a chamada tradução-mestiçagem, além de ser denominada de descrição antropolinguística.

Ela caracteriza-se como tradução mestiçada e mestiçante já que as duas culturas estão presentes, uma tradução encontro e não transporte em que a língua (a que o etnógrafo-tradutor usa para a descrição; a língua que traduz) é modificada pela língua traduzida. (FERREIRA, 2014, p. 390)

Abaixo destacamos um exemplo de tradução literal encontrada na narrativa de Ken Bugul.

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
14	<b>Ndigueul</b>	Wolof	« Dans sa soumission, il n'y avait pas de transposition. Sa relation avec le Serigne était une sublimation pure et un abandon total	Nota de rodapé (definição); tradução literal	“Em sua submissão, não havia transposição. Sua relação com Serigne era uma sublimação pura e um total abandono de	31

			de son soi au <b>Ndigueul</b> *. Le <b>Ndigueul</b> ! L'Ordre ! (...) *           Ordre, instruction, conseil. »		seu si mesmo ao <b>Ndigueul</b> *. O <b>Ndigueul</b> ! A Ordem!" (...) *           Ordem, instrução, conselho Paralelismo: l'Orde	
--	--	--	---	--	--	--

Percebemos que no caso do etnotermos *Ndigueul*, a narradora faz a tradução literal para o francês logo abaixo (Ordre) em construção paralela, além disso, ainda coloca nota de rodapé, utilizando o marcador asterisco para explicá-lo e deixar ainda mais claro que não se trata de outra expressão.

Já no caso da Inferência, esta é definida como aquilo que é sugerido no texto. O texto serve como um estímulo para a geração de inferências. Roman Jakobson considera a inferência como uma informação extra-linguística. Se a criação do sentido é feita por inferência a partir de informação contextual (entendida como representação mental desse contexto), então não existe significado linguístico puro, transparente, independente do contexto.

Encontramos no texto lido um “jogo” de palavras parecidas ao que já conhecemos na oralidade, mas transformado em imagem mental, silenciosa. Essas intertextualidades são importantes para a produção de inferências na leitura. Esclarecemos que para lermos qualquer texto, por mais explícito que seja, temos que fazer inferências diversas, já que nenhum texto pode dar todas as informações necessárias para sua leitura.

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
55	<b>Santos</b>	Português	« Le café préféré était le <b>Santos</b> . C'était ainsi qu'on l'appelait. C'était le	Inferência; Santos = Marca de café	“O café preferido era o <b>Santos</b> . Era assim que o chamávamos.	80



			meilleur pour le café de Touba. »		Era o melhor para o café de Touba.”	
--	--	--	---	--	---	--

No exemplo acima a inferência nos faz perceber que o item lexical em Português se trata de uma marca de café. O marcador utilizado é a inicial maiúscula para destacar. Encontramos inferência em itens lexicais que aparecem sem sentido aparente, mas que podem ser resgatados.

<b>Linguère</b>	Wolof	« La grande ville où il était parti faire fortune en quittant son <b>Linguère</b> natal. »	Inferência (indireta/interna)
-----------------	-------	---	----------------------------------

Em *Linguère* a inferência se dá pelo paralelismo com “ville” e “natal”, que nos faz subentender que essa expressão em wolof retrata algo relacionado a nascimento (natal). Ex: cidade natal = cidade de nascimento. Esse etnotermo também aparece com o marcador inicial maiúscula.

Percebemos que há tradução literal por inferência em Ken Bugul quando ela utiliza um etnotermos em wolof, wolofal, etc., que é conhecido apenas pelo leitor competente do francês e de outras línguas, o que pode dificultar a leitura, mas é uma estratégia de tradução utilizada.

### 1.2.3 Hiperonímia / Hiponímia

Dentro da gramática da Língua Portuguesa, temos uma área denominada semântica, ciência a respeito dos significados das palavras que compõem o léxico da língua. O estudo do léxico pode ser situado no nível da língua (*langue*) ou no nível da fala (*parole*) e defendera que, por a sistematicidade estar presente apenas no nível da língua a sinonímia, a hiperonímia e a hiponímia seriam fenômenos necessariamente situados no nível da língua: “Uma descrição funcional do conteúdo só é possível no nível da “*langue*”: é aí que surgem com sistematicidade e

necessariamente as relações e interrelações léxicas (campo e classes lexicais, sinonímia, antonímia, hiponímia, etc.)” (VILELA, 1994, p.12).

Hiperonímia é o conceito do léxico com significado mais abrangente, que possui ramificações. Como exemplo, temos a palavra árvore. Já a Hiponímia é exatamente o oposto, pois representa as partes desse todo, com sentido restrito. Como exemplo podemos citar espécies específicas de árvores, como: mangueira, bananeira, ipê. Abaixo temos exemplo de hiperonímia e hiponímia na obra de Ken Bugul:

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
10	<b>Nim/Nims</b>	Wolof	« Nous étions installés sous des arbres appelés <b>nims</b> , arbres plantés dans tout le pays depuis plusieurs années pour lutter contre la désertification . Il y en avait partout. Dès qu'une de ses graines touchait le sol, c'était sûr qu'un arbre braverait tous les obstacles pour pousser un jour à cet endroit et s'y ériger en maître. Là où il y avait un	Descrição etnográfica; Hiperonímia /Hiponímia (arbres appelés nims)	“Nós estávamos sentados sob árvores chamadas <b>nims</b> , árvores plantadas em todo o país há vários anos para lutar contra a desertificação. Haviam delas em todo lugar. Logo que um de seus grãos tocavam o solo, era certeza que uma árvore enfrentaria todos os obstáculos para crescer um dia neste lugar e se erigir em	29

			<p><b>nim</b>, les autres arbres mouraient avec résignation, en silence. Les <b>nims</b> de cette cour étaient bien entretenus et leur feuillage très dense. »</p>		<p>mestre. Ali onde havia uma <b>nim</b>, as outras árvores morriam com resignação, em silêncio. As <b>nims</b> deste pátio eram bem cuidadas e suas folhas muito densas.”</p>	
--	--	--	--	--	--	--

Neste trecho, Ken Bugul traduz nims (hipônimo) acompanhada do hiperônimo “árvore”, para destacar a espécie de árvore chamada de NIMS, assim, fazendo Hiperonímia e Hiponímia. A tradução-descrição de espécies de árvores (hipônimos) não é feita por meio de tradução literal, ocorrendo apenas uma descrição ou sendo precedidas de *appelés*.

#### 1.2.4 Explicação / Aposto

A explicação etnográfica é um tipo de descrição que respeita a cultura que envolve os etnotermos que não possuem equivalência em outra língua, mas que pela explicação, conseguimos compreender. Em Ken Bugul, encontramos **Beuk neg**, com tradução explicação.

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
73	<b>Beuk neg</b>	Wolof	« L'oncle maternel de Sokhna Marne Faye était un des plus	Tradução e explicação etnográfica	“O tio materno de Sokhna Marne Faye era um dos mais antigos	99

		<p>anciens compagnons du Serigne. Il était son <b>beuk neg</b>. Un <b>beuk neg</b>, c'était plus qu'un chambellan, plus qu'un valet de chambre, plus qu'un disciple. Le <b>beuk neg</b> vivait dans l'intimité du Serigne. En même temps il était un disciple parmi les plus disciplinés. Il était respecté par tous et secrètement redouté. Il s'appelait Nguagne Lô et avait pratiquement passé toute sa vie avec le Serigne. Il suivait partout le Serigne, sans état d'âme. C'était un grand honneur pour lui d'être le <b>beuk neg</b> du Serigne. »</p>		<p>companheiros de Serigne. Ele era seu <b>beuk neg</b>. Um <b>beuk neg</b>, era mais que um camareiro, mais que um valete de quarto, mais que um discípulo. <b>beuk neg</b> vivia na intimidade do Serigne. Ao mesmo tempo, ele era um discípulo dentre dos mais disciplinados. Ele era respeitado por todos e secretamente temido. Seu se chamava Nguagne Lô e tinha praticamente passado sua vida toda com o Serigne. Ele seguia o Serigne em todos os lugares, sem um estado de alma. Era uma grande honra para ele ser o <b>beuk neg</b> de Serigne.”</p>	
--	--	---	--	--	--

Percebemos que a autora explica e traduz ao mesmo tempo, na busca de uma equivalência em francês que não existe. Por três vezes o etnotermo “**beuk neg**” aparece, sem nenhum marcador, mas enfatizado pela repetição.

Em relação ao aposto, percebemos que ele aparece bastante como estratégia tradutória, quase sempre entre vírgulas, mas também entre aspas. Não podemos deixar de conceituar o aposto, um termo da oração que aparece junto a um substantivo ou pronome substantivo com diversas funções, dentre as quais explicar, enumerar, resumir ou especificar o que se pretende expressar. Acaba saltando aos olhos por estar quase sempre explicando, definindo, e em outras vezes misturado com a estratégia nota de rodapé.

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
21	<b>Badiène</b>	Wolof	« Ce matin-là, Rama fut informée par sa mère et sa tante parternelle, sa <b>Badiène.</b> »	Tradução literal; Descrição; Aposto.	“Naquela manhã, Rama foi informada por sua mãe e sua tia paterna, sua <b>Badiène.</b> ”	38

Em Badiène, o aposto aparece entre vírgulas. No caso do aposto, ele aparece tanto para explicar quanto para definir. Aqui um exemplo de aposto funcionando como tradução, definição do significado de *Badiène*. Ken Bugul utiliza também a estratégia da nota de rodapé, tendo em vista que seu texto é permeado de expressões linguísticas e culturais de diversos idiomas e muitas vezes que misturam wolofal com outras línguas e possuem sentido específico.

### 1.2.5 Não-tradução

Para Corrêa (2003), é impossível conseguirmos transmitir valores históricos, antropológicos e culturais para transpor signos culturais. Ela fala do que é intraduzível, a não ser que tanto emissor quanto receptor mantenham a mesma vivência cultural. Manter a língua original, nesse sentido, é respeitar aspectos em que não há tradutibilidade.

A não-tradução em Ken Bugul pode ser exemplificada pelo uso do inglês, em todas as ocorrências. Na obra que analisamos, Ken Bugul usa o inglês em interjeições, exclamações e intertextualidade, talvez para dar voz ou chamar atenção ao seu leitor, pois a língua inglesa apesar de ser língua de prestígio e língua oficial de vários países, é também língua veicular do mundo.

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
17	<b>Nash</b>	Inglês	« Un jour donc, un véhicule long, une limousine modèle années trente, de marque américaine, appelée <b>Nash</b> , s'arrêta devant la concession du Serigne avec à son bord une mère, ses enfants et leurs bagages. »	Em aposto, precedido de apelée; Híponímia	“Um dia então, um veículo longo, uma limusine modelo anos trinta, de marca americana, chamada <b>Nash</b> , parou em frente da concessão do Serigne com a seu bordo uma mãe, seus filhos e suas bagagens a bordo.”	35
25	<b>Remember!</b>	Inglês	« Alors que les machines à coudre	Sem tradução	“Enquanto as máquinas de costura de	45

			d'Oradour-sur-Glane avaient servi et servaient encore quand un jour de juin 1944... <b>Remember ! »</b>	(sentido literal)	Oradour-sur-Glane tinham servido e serviam ainda quando um dia em junho de 1944 ... <b>Remember!"</b>	
38	<b>Peace and Love</b>	Inglês	« Au moins si c'était sous la forme <b>Peace and Love!</b> »	Inferência; ironia	“Pelo menos se fosse na forma <b>Peace and Love!</b> ”	61
41	<b>Of course</b>	Inglês	« Y avait-il une différence ? <b>Of course.</b> »	Inferência; ironia	“Havia alguma diferença? <b>Of course.</b> ”	66
47	<b>You soldier Free Today</b>	Inglês	« Elle posa sur le tapis du Serigne le grand bol recouvert d'un large plat sur lequel était élégamment posée une soupière en émail, importée elle aussi du pays des dieux et des Hommes. <b>You soldier! Free Christina Anyanwu ! Today ! »</b>	Sem tradução (sentido literal)	“Ela pôs sobre o tapete do Serigne a grande vasilha coberta por um grande prato sobre o qual estava elegantemente colocada uma sopeira de esmalte, também importada do país dos deuses e dos Homens. <b>You soldier ! Free Christina Anyanwu ! Today !”</b>	73
86	<b>Believe me</b>	Inglês	« Trouvons-nous de la compagnie. Cela ne gâchera rien. <b>Believe me.</b> »	Sem tradução (sentido literal)	“Achemos para nos companhia. Isso não estragará nada. <b>Believe me.</b> ”	104

102	<b>No comment</b>	Inglês	« Aussitôt dit, aussitôt exécuté. <b>No comment!</b> »	Sem tradução (sentido literal)	“Logo dito, logo executado. <b>No comment!</b> ”	144
103	<b>I have a dream</b>	Inglês	« Pour moi, il n'y avait plus que le Serigne. Et quelques-uns qui nous reconnaissent et nous appréciaient : Soulye, Youssou, Alpha et quelques autres. Mais un jour arrivera... — <b>I have a dream!</b> »	Sem tradução (sentido literal);	“Para mim, somente havia mais o Serigne. E alguns que nos reconheciam e nos apreciavam: Soulye, Youssou, Alpha e alguns outros. Mas um dia chegar ... — <b>I have a dream!</b> ”	148

Em *Nash Ken Bugul* não inseriu a tradução, tendo em vista que ela se refere a uma marca de veículo. Essa suposição se dá pelo contexto, por meio de inferência.

Em *Remember!* percebemos que o marcador exclamação dá o tom de brincadeira, demonstrando que o entendimento se faz por meio de inferência, não necessitando de tradução.

*Peace and Love*, *Of course*, *You soldier*, *Free*, *Today* e *No comment* também não precisam de tradução, quando o sentido é tão aparente para o leitor competente, levando em conta que a língua inglesa é praticamente segunda língua oficial do Senegal. Em todas essas ocorrências há a não-tradução, às vezes aparecem com ironia, caso de *Peace and Love* e *Of course*, mas nos demais casos aparecem com sentido literal mesmo.

Já em *I have a dream* há intertextualidade com o discurso feito pelo ativista político americano Martin Luther King Jr., no qual ele falava da necessidade de unificação de negros e brancos para uma vivência harmoniosa.



### 1.2.6 Polissemia

É importante ressaltar aqui que, mesmo não aparecendo na obra como estratégia tradutória, a Polissemia se faz presente em vários momentos, de modo que foi necessário exemplificarmos e analisarmos as ocorrências na obra de Ken Bugul. Para David Crystal (2008, p. 202) a polissemia é definida como: “termo usado na análise semântica para caracterizar um item lexical com uma variedade de significações diferentes”. Ela é compreendida assim também pela sua aglomeração de significados em um único significante e fonte de inequivalência na tradução.

Certos etnotermos são polissêmicos, mas não estratégias tradutórias. Para exemplificar a Polissemia em *Riwan ou le chemin de sable*, utilizaremos os termos que aparecem bastante na obra, que são: Serigne, Sokhna e Bissimila.

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
1	<b>Serigne</b>	Wolofa l- francês	« Il était arrivé une chose extraordinaire dans la vie si réglée, si tranquille, si paisible, de la concession du <b>Serigne</b> de Daroulère. Le Serigne de Daroulère avait une grande concession dans cette bourgade, assez grosse pour avoir un maire élu. Cette bourgade qui portait donc	Inferência (indireta/interna);	“Tinha acontecido uma coisa extraordinária na vida tão regrada, tão tranquila, tão pacífica da concessão do <b>Serigne</b> de Daroulère. O <b>Serigne</b> de Daroulère tinha uma grande concessão nesta aldeia, grande o suficiente para ter um prefeito eleito. Esta aldeia, que	9

			le nom de Dianké, se trouvait à une vingtaine de kilomètres des terres domptées par le <b>Serigne</b> , à Daroulère. »		tinha o nome de Dianké, situava-se a cerca de vinte quilômetros das terras dominadas pelo <b>Serigne</b> em Daroulère.”	
<b>Serigne Massamba</b>	Wolof	« — Ha, toi, on te doit du respect! Tu portes le nom de <b>Serigne Massamba</b> et <b>Serigne Massamba</b> n’est pas n’importe qui pour moi. Tu es mon aîné, mon maître, mon guide. »	Inferência (indireta/interna);	“— Há, você, nós lhe devemos respeito! Você leva o nome de <b>Serigne Massamba</b> e <b>Serigne Massamba</b> não é qualquer um para mim. Você é meu primogênito, meu mestre, meu guia.”	22	
<b>Plus Grand Serigne</b>		« La deuxième fois, cela remontait à peine à un an : au cours d’une de ces visites que la famille effectuait périodiquement chez le Serigne. C’était une visite en prélude au grand Magal de Touba. Le Grand Magal de Touba !	Inferência (indireta/indireta);	“A segunda vez, isso levava apenas um ano: no decorrer de uma dessas visitas que a família fazia periodicament e na casa do Serigne. Era uma visita em prelúdio ao Grande Magal de Touba. O Grande Magal de Touba!	53	

		<p>Le retour du <b>Plus Grand Serigne</b> de l'exil auquel le colon l'avait contraint.</p> <p>Des côtes du Cap Vert jusqu'à la forêt de Mayombe, en passant par le Togo, le Bénin !</p> <p>De ces pays côtiers, dont on racontait que les femmes avaient reçu les bénédictions du célèbre exilé pour lui avoir donné à boire et à manger.</p> <p>Prières exaucées. Des femmes dynamiques, entreprenantes.</p> <p>Qui réussissaient.</p> <p>Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké !</p> <p>Que Dieu Soit Satisfait de lui !</p> <p>»</p>		<p>O retorno do <b>Plus Grand Serigne</b> do exílio ao qual o colonizador tinha o subjugado.</p> <p>Dos litorais de Cabo Verde até a floresta de Mayombe, passando pelo Togo, o Benin!</p> <p>Desses países costeiros, nos quais contava-se que as mulheres haviam recebido as bênçãos do célebre exilado por ter-lhe dado de comer e de beber.</p> <p>Orações atendidas.</p> <p>Mulheres dinâmicas e engajadas.</p> <p>Que lograram.</p> <p>Sheikh Ahmadou Bamba Mbacké!</p> <p>Que Deus Esteja Satisfeito com ele!"</p>	
--	--	---	--	---	--

2	<b>Sokhna</b>	Wolof	<p>« Mais que s'était-il donc passé ? — On dit que <b>Sokhna Diw</b>, vous savez, celle qui enait de ... — Comment était-elle encore ? — Mais tu ne te souviens de celle-là, qui était grande, belle et qui... — Ah, celle qui était là avant l'arrivée de l'autre, tu sais, la fille adoptive de l'une des grandes épouses du Serigne, tu sais, la petite-là, mince, de teint clair, une enfant presque, elle avait grandi chez le Serigne... »</p>	Inferência (indireta/interna); trecho em discurso direto	<p>“O que tinha acontecido? — Dizem que <b>Sokhna Diw</b>, você sabe, aquela que vinha de... — Como ela era de novo? — Mas você não se lembra daquela, que era alta, bela e que... — Ah, aquela que estava lá antes da chegada da outra, você sabe, a filha adotiva de uma das grandes esposas de Serigne, você sabe, aquela pequena, magra, de pele clara, quase uma criança, ela havia crescido na casa do Serigne...”</p>	10
			« Ah, <b>Sokhna Rama</b> , bissimila. Et la famille ? Bissimila. »	Inferência (indireta/interna)	« Ah, senhora Rama, bissimila. E a família? Bissimila. »	55
			“Une épouse du Serigne qu'on appelait <b>Sokhna Mame Faye</b> et qui	Inferência (indireta/interna)	“Uma esposa do Serigne que chamávamos Sokhna Mame Faye e que	57

			<p>semblait être la maîtresse des lieux, bien qu'elle ne fût pas la plus âgée de toutes celles que se trouvaient là, invita Rama et sa tante à aller à l'intérieur du petit bâtiment qui semblait ne contenir qu'une seule pièce".</p>		<p>parecia ser a dona dos lugares, bem que ela foi a mais velha de todas as que se encontravam ali, convidou Rama e sua tia par ir ao interior do pequeno prédio que parecia conter um só quarto."</p>	
			<p>« Je n'avais pas tout de suite réagi à la nouvelle de l'arrivée de la petite fille qui allait encore allonger la liste <b>des sokhnas.</b> »</p>	<p>Inferência (indireta/interna)</p>	<p>"Eu não tinha reagido logo, de jeito nenhum, à novidade da chegada da jovem que ainda iria alongar a lista das esposas.</p>	189
			<p>« Désormais cette petite jeune fille savait qu'elle devait respect, soumission, obéissance à cette autre petite fille. — <b>Sokhna si, bissimila.</b> »</p>	<p>Inferência (indireta/interna)</p>	<p>"De agora em diante essa pequena jovem menina sabia que devia respeito, se submissão, obediência a esta outra jovem. — <b>Sokhna si, bissimila.</b>"</p>	74-75
4	<b>Bissimila</b>	Wolofa l-árabe	<p>« Je saluai respectueusement le Serigne en mettant les genoux à terre et en prenant</p>	<p>Inferência (indireta/interna); termo em destaque com aspas</p>	<p>"Eu saudei respeitosamente o Serigne colocando meus joelhos no chão e</p>	15

			appui sur mes deux mains. Il répondit à mes salutations par un « <b>bissimila</b> » et me demanda de m’approcher. »		tomando me apoiando nas minhas duas mãos. Ele respondeu às minhas saudações com um “ <b>bissimila</b> ” e me pediu para eu me aproximar.”	
			« Aussitôt les salutations commencèrent : <b>Bissimila</b> *, et chez vous ? (...) * Signifie : Au non de Dieu, formule d’accueil et d’invitation.»	Nota de rodapé, seguida de signifie;; tradução literal, descrição fechada; discurso indireto	“Tão cedo as saudações começaram: <b>Bissimila</b> *, e em casa?”	55
			« Comment vont les parents ? <b>Bissimila.</b> »	Inferência (indireta/interna); sem tradução (sentido literal); discurso indireto	“Como estão os pais? <b>Bissimila.</b> ”	55
			« Ah, Sokhna Rama, <b>bissimila.</b> Et la famille ? <b>Bissimila.</b> »	Inferência (indireta/interna); sem tradução (sentido literal); discurso indireto	“Ah, Sokhna Rama, <b>bissimila.</b> E a família? <b>Bissimila.</b> ”	55

Partindo da afirmação de Rundell e Atkins (2008, p. 293): “o importante é reconhecemos (a) que a polissemia se apresenta de várias formas e ocorre a partir de muitos mecanismos e (b) que ela é, quase sempre, motivada — mais do que arbitrária”, sabemos que, sem esta dificuldade adicional de leitura, uma palavra já pode ter um leque de sentidos possíveis em um idioma, e que essa polissemia normalmente é explorada em textos etnográficos, poéticos (ou literários em geral) de forma a, em vez de anular a possível ambiguidade e optar por um dos sentidos, fazer com que vários dos sentidos convivam no mesmo lugar e se complementem para formar os sentidos globais finais.

A palavra *Serigne* é polissêmica por apresentar diferentes sentidos dependendo do contexto em que aparece na obra. Djiby Mane (2017, p. 35) cita em seu artigo que:

Em wolof, o título “Serigne” equivale a “Cheikh”, isto é, guia espiritual e/ou professor corânico. Ele é usado principalmente por professores corânicos e também líderes religiosos das irmandades Tidjaniyya Mouride etc. Em homenagem a um chefe religioso, muitas pessoas têm o “Cheikh” ou “Serigne” no nome.

No primeiro exemplo, *Serigne* é o líder religioso (Xeique = de Daroulère). A autora enobreceu o título por meio do uso do marcador específico letra maiúscula.

No segundo exemplo, *Serigne Massamba*, o contexto apresentado é de um nome composto (*Serigne* é um prenome enobrecedor). Exemplo: « Tu portes le nom de Serigne Massamba et Serigne Massamba n’est pas n’importe qui pour moi. Tu es mon aîné, mon maître, mon guide. »<sup>19</sup>

No último contexto, *Plus Grand Serigne* trata-se do Cheikh Ahmadou Bamba – ou Le Grand Serigne Touba, como é chamado pelos muçulmanos senegaleses – é um ícone religioso muito respeitado. A autora expressa a grandeza do *Serigne* pelo uso de *Plus Grand* com iniciais maiúsculas. Cabe ressaltar que em todos os contextos apresentados, o item lexical *Serigne* está com inicial maiúscula.

A palavra *Sokhna* é polissêmica em quatro contextos em que aparece. *Sokhna Diw* aqui representa uma senhora de que não querem citar o nome, mas está com iniciais maiúsculas porque se trata de uma das esposas do *Serigne*. Se fosse qualquer *sokhna diw* estaria com iniciais minúsculas.

---

<sup>19</sup> “Você leva o nome de Serigne Massamba e Serigne Massamba não é qualquer um para mim. Você é meu primogênito, meu mestre, meu guia” (Tradução nossa)

Em *Sokhna Rama*, trata-se da senhora Rama (nome próprio), esposa do *Serigne*. As iniciais maiúsculas retratam o enobrecimento do título de “Senhora”. Em *Sokhna Mame Faye*, há nome composto feminino, tendo em vista que *Sokhna*, assim como no exemplo de *Serigne Massamba*, também é uma forma respeitosa de tratamento entre muçulmanos, ou seja, apenas dentro da religião. Esse prenome é sempre proferido para mulheres casadas.

No caso de *des sokhna*s, esta é uma expressão proferida para se referir a qualquer mulher, por isso aparece com iniciais minúsculas. Já no caso de *Sokhna si*, tal expressão é utilizada como forma de tratamento respeitoso da religião islâmica para qualquer mulher com quem não se tem intimidade.

O item lexical *Bissimila* (wolofal-árabe) no primeiro contexto aparece como saudação, utilizando o marcador aspas. No segundo contexto aparece acompanhado de nota de rodapé e traz a definição do sintagma como “Em nome de Deus”, forma de acolhimento e convite. No terceiro contexto, *Bissimila* é utilizado como resposta, representando “estão bem, graças a Deus” ou “salve”. Ou seja, uma forma de saudação e acolhimento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos discutir sobre os desafios nos estudos da tradução e incentivar que surjam a manutenção dos ecos do multilinguismo na escrita em língua francesa. Nesta dissertação levantamos 141 itens lexicais de tradução (são mais, quando consideramos as repetições). Não negamos que possam existir outras estratégias tradutórias, mas nos concentramos em apresentar as principais.

A escrita tradutória de Ken Bugul revela o valor dos elementos lexicais mantidos nas línguas *wolof* ou *wolofal*. Eles estão relacionados a: etnotermos, nomes (pessoas, lugares tais como cidades, países, objetos), alimentos, as crenças, a natureza, os animais, as árvores, e outras questões cruciais da existência. Contudo, são vocábulos relevantes senegaleses, porém, esses elementos hábeis não prejudicam o entendimento, mas chamam a atenção do leitor por serem diferentes, complexos, e geram estranhezas, por exprimirem sentidos que só são possíveis de serem depreendidos pelo uso deles.

A tradução etnográfica foi apresentada como processo de descrição de línguas e etnotermos, que basearam questões de alteridade e da escrita tradutória da diferença, conforme afirma Ferreira:

A tradução-descrição etnográfica enquanto escrita da diferença é uma escrita 'différée' (deslocada), que não pode se acomodar com a indiferença, isto é, de apagamento da diferença linguística e cultural, mas, pelo contrário, deve operar recursos sintáticos e lexicais da língua que traduz para acolher o outro (FERREIRA, 2014, p. 392).

Ao trazer essa questão para os estudos da Tradução, levantamos reflexões a respeito de tradução literal etnocêntrica e de tradução etnográfica, que está sempre mais perto da cultura do autor/leitor, pois não se traduz apenas a língua do outro, mas sim sua cultura permeada de entrelugares. Portanto, algo dos textos, é sempre traduzível, mas ao mesmo tempo, sempre algo se perde e algo também se soma e se ganha, incorpora-se ao texto traduzido sem ter estado no texto de partida. Todavia, devemos ter certeza que é possível encontrar soluções, mas a solução na tradução é uma decisão de prioridade, é uma escolha de leitura mais relevante a partir de certo ponto de vista e para certa finalidade, o que, por sua vez, deita por terra qualquer ilusão sobre a neutralidade do tradutor.

Esses entrelugares são possibilidades além da geografia, pois se efetivam pela escrita que se situa na descrição de línguas e de culturas, que não pode ser apagada no processo de tradução. Essa relação entre língua e cultura é indissociável e deve se manter por meio da intertextualidade (em inferências, apostos, notas de rodapé, descrições, uso de maiúsculas, aspas, itálicos, exclamações), sempre se respeitando as diferenças.

Por meio dos resultados deste estudo a partir do levantamento das estratégias tradutórias de Ken Bugul em *Riwan ou le chemin de sable*, buscamos propor a tradução-descrição etnográfica, já que esse tipo de tradução não apaga a alteridade do texto, assim deixam preservados os itens lexicais que indicam multilinguismo.

Vale ressaltar duas coisas: que não queremos chegar a conclusões pessimistas sobre a viabilidade ou a confiabilidade da tradução, mas discussões desse tipo são relevantes para a formação do tradutor, tendo em vista que em se tratando de tradução sempre algo se transforma, e que caberá a ele tomar uma série de decisões que contribuirão para definir o que será preservado e o que talvez se tornará irrecuperável no texto traduzido.

Por fim, esperamos que novas pesquisas sejam realizadas no que concerne ao levantamento de línguas e etnotermos em obras literárias e não-literárias, tendo em vista os ainda poucos estudos na área de tradução etnográfica e de multilinguismo. A obra *Riwan ou le chemin de sable*, de Ken Bugul, não foi aqui esgotada. Deixamos claro que vários estudos podem advir deste romance, até mesmo envolvendo os assuntos aqui tratados. Um aspecto sugerido para abordagem futura é o caso da Polissemia, bastante presente na obra e em itens lexicais de várias línguas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANOKHINA, Olga. **Multilinguisme et créativité littéraire**. Louvain-la-Neuve, Academia/L'Harmattan, coll. Au coeur des textes, nº 20, 2012. 184p.
- ARCHANJO, Renata. Globalização e multilingualismo no Brasil: competência linguística e o programa Ciência Sem Fronteiras, **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, Belo Horizonte, 15 (3), jul. - set. 2015, pp. 621-656.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BASSNETT, Susan. **Post Colonial Translation: Theory & practice**. Nova Iorque, EUA, Routledge, 2002.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional/ EDUSP, t. 1, 1976.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou O albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène Catherine Torre, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BUGUL, Ken. **Riwan ou le chemin de sable**. Paris: Présence Africaine, 1999.
- CALDAS, Maria Aparecida Esteves. **Estudos de revisão de literatura: fundamentação e estratégia metodológica**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002. 176p.
- \_\_\_\_\_. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola; Florianópolis: IPOL, 2007. 168 p.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMARA, Fatou Bintou Niang. **Dynamique des langues locales et de la langue française au Sénégal en 1988 et 2002**. Québec, Observatoire démographique et statistique de l'espace francophone/Université Laval, Rapport de recherche de l'ODSEF, 2010.
- CARTA EUROPEIA DO PLURILINGUISMO. **Jornadas Europeias de Plurilinguismo**, 2005-2009. Disponível em: [http://www.observatoireplurilinguisme.eu/index.php?option=com\\_content&view=article&id=332%3Ala-charte-europeenne-du-plurilinguisme&catid=52%3Ala-charte-europeenne-du-plurilinguisme&Itemid=89188957&lang=fr](http://www.observatoireplurilinguisme.eu/index.php?option=com_content&view=article&id=332%3Ala-charte-europeenne-du-plurilinguisme&catid=52%3Ala-charte-europeenne-du-plurilinguisme&Itemid=89188957&lang=fr). Acesso em: 14 mar. 2018.
- CARVALHO, Flávia Medeiros de; FERREIRA, Alice Maria Araújo. Da sociolingüística à socioterminologia: definindo conceitos. **Revista do Programa de Pós-Graduação**

em **Estudo de Linguagens**. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCH I. Número 05, dezembro de 2012.

COETZEE, J. M. **Desonra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas**: Aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições ASA, 2001.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013, pp. 113-126.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. 76p.

EDWARDS, J. Foundations of bilingualism. In: BHATIA, T. K. & RITCHIE, W. C. (Eds.), **The handbook of bilingualism**. Oxford: Blackwell, 2006. pp. 7-31.

EVENE. Entrevista com Ken Bugul - **Partager L'humain**. Por Victoria Kaiser e Marie-Colombe Afota, março de 2006. Disponível em: <http://evene.lefigaro.fr/livres/actualite/interview-ken-bugul-senegal-piece-or-francophonie-296.php>. Acesso em: 10 set. 2018.

FAULSTICH, Enilde. **Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – V.7 – USP. São Paulo: Humanitas, 2001.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. A linguagem, a subjetividade e a intersubjetividade. **Temporis[ação]**, v. 1, n. 8, Cidade de Goiás, EUG – Unidade Cora Coralina, 2006. pp. 105-120.

\_\_\_\_\_. Noções fundamentais para se pensar a poética do traduzir de Meschonnic. **Traduzires 1**, Brasília, maio de 2012.

\_\_\_\_\_. O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Lévi-Strauss tradutor em Tristes Trópicos, **Acta Scientarium: Language and Culture**, Maringá, 36 (4), out.-dez. 2014, pp. 383-393.

\_\_\_\_\_. **Crítica e tradução do exílio**: ensaios e experiências [Recurso eletrônico] / Alice Maria de Araújo Ferreira; Maria da Glória Magalhães dos Reis; Tarsilla Couto de Brito (Org.). Goiânia: Editora da Imprensa Universitária UFG, 2017.

FISHMAN, Joshua. The impact of nationalism on language planning. In: RUBIN, Joan & JERNUDD, Björn H. (Ed.). **Can language be planned? Sociolinguistic theory and practice for developing nations**. Honolulu: University Press of Hawai: 1971. pp. 3-22

GARCIA, Orthon M. **Comunicação em prosa moderna**: aprenda a escrever, aprenda a pensar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GAUVIN, Lise. **L'écrivain francophone à la croisée des langues**. Paris : Editions Karthala, Letters do Suol, 2009.

GLISSANT, Edouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HEYE, Jürgen. Sociolinguística. In: PAIS, Cidmar Teodoro; BARBOSA, Maria Aparecida ; PONTES, Eunice; RECTOR, Mônica; WITTER, Geraldina P.; HEYE, Jürgen; NEIVA JÚNIOR (orgs.). **Manual de linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979, pp. 203-237.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1973.

\_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

KANE, Cheikh Hamidou. Le devoir de fidélité. In: GAUVIN, Lisa. **L'écrivain francophone à la croisée des langues**. Paris: Karthala, 2009, pp. 139-152.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Tradução de João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEE-JAHNKE, H.; DELISLE, J.; CORMIER, M. C. **Terminologia da tradução**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MANÉ, Djiby. A ecologia do contato de línguas e os empréstimos lexicais árabes nas línguas não árabes do Senegal. **Ecolinguística**: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem, v. 03, n. 01 pp. 25-40, 2017.

OLIVEIRA, Luciana C. de. Language teaching in multilingual contexts. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, 14 (2), abr.-jun. 2014, pp. 256-270.

PALMIÉ, Stephan. Creolization and Its Discontents. **The Annual Review of Anthropology**, n. 35, 2006, pp. 433-56.

PEREIRA, Fernanda Alencar. Literatura e política: a representação das elites pós-coloniais africanas em Chinua Achebe e Pepetela. **Literature**. Université Rennes 2, 2012.

PÉTILLON, Sabine. **Multilinguisme et créativité littéraire, dir. Olga Anokhina**. Louvain-la-Neuve, Academia/L'Harmattan, coll. Au cœur des textes, n° 20 », 2012, 184 p. », Genesis, 36 | 2013, pp. 204-205.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SINGH, Navin Kumar; ZHANG, Shaoan; BESMEL, Parwez. Globalization and language policies of multilingual societies: some case studies of South East Asia. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, Belo Horizonte, 12 (2), 2012, pp. 349-380.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do Português**. Coimbra: Almedina, 1994.

ZIMMER, Márcia C. FINGER, Ingrid; SCHERER, Lilian. Do bilinguismo a multilinguismo: interseções entre a psicolinguística e a neurolinguística. **ReVEL**. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008.

## **ANEXOS**

### **Anexo 1 – Apresentação dos dados**

Ordem	Unidade lexical	Língua	Contexto (Ken Bugul, 1999, grifos nossos)	Estratégia tradutória	Tradução nossa (grifos nossos)	Página(s)
1	<b>Serigne</b>	Wolofal- francês	« Il était arrivé une chose extraordinaire dans la vie si réglée, si tranquille, si paisible, de la concession du <b>Serigne</b> de Daroulère. Le Serigne de Daroulère avait une grande concession dans cette bourgade, assez grosse pour avoir un maire élu. Cette bourgade qui portait donc le nom de Dianké, se trouvait à une vingtaine de kilomètres des terres domptées par le <b>Serigne</b> , à Daroulère. »	Inferência (indireta/interna);	“Tinha acontecido uma coisa extraordinária na vida tão regrada, tão tranquila, tão pacífica da concessão do <b>Serigne</b> de Daroulère. O <b>Serigne</b> de Daroulère tinha uma grande concessão nesta aldeia, grande o suficiente para ter um prefeito eleito. Esta aldeia, que tinha o nome de Dianké, situava-se a cerca de vinte quilômetros das terras dominadas pelo <b>Serigne</b> em Daroulère.”	9
	<b>Serigne Massamba</b>	Wolof	« — Ha, toi, on te doit du respect! Tu portes le nom de <b>Serigne Massamba</b> et <b>Serigne Massamba</b> n'est pas n'importe qui	Inferência (indireta/interna);	“— Há, você, nós lhe devemos respeito! Você leva o nome de <b>Serigne Massamba</b> e <b>Serigne Massamba</b> não é	22



			pour moi. Tu es mon aîné, mon maître, mon guide. »		qualquer um para mim. Você é meu primogênito, meu mestre, meu guia.”	
	<b>Plus Grand Serigne</b>		<p>« La deuxième fois, cela remontait à peine à un an : au cours d’une de ces visites que la famille effectuait périodiquement chez le Serigne. C’était une visite en prélude au grand Magal de Touba. Le Grand Magal de Touba !</p> <p>Le retour du <b>Plus Grand Serigne</b> de l’exil auquel le colon l’avait contraint. Des côtes du Cap Vert jusqu’à la forêt de Mayombe, en passant par le Togo, le Bénin !</p> <p>De ces pays côtiers, dont on racontait que les femmes avaient reçu les bénédictions du célèbre exilé pour lui avoir donné à boire et à manger.</p>	Inferência (indireta/indireta);	<p>“A segunda vez, isso levava apenas um ano: no decorrer de uma dessas visitas que a família fazia periodicamente na casa do Serigne. Era uma visita em prelúdio ao Grande Magal de Touba.</p> <p>O Grande Magal de Touba!</p> <p>O retorno do <b>Plus Grand Serigne</b> do exílio ao qual o colonizador tinha o subjogado.</p> <p>Dos litorais de Cabo Verde até a floresta de Mayombe, passando pelo Togo, o Benin!</p> <p>Desses países costeiros, nos quais contava-se que as</p>	53

			<p>Prières exaucées. Des femmes dynamiques, entreprenantes. Qui réussissaient. Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké ! Que Dieu Soit Satisfait de lui ! »</p>		<p>mulheres haviam recebido as bênçãos do célebre exilado por ter-lhe dado de comer e de beber. Orações atendidas. Mulheres dinâmicas e engajadas. Que lograram. Sheikh Ahmadou Bamba Mbacké! Que Deus Esteja Satisfeito com ele!”</p>	
2	<b>Sokhna</b>	Wolof	<p>« Mais que s’était-il donc passé ?  — On dit que <b>Sokhna Diw</b>, vous savez, celle qui enait de ...  — Comment était-elle encore ?  — Mais tu ne te souviens de celle-là, qui était grande, belle et qui...  — Ah, celle qui était là avant l’arrivée de l’autre, tu sais, la fille adoptive de l’une des grandes épouses du Serigne, tu</p>	<p>Inferência (indireta/interna); trecho em discurso direto</p>	<p>“O que tinha acontecido?  — Dizem que <b>Sokhna Diw</b>, você sabe, aquela que vinha de...  — Como ela era de novo?  — Mas você não se lembra daquela, que era alta, bela e que...  — Ah, aquela que estava lá antes da chegada da outra, você sabe, a filha adotiva de uma das grandes</p>	10

			sais, la petite-là, mince, de teint clair, une enfant presque, elle avait grandi chez le Serigne... »		esposas de Serigne, você sabe, aquela pequena, magra, de pele clara, quase uma criança, ela havia crescido na casa do Serigne...”	
			« Ah, <b>Sokhna Rama</b> , bissimila. Et la famille ? Bissimila. »	Inferência (indireta/interna)	« Ah, senhora Rama, bissimila. E a família? Bissimila. »	55
			“Une épouse du Serigne qu’on appelait <b>Sokhna Mame Faye</b> et qui semblait être la maîtresse des lieux, bien qu’elle ne fût pas la plus âgée de toutes celles que se trouvaient là, invita Rama et sa tante à aller à l’intérieur du petit bâtiment qui semblait ne contenir qu’une seule pièce”.	Inferência (indireta/interna)	“Uma esposa do Serigne que chamávamos Sokhna Mame Faye e que parecia ser a dona dos lugares, bem que ela foi a mais velha de todas as que se encontravam ali, couidou Rama e sua tia par ir ao interior do pequeno prédio que parecia conter um só quarto.”	57
			« Je n’avais pas tout de suite réagi à la nouvelle de l’arrivée de la petite fille qui allait encore	Inferência (indireta/interna)	“Eu não tinha reagido logo, de jeito nenhum, à novidade da chegada da jovem que ainda iria	189

			allonger la liste <b>des sokhnas.</b> »		alongar a lista das esposas.	
			« Désormais cette petite jeune fille savait qu'elle devait respect, soumission, obéissance à cette autre petite fille. — <b>Sokhna si</b> , bissimila. »	Inferência (indireta/interna)	“De agora em diante essa pequena jovem menina sabia que devia respeito, se submissão, obediência a esta outra jovem. — <b>Sokhna si</b> , bissimila.”	74-75
3	<b>Gamat</b>	Wolof	« Certains attendaient là depuis la veille peut-être. Ils avaient dû dormir dans le <b>gamat</b> , une sorte de grande case recouverte de feuilles de tôle ou parfois de paille, sans mur, ou sous les arbres, au pied de leurs attelages, à la belle étoile. »	Em aposto, seguida de une sorte de; descrição fechada (explicação etnográfica); Hiponímia	“Alguns esperavam lá desde a véspera talvez. Eles tiveram que dormir no <b>gamat</b> , uma espécie de choça grande coberta com folhas de metal ou às vezes de palha, sem parede, ou sob as árvores, aos pés de seus ganchos, sob as estrelas.”	15
4	<b>Bissimila</b>	Wolofal-árabe	« Je saluai respectueusement le Serigne en mettant les genoux à terre et en prenant appui sur mes deux mains. Il répondit à	Inferência (indireta/interna); termo em destaque com aspas	“Eu saudei respeitosamente o Serigne colocando meus joelhos no chão e tomando me apoiando nas minhas duas mãos.	15

			mes salutations par un « <b>bissimila</b> » et me demanda de m’approcher. »		Ele respondeu às minhas saudações com um “ <b>bissimila</b> ” e me pediu para eu me aproximar.”	
			« Aussitôt les salutations commencèrent : <b>Bissimila</b> *, et chez vous ? (...) * Signifie : Au non de Dieu, formule d’accueil et d’invitation.»	Nota de rodapé, seguida de signifié;; tradução literal, descrição fechada; discurso indireto	“Tão cedo as saudações começaram: <b>Bissimila</b> *, e em casa?”	55
			« Comment vont les parents ? <b>Bissimila.</b> »	Inferência (indireta/interna); sem tradução (sentido literal); discurso indireto	“Como estão os pais? <b>Bissimila.</b> ”	55
			« Ah, Sokhna Rama, <b>bissimila.</b> Et la famille ? <b>Bissimila.</b> »	Inferência (indireta/interna); sem tradução (sentido literal); discurso indireto	“Ah, Sokhna Rama, <b>bissimila.</b> E a família? <b>Bissimila.</b> ”	55
5	<b>Boubou</b>	Wolofal-francês	« — Prépare vite du café, du bon café, et envoie chercher du pain. Aujourd’hui, nous avons un hôte de marque,	Trecho em discurso indireto Hiponímia	“— Prepare rapidamente café, bom café e mande buscar pão. Hoje temos um hóspede de marca,	23

			ajouta-t-il, en fouillant dans une grande poche de son <b>boubou</b> . »		acrescentou ele, vasculhando em um grande bolso de seu <b>boubou</b> .”	
	<b>Grand boubou</b>		« Elle portait une camisole avec des volants aux manches et aux genoux sur laquelle elle avait mis un <b>grand boubou</b> bien amidonné et qui craquait à chaque mouvement. »	Inferência (indireta/interna)	“Ela usava uma camisola com babados nas mangas e nos joelhos, sobre a qual ela tinha colocado um <b>grand boubou</b> bem engomado, que rachava a cada movimento.”	57
6	<b>Diar</b>	Wolof	« Un peu plus tard, Sokhna Xat arriva avec une cafetière dont le bec verseur fumant répandit dans la pièce un arôme fort, aux senteurs de « <b>diar</b> » *. L’Homme-Gardien se leva aussitôt pour faire le service. (...) * Variété de clou de girofle. »	Nota de rodapé; Hiponímia	“Um pouco mais tarde, Sokhna Xat chegou com uma cafeteira a qual o bico esfumaçado despejou no quarto um aroma forte, com cheiro de “ <b>diar</b> ”*. O Homem-Guardião imediatamente se levantou para fazer o serviço. (...) * Variedade de botão de cravo.”	23

7	<b>Bazin</b>	Wolof	« De beaux habits, larges, taillés dans un tissu en <b>bazin</b> de qualité, de couleur bleu ciel. »	Hiponímia (bazin = un tissu en)	“Roupas bonitas, largas, cortadas em um tecido de <b>bazin</b> de qualidade, de cor azul celeste.”	25
8	<b>Cola</b>	Wolof-francês	« Il semblait en forme et mâchait quelque chose. Peut-être de la <b>cola</b> râpée. »	Inferência (indireta/interna) Hiponímia	“Ele parecia em forma e mastigava alguma coisa. Talvez <b>cola</b> ralada.”	27
			« Rama ne connaîtra pas la fierté du partage de la <b>cola</b> du mariage ! La cola était le symbole traditionnel des liens. Selon le standing de l'époux, cela pouvait être un panier entier avec son emballage d'origine de la Haute-Volta de l'époque, de la Côte d'Ivoire ou d'ailleurs, ou quelques kilos de <b>cola</b> . Dès que la <b>cola</b> était distribuée, le mariage était célébré. »	Description ethnográfica	“Rama, não conhecerá o orgulho da partilha da cola do casamento! A cola era o símbolo tradicional das alianças. Segundo a casta do esposo, isso podia ser uma cesta inteira com sua embalagem, de origem da Haute-Volta da época da Costa de Marfim ou alhures, ou alguns quilos de cola. Logo que a cola era distribuída, o casamento era celebrado.”	45

9	<b>Djinns</b>	Árabe	« J'avais envie de demander à quoi ressemblaient physiquement les <b>djinns</b> , mais je m'abstins. »	Inferência (indireta/interna)	“Eu tinha vontade de perguntar em que se pareciam os <b>djinns</b> , mas me abstive.”	28
10	<b>Nim/Nims</b>	Wolof	« Nous étions installés sous des arbres appelés <b>nims</b> , arbres plantés dans tout le pays depuis plusieurs années pour lutter contre la désertification. Il y en avait partout. Dès qu'une de ses graines touchait le sol, c'était sûr qu'un arbre braverait tous les obstacles pour pousser un jour à cet endroit et s'y ériger en maître. Là où il y avait un <b>nim</b> , les autres arbres mouraient avec résignation, en silence. Les <b>nims</b> de cette cour étaient bien entretenus et leur feuillage très dense. »	Descrição etnográfica; Hiperonímia/Hiponímia (arbres appelés nims)	“Nós estávamos sentados sob árvores chamadas <b>nims</b> , árvores plantadas em todo o país há vários anos para lutar contra a desertificação. Havia delas em todo lugar. Logo que um de seus grãos tocavam o solo, era certeza que uma árvore enfrentaria todos os obstáculos para crescer um dia neste lugar e se erigir em mestre. Ali onde havia uma <b>nim</b> , as outras árvores morriam com resignação, em silêncio. As <b>nims</b> deste pátio eram bem cuidadas e	29



					suas folhas muito densas.”	
11	<b>Riwan</b>	Wolof	« Massamba était dompté. Massamba était désormais <b>Riwan</b> . »	Inferência (indireta/interna)	“Massamba estava domado. Massamba doravante era <b>Riwan</b> .”	29
12	<b>Mouridisme</b>	Wolof	« C’était le fief de Serigne Touba, que Dieu Soit Satisfait de lui, un fervent résitant à la présence coloniale par le chapelet et le travail. Ce fut à Ndiarème que fut édifié l’une des première mosquée du <b>mouridisme</b> . »	Descrição etnográfica	“Foi o feudo de Serigne Touba, que Deus Esteja Satisfeito com ele, um fervoroso resistente à presença colonial pelo rosário e pelo trabalho. Foi em Ndiarème que foi edificado uma das primeiras mesquitas do <b>mouridismo</b> .” Ismo = por proximidade	30
13	<b>Baak</b>	Wolof	« À compter de ce jour-là, Riwan enfonça dans les entrailles de la terre son <b>baak</b> *, qui ne remontait jamais vide, mais plein au contraire de cette eau pure dont le Serigne se servait pour la boisson, les prières et le thé. (...)	Nota de rodapé; definição	“A partir daquele dia, Riwan enfiava nas entranhas da terra seu <b>baak</b> *, que nunca subia vazio, mas cheio, ao contrário, daquela água pura da qual o Serigne se servia para a bebida, as orações e o chá.”	30

			* Récipient attaché à une corde pour recueillir l'eau d'un puits. »			
14	<b>Ndigueul</b>	Wolof	« Dans sa soumission, il n'y avait pas de transposition. Sa relation avec le Serigne était une sublimation pure et un abandon total de son soi au <b>Ndigueul</b> *. Le <b>Ndigueul</b> ! L'Ordre ! (...) * Ordre, instruction, conseil. »	Nota de rodapé (definição); tradução literal	“Em sua submissão, não havia transposição. Sua relação com Serigne era uma sublimação pura e um total abandono de seu si mesmo ao <b>Ndigueul</b> *. <b>O Ndigueul!</b> A Ordem!” (...) * Ordem, instrução, conselho Paralelismo: l'Orde	31
15	<b>Mandarga</b>	Wolof-árabe	« Cette femme pouvait être issue d'une caste dite inférieure, frappée d'une infirmité ou porter un <b>mandarga</b> , c'est-à-dire une marque, qui pouvait être une cicatrice, des scarifications ou une déformation physique. »	Descrição precedida de c'est-à-dire;	“Esta mulher podia vir de uma casta chamada inferior, atingida por uma enfermidade ou carregar uma <b>mandarga</b> , ou seja, uma marca, que podia ser uma cicatriz, escarificações ou uma deformação física.”	34

			(Bugul, 1999, p. 34, grifo do autor)		Mandarga c'est-à-dire	
			« Les quatre premières épouses du Serigne n'avaient pas de <b>mardarga</b> . »	Inferência (indireta/interna)	“As primeiras quatro esposas de Serigne não tinham <b>mardarga</b> .”	
16	<b>Taras</b>	Árabe	« À partir de la cinquième épouse, d'après des Écritures de références pour certains, l'homme ne pouvait prendre épouse que parmi les femmes-esclaves, appelées <b>taras</b> . »	Definição seguida de apelée.	“A partir da quinta esposa, de acordo com Escritas de referências para alguns, o homem só poderia tomar esposa dentre as mulheres-escravas, chamadas <b>taras</b> .” Taras = femmes-esclaves	34-35
17	<b>Nash</b>	Inglês	« Un jour donc, un véhicule long, une limousine modèle années trente, de	Em aposto, precedido de apelée; Hiponímia	“Um dia então, um veículo longo, uma limusine modelo anos trinta, de marca	35

			marque américaine, appelée <b>Nash</b> , s'arrêta devant la concession du Serigne avec à son bord une mère, ses enfants et leurs bagages. »		americana, chamada <b>Nash</b> , parou em frente da concessão do Serigne com a seu bordo uma mãe, seus filhos e suas bagagens a bordo.”	
18	<b>Tangana</b>	Wolof	« Cette position de carrefour des routes, des hommes, des voitures et des bêtes avait fait de Mbos un grand centre cosmopolite et le lieu privilégié pour le développement du grand et du petit commerce, de la restauration de gargote au <b>tangana</b> , de la « passiongue » — restaurant réservé à quelques pensionnaires fidèles — à la dibiterie, pour ceux qui préféraient la viande de mouton grillée au feu de bois, de l'hôtellerie intégrée aux brassages de toutes	Aposto	“Esta posição de encruzilhada das estradas, dos homens, dos carros e dos animais tinha feito de Mbos um grande centro cosmopolita e o lugar privilegiado para o desenvolvimento do grande e pequeno comércio, de restaurante de gargote ou <b>tangana</b> , da "passiongue" — restaurante reservado para alguns pensionistas fiéis — na dibiterie, para aqueles que preferiam carne de carneiro grelhada em fogo de lenha, da	38

			sortes avec les services les plus inattendus. »		hotelaria integrada às cervejarias de todos os tipos com os serviços mais inesperados.”	
19	<b>Passiongue</b>	Wolof	« Cette position de carrefour des routes, des hommes, des voitures et des bêtes avait fait de Mbos un grand centre cosmopolite et le lieu privilégié pour le développement du grand et du petit commerce, de la restauration de gargote au tangana, de la « <b>passiongue</b> » — restaurant réservé à quelques pensionnaires fidèles — à la dibiterie, pour ceux qui préféraient la viande de mouton grillée au feu de bois, de l’hôtellerie intégrée aux brassages de toutes sortes avec les services les plus inattendus. »	Aposto	“Esta posição de encruzilhada das estradas, dos homens, dos carros e dos animais tinha feito de Mbos um grande centro cosmopolita e o lugar privilegiado para o desenvolvimento do grande e pequeno comércio, de restaurante de gargote au tangana, da " <b>passiongue</b> " — restaurante reservado para alguns pensionistas fiéis — na dibiterie, para aqueles que preferiam carne de carneiro grelhada em fogo de lenha, da hotelaria integrada às cervejarias de todos os	38

					tipos com os serviços mais inesperados.”	
20	<b>Dibiterie</b>	Wolof	« Cette position de carrefour des routes, des hommes, des voitures et des bêtes avait fait de Mbos un grand centre cosmopolite et le lieu privilégié pour le développement du grand et du petit commerce, de la restauration de gargote au tangana, de la « passiongue » — restaurant réservé à quelques pensionnaires fidèles — à la <b>dibiterie</b> , pour ceux qui préféraient la viande de mouton grillée au feu de bois, de l’hôtellerie intégrée aux brassages de toutes sortes avec les services les plus inattendus. »	Aposto; descrição fechada	“Esta posição de encruzilhada das estradas, dos homens, dos carros e dos animais tinha feito de Mbos um grande centro cosmopolita e o lugar privilegiado para o desenvolvimento do grande e pequeno comércio, de restaurante de gargote au tangana, da "passiongue" — restaurante reservado para alguns pensionistas fiéis — na <b>dibiterie</b> , para aqueles que preferiam carne de carneiro grelhada em fogo de lenha, da hotelaria integrada às cervejarias de todos os tipos com os serviços mais inesperados.”	38

					Dibiterie = la viande de mouton grillée au feu de bois	
21	<b>Badiène</b>	Wolof	« Ce matin-là, Rama fut informée par sa mère et sa tante parternelle, sa <b>Badiène</b> . »	Tradução literal; Descrição; Aposto.	“Naquela manhã, Rama foi informada por sua mãe e sua tia paterna, sua <b>Badiène</b> .”	38
22	<b>Dahoméens</b>	Wolofal-francês	« Avec tout cela je n’avais pas envie de faire des projets de mariage avec quelqu’un de mon village, ni d’ailleurs, sur mon Continent, surtout pas avec un de ces <b>Dahoméens</b> fétichistes et sanguinaires. »	Descrição literal	“Com tudo isso, eu não tinha vontade de fazer planos de casamento com alguém do meu vilarejo, nem de outro lugar, no meu Continente, especialmente não com um desses <b>Dahoméens</b> fetichistas e sanguinários.”	40
23	<b>Linguère</b>	Wolof	« La grande ville où il était parti faire fortune en quittant son <b>Linguère</b> natal. »	Inferência (indireta/interna)	“A grande cidade onde ele tinha partido para fazer uma fortuna, deixando o seu <b>Linguère</b> natal.”	41
24	<b>Nidiay</b>	Wolof	« L’un ou l’autre avait identifié une épouse potentielle dans l’entourage proche de la famille, du côté paternel	Em aposto, seguido de definição	“Um ou outro havia identificado uma potencial esposa no círculo próxima da família, no lado paterno	43

			le plus souvent, parmi les filles de la sœur du père, la Badiène ou tante paternelle, ou du côté maternel, parmi les filles du frère de la mère, le <b>Nidiay</b> ou oncle maternel. C'était ainsi que la plupart des mariages étaient célébrés entre enfants de la Badiène et enfants du <b>Nidiay</b> . »		com mais frequência, entre as filhas da irmã do pai, a Badiène ou a tia paterna, ou do lado materno, entre as filhas do irmão da mãe, o <b>Nidiay</b> ou tio materno. Era assim que a maioria dos casamentos eram celebradas entre filhos da Badiène e filhos do <b>Nidiay</b> .”	
			« L'extraordinaire et trop tôt disparu Laye Mboup chantait : — Belle dame, il faut appeler ton mari « <b>nidiay</b> », de nos jours les hommes sont faciles à séduire. »	Aposto com aspas (“nidiay”)	“O extraordinário e desaparecido cedo demais Laye Mboup cantava: — Bela dama, tem que chamar seu marido " <b>nidiay</b> ", hoje em dia os homens são fáceis de seduzir.”	95
25	<b>Remember!</b>	Inglês	« Alors que les machines à coudre d'Oradour-sur-Glane avaient servi et servaient encore quand un jour de juin 1944...	Sem tradução (sentido literal)	“Enquanto as máquinas de costura de Oradour-sur-Glane tinham servido e serviam ainda quando um dia em junho de 1944 ...	45



			<b>Remember ! »</b>		<b>Remember!"</b>	
26	<b>Salamalekum</b>	Wolofal-árabe	« Une griotte, attachée à la famille de la jeune fille, distribuait la <b>cola</b> en faisant du porte à porte dans presque tous les quartiers : <b>Salamalekum</b> *. (...) * Mot d'origine arabe, salutation.»	Nota de rodapé	“Uma griotte, ligada à família da jovem menina, distribuía a <b>cola</b> fazendo de porta em porta em quase todos os bairros: <b>Salamalekum</b> *.”  * Saudação de origem árabe.	45
27	<b>Deums</b>	Wolof	« La Badiène consultait devins, amies et alliées pour protéger la vierge des esprits malins, des mauvais sorts, du diable et des <b>deums</b> *. La jeune vierge qu'on préparait pour la nuit de la vérification était l'appât préféré, disait-on, des sorciers et autres mauvais esprits. Surtout des <b>deums</b> . (...) * Mangeurs d'âme.»	Nota de rodapé; descrição fechada	“A Badiène consultava adivinhos, amigos e aliados para proteger a virgem de maus espíritos, dos maus feitiços, do diabo e dos <b>deums</b> *. A jovem virgem que estava sendo preparada para a noite da verificação era a isca favorita, diziam que bruxas e outros espíritos malignos. Especialmente dos <b>deums</b> .”	47

					* Comedores de alma = feiticeiros (as)	
28	<b>Xala</b>	Wolof	<p>« Ce n'était pas sa virginité qui était vérifiée, mais celle de la femme. Seulement, dans certains cas, il pouvait être victime d'un <b>xala</b>. Voyez, revoyez, faites voir et revoir <b>Xala</b>, le film de Sembène. On disait que la substance avec laquelle était préparé le <b>xala</b>, provenait d'une partie de la tortue, ou d'une poudre pouvant être obtenue à partir de certaines plantes. L'effet recherché était le même : le rendre incapable, c'est-à-dire impuissant le jour de ses noces. »</p>	Em aposto	<p>“Não era sua virgindade que era verificada, mas a da mulher. Apenas em alguns casos ele poderia ser vítima de um <b>xala</b>. Veja, veja de novo, faça ver e rever <b>Xala</b>, o filme de Sembène. Dizia-se que a substância com a qual o <b>xala</b> era preparado provinha de uma parte da tartaruga ou de um pó podendo ser obtido a partir de certas plantas. O efeito desejado era o mesmo: torná-lo incapaz, ou seja, impotente no dia de suas núpcias.”</p>	48
29	<b>Sarxolé</b>	Wolof	<p>« Dès que la Badiène, elle, trouvait ce qu'elle cherchait, c'était le <b>sarxolé</b>, le youyou strident de la griotte qui</p>	Em aposto, precedido de explicação etnográfica.	<p>“Assim que a Badiène encontrava o que ela procurava, era o <b>sarxolé</b>, o grito estridente da griotte que</p>	49

			annonçait la nouvelle, youyou qui déchirait l'air aux premières lueurs de l'aurore. C'était la bonne nouvelle alors, la bonne nouvelle qui sauvait l'honneur de la famille et des générations futures. »		anunciava a notícia, o grito que rasgava o ar às primeiras luzes da aurora. Era a boa notícia, então, a boa notícia que salvava a honra da família e das gerações futuras.”	
30	<b>Penku</b>	Wolof	« Pour un hymen par contre un peu trop ravagé par des allers-retours fréquents, une douche intime régulière avec certains sels de <b>Penku</b> rétrécissait les muscles et il fallait être un expert pour se rendre compte de quoi que ce soit. C'étaient avec ces sels que les femmes, considérées comme âgées et même après plusieurs accouchements, retenaient encore leurs maris à la maison. »	Em aposto explicativo; Hiponímia	“Para um hímen, por outro lado, um pouco devastado por frequentes idas e voltas, uma ducha íntima regular com alguns sais de <b>Penku</b> estreitava os músculos e tinha que ser um especialista para se dar conta de qualquer coisa. Eram com esses sais que as mulheres, consideradas como velhas e mesmo depois de vários partos, ainda retiveram seus maridos em casa.”	49

31	<b>Car-rapide</b>	Wolof	« Ce fut ainsi que Rama, la fille de Mbos, se retrouva le lendemain chez le Serigne après un voyage en « <b>car-rapide</b> » de marque Saviem depuis son Mbos natal où les fameux tam-tams n'avaient pas résonné à son départ. »	Inferência (indireta/interna)	“Foi assim que a filha de Mbos, Rama, se encontrou no dia seguinte na casa de Serigne, depois da viagem " <b>car-rapide</b> " de Mbos, onde os famosos tam-tams não tinham ressoado quando ela partiu.”	50
32	<b>Tam-tams</b>	Wolof	« Ce fut ainsi que Rama, la fille de Mbos, se retrouva le lendemain chez le Serigne après un voyage en « car-rapide » de marque Saviem depuis son Mbos natal où les fameux <b>tam-tams</b> n'avaient pas résonné à son départ. »	Inferência (indireta/interna)	“Foi assim que a filha de Mbos, Rama, se encontrou no dia seguinte na casa de Serigne, depois da viagem "car-rapide" de Mbos, onde os famosos <b>tam-tams</b> não tinham ressoado quando ela partiu.”	50

	<b>Tam-tams Ndeund</b>	Wolof	<p>« Quand les youyous stridents, les battements de fierté et de joie des <b>tam-tams-ndeund</b> et des tam-tam- sabar *, les échos de la voix de la Badiène, des badiènes, avaient annoncé la bonne nouvelle ! Tu es la fille de ton père. (...) * Neund : tam-tam un peu gros qui produit un son lourd. Sabar : tam-tam moins qui produit un son plus aigu, plus sec.»</p>	Nota de rodapé; descrição fechada	<p>“Quando os apitos estridentes, os batimentos de orgulho e alegria dos <b>tam-tams-ndeund</b> e do tam-tam-sabar*, os ecos da voz da Badiène, badiènes, tinham anunciado a boa notícia! Você é a filha do seu pai.” * Neund: tam-tam um pouco grosso, que produz um som pesado.</p>	75-76
	<b>Tam-tam- Sabar</b>	Wolof	<p>« Quand les youyous stridents, les battements de fierté et de joie des tam-tams-ndeund et des <b>tam-tam-sabar</b> *, les échos de la voix de la Badiène, des badiènes, avaient annoncé la bonne nouvelle ! Tu es la fille de ton père. (...) * Neund : tam-tam un</p>	Nota de rodapé; descrição fechada	<p>“ Quando os apitos estridentes, os batimentos de orgulho e alegria dos tam-tams-ndeund e do <b>tam-tam-sabar</b>*, os ecos da voz da Badiène, badiènes, tinham anunciado a boa notícia ! Você é a filha do seu pai.”</p>	75-76

			peu gros qui produit un son lourd. Sabar : tam-tam moins qui produit un son plus aigu, plus sec. »			
33	<b>Magal de Touba</b>	Wolof	<p>« La deuxième fois, cela remontait à peine à un an : au cours d'une de ces visites que la famille effectuait périodiquement chez le Serigne. C'était une visite en prélude au grand <b>Magal de Touba</b>. Le Grand <b>Magal de Touba</b> !</p> <p>Le retour du Plus Grand Serigne de l'exil auquel le colon l'avait contraint. Des côtes du Cap Vert jusqu'à la forêt de Mayombe, en passant par le Togo, le Bénin !</p> <p>De ces pays côtiers, dont on racontait que les</p>	Inferência (indireta/indireta); explicação etnográfica	<p>“A segunda vez, isso levava apenas um ano : no decorrer de uma dessas visitas que a família fazia periodicamente na casa do Serigne. Era uma visita em prelúdio ao Grande <b>Magal de Touba</b>. O Grande <b>Magal de Touba</b>!</p> <p>O retorno do Maior Serigne do exílio ao qual o colonizador tinha o subjugado.</p> <p>Dos litorais de Cabo Verde até a floresta de Mayombe, passando pelo Togo, o Benin!</p>	53

			<p>femmes avaient reçu les bénédictions du célèbre exilé pour lui avoir donné à boire et à manger.          Prières exaucées. Des femmes dynamiques, entreprenantes.          Qui réussissaient.          Cheikh Ahmadou Bamba Mbacké !          Que Dieu Soit Satisfait de lui ! »</p>		<p>Desses países costeiros, nos quais contava-se que as mulheres haviam recebido as bênçãos do célebre exilado por ter-lhe dado de comer e de beber.          Orações atendidas. Mulheres dinâmicas e engajadas.          Que lograram.          Sheikh Ahmadou Bamba Mbacké!          Que Deus Esteja Satisfeito com ele!”</p>	
34	<b>Baraka</b>	Árabe	<p>« Comporte-toi bien.          N'oublie pas que tu es la propriété d'un saint.          Sois correcte avec les autres épouses du Serigne. Là-bas il n'y a pas de rivalité, il n'y a de rivalité que dans le bien, tu dois faire le bien, dire du bien en toutes circonstances.</p>	Em aposto, seguido de ce sera; explicação	<p>“Comporte-se bem.          Não se esqueça que você é propriedade de um santo.          Seja correto com as outras esposas do Serigne. Lá não há rivalidade, somente há rivalidade no bem, você deve fazer o bem, dizer bem em todas as</p>	57

		<p>Montre que ta as reçu une bonne éducation.      Sois une femme soumise.      Plie-toi à la volonté de ton mari.      Ne te mêle pas de ce qui ne te regarde pas.      Que tes yeux ne voient rien.      Que tes oreilles n'entendent rien.      Que ta bouche ne dise rien.      Que ton pied soit court.      Que ta main soit courte.      Sois sourde, muette et aveugle.'      N'oublie pas, soumets-toi à sa volonté.      C'est ainsi que tu auras la <b>Baraka</b>, ce sera ton droit d'entrée au Paradis. »</p>		<p>circunstâncias.      Mostre que você recebeu uma boa educação.      Seja uma mulher submissa.      Curve-se à vontade do seu marido.      Não se intrometa em nada que não lhe diga respeito.      Que seus olhos não vejam nada.      Que seus ouvidos não ouçam nada.      Que sua boca não diga nada.      Que seu pé seja curto.      Que sua mão seja curta.      Seja surda, muda e cega.      Não se esqueça, submeta-se a sua vontade.      É assim que você terá <b>Baraka</b>, isso será seu</p>	
--	--	--	--	---	--



					direito para entrada no Paraíso.”	
35	<b>Saroual</b>	Wolofal-francês	« La première fois que j'ai revu le Serigne depuis mon retour aux sources des choses, je portais un <b>saroual tunisien</b> de couleur bleu marine et cela l'avait amusé, mais il ne m'avait pas dit que ce n'était pas bien. Un <b>saroual</b> , c'était tout simplement, quelque chose de drôle pour lui. »	Inferência (indireta/interna) Hiperonímia	“A primeira vez que vi o Serigne desde o meu retorno às fontes das coisas, eu usava um <b>saroual tuniziano</b> azul-marinho e isso tinha o divertido, mas ele não tinha me dito que não era bom. Um <b>saroual</b> , era simplesmente alguma coisa engraçada para ele.”	60
36	<b>Yoruba</b>	Wolofal-francês	“En outre une mariée ne devait pas être découverte tout de suite. Chez nous comme en milieu <b>yoruba</b> , les amis du marié devaient même donner de l'argent pour voir le visage de la mariée le premier jour.”	Definição por comparação (comme em milieu)	“Em outras palavras, uma noiva não devia ser descoberta logo. Para nós como no meio <b>yorubá</b> , os amigos do noivo deveriam mesmo dar dinheiro para ver o rosto da noiva no primeiro dia.”	61
37	<b>Bâssiran</b>	Árabe	« J'avais compris que Dieu Était <b>Bâssiran!</b> Le Regard Intérieur. »	Tradução literal	“Eu tinha entendido que Deus Era <b>Bâssiran!</b> O Olhar Interior!”	61

38	<b>Peace and Love</b>	Inglês	« Au moins si c'était sous la forme <b>Peace and Love!</b> »	Inferência; ironia	"Pelo menos se fosse na forma <b>Peace and Love!</b> "	61
39	<b>Layu</b>	Wolof	« Le Serigne leur demanda de prendre un grand bol recouvert d'un couvercle tissé, le <b>layu</b> , et les invita à manger. »	Aposto seguido de descrição fechada	"O Serigne pediu-lhes para pegar uma tigela grande coberta com uma tampa de tecido, o <b>layu</b> , e convidou-as a comer."	63
40	<b>Wole</b>	Wolof	" <b>Wole</b> , non plus!"	Interjeição	" <b>Wole</b> , também não!"	64
	<b>Xewal</b>	Wolof	« — Ah, Sokhna Rama, avez-vous bien mangé ? Il faut profiter du « <b>xewal</b> », de la Providence. »	Descrição literal	"— Ah, Sokhna Rama, vocês comeram bem? Tem de aproveitar do " <b>xewal</b> ", da Providência."	65
41	<b>Of course</b>	Inglês	« Y avait-il une différence ? <b>Of course.</b> »	Inferência; ironia	"Havia alguma diferença? <b>Of course.</b> "	66
42	<b>Djiginénou</b>	Wolof	« On avait l'habitude de nos jours de dire : ma femme, la femme de Médou Ngoné, en parlant de l'épouse de Médou Ngoné. Ma mère aurait dit : l'épouse de Médou Ngoné et en parlant de la sœur de Papa Seck, elle dirait : « <b>djiguènou</b> »	Tradução literal com aspas; explicação	"Costumávamos dizer hoje em dia: a minha mulher, a mulher de Médou Ngoné, falando da esposa de Médou Ngoné. Minha mãe teria dito: a esposa de Médou Ngoné e falando da irmã de Papa Seck, ela diria: " <b>djiguènou</b> "	66

			Papa Seck, « la femme » de Papa Seck. »		Papa Seck, "a esposa" do Papa Seck."	
43	<b>Goru Nafi</b>	Wolof	« La relation fraternelle était régie par le sexe de l'autre. « <b>Goru Nafi</b> », littéralement l'homme de Nafi, l'être, l'élément masculin de Nafi, donc son frère. « Djiguènou Mansour », la femme, l'élément féminin de Mansour, donc sa sœur. »	Tradução literal com aspas; explicação	“O relacionamento fraterno era regido pelo sexo do outro. " <b>Goru Nafi</b> ", literalmente o homem de Nafi, o ser, o elemento masculino de Nafi, assim seu irmão. "Djiguènou Mansour", a mulher, o elemento feminino de Mansour, então sua irmã.”	66
44	<b>Djiguène</b>	Wolof	« Et pour parler de la relation amicale féminine d'un homme on disait aussi, « <b>djiguène</b> » de Untel pour parler de l'élément féminin dans l'amitié. »	Tradução literal com aspas; explicação	“E para falar da relação de amizade feminina de um homem, a gente dizia também, “ <b>djiguène</b> ” de fulano para falar do elemento feminino na amizade.”	66
45	<b>Gorou</b>	Wolof	« Il en était de même pour parler de la relation amicale masculine d'une femme, on disait « <b>Gorou</b> » Unetelle. »	Tradução literal com aspas; explicação	“Era o mesmo para falar sobre da relação de amizade masculina de uma mulher, dizíamos " <b>Gorou</b> " Fulana.”	66

46	<b>Gôr</b>	Wolof	« Moi, mon homme, mon <b>gôr</b> , c'était Prosper Niang du groupe Xalam. »	Tradução literal; explicação	“Eu, meu homem, meu <b>gôr</b> , era Prosper Niang, da banda Xalam.”	69
47	<b>You soldier</b>	Inglês	« Elle posa sur le tapis du Serigne le grand bol recouvert d'un large plat sur lequel était élégamment posée une soupière en émail, importée elle aussi du pays des dieux et des Hommes. <b>You soldier!</b> <i>Free</i> Christina Anyanwu ! <i>Today!</i> »	Sem tradução (sentido literal)	“Ela pôs sobre o tapete do Serigne a grande vasilha coberta por um grande prato sobre o qual estava elegantemente colocada uma sopeira de esmalte, também importada do país dos deuses e dos Homens. <b>You soldier !</b> Free Christina Anyanwu ! Today !”	73
48	<b>Free</b>	Inglês	« Elle posa sur le tapis du Serigne le grand bol recouvert d'un large plat sur lequel était élégamment posée une soupière en émail, importée elle aussi du pays des dieux et des Hommes. <i>You soldier!</i>	Sem tradução (sentido literal)	“Ela pôs sobre o tapete do Serigne o grande vasilha coberta por um grande prato sobre o qual estava elegantemente colocada uma sopeira de esmalte, também importada do país dos deuses e dos Homens.	73

			<b>Free</b> Christina Anyanwu ! <i>Today ! »</i>		You soldier ! <b>Free</b> Christina Anyanwu ! <i>Today!</i> ”	
49	<b>Today</b>	Inglês	« Elle posa sur le tapis du Serigne le grand bol recouvert d’un large plat sur lequel était élégamment posée une soupière en émail, importée elle aussi du pays des dieux et des Hommes. <i>You soldier!</i> <i>Free</i> Christina Anyanwu ! <b><i>Today ! »</i></b>	Sem tradução (sentido literal)	“Ela pôs sobre o tapete do Serigne o grande vasilha coberta por um grande prato sobre o qual estava elegantemente colocada uma sopeira de esmalte, também importada do país dos deuses e dos Homens. <i>You soldier!</i> <i>Free</i> Christina Anyanwu! <b><i>Today!</i>”</b>	73
50	<b>Mbum</b>	Wolof	« — Qu’avez-vous préparé? demanda le Serigne. — Du couscous aux feuilles de <b>mbum</b> , répondit respectueusement la petite jeune fille, tête baissée. »	Inferência (indireta/interna) hiponímia	“— O que você preparou? perguntou Serigne. — Cuscuz com folhas de <b>mbum</b> , respondeu à menininha respeitosamente, com a cabeça baixa.”	73

51	<b>Ndolé</b>	Wolof	« La sauce aux feuilles de mbum embaumait déjà la pièce et faisait frissonner les glandes salivaires. Cette merveilleuse sauce rappelait tant le délicieux <b>ndolé</b> du Cameroun. »	Inferência (indireta/interna); hiponímia	“O molho de folha de mbum já perfumava a sala e fazia as glândulas salivares arripiarem. Este molho maravilhoso lembrava tanto o delicioso <b>ndolé</b> dos <b>Camarões</b> .”	73
52	<b>Woï yaye</b>	Wolof	« Tout cela accompagné de rires étouffés et de frissons juvéniles. — <b>Woï yaye</b> *! Qu’avait réellement ressenti Rama? Que s’était-il passé? Comment cela s’était-il passé? (...) * Exclamation courante signifiant littéralement : au secours, mère ! »	Nota de rodapé, seguida de signifiant littéralement; tradução literal, descrição fechada	“Tudo isso acompanhado de risos abafados e arrepios juvenis. — <b>Woï yaye</b> *! O que Rama tinha realmente sentido? O que havia acontecido? Como isso tinha acontecido?”	79
53	<b>Satala</b>	Wolof	« Rama, menue dans son pagne un peu froissé et sa blouse taille basse remise à la hâte, rempli d’eau le grand <b>satala</b> du Serigne et le déposa dans l’enclos. »	Inferência (indireta/interna)	“Rama, vestida na sua tanga um pouco amassada e sua blusa de cintura baixa apressadamente recolocada, encheu o grande <b>satala</b> do	79

					Serigne com água e o colocou no recinto.”	
54	<b>Café de Touba</b>	Wolof	« Le café préféré était le Santos. C’était ainsi qu’on l’appelait. C’était le meilleur pour le café de <b>Touba</b> . »	Inferência (indireta/interna)	“O café preferido era o Santos. Era assim que o chamávamos. Era o melhor para o <b>café de Touba</b> .”	80
55	<b>Santos</b>	Português	« Le café préféré était le <b>Santos</b> . C’était ainsi qu’on l’appelait. C’était le meilleur pour le café de Touba. »	Inferência; Santos = Marca de café	“O café preferido era o <b>Santos</b> . Era assim que o chamávamos. Era o melhor para o café de Touba.”	80
56	<b>Modou Modou</b>	Wolof	« Les enfants de ces familles étaient les <b>Modou Modou</b> qui, de la Cinquième Avenue à New York, jusqu’aux chutes du Zambèze, atténuaient la pauvreté dans laquelle le pays avait sombré depuis que l’indépendance lui avait été accordée. »	Inferência (indireta/interna)	“Os filhos destas famílias eram os <b>Modou Modou</b> que, da Quinta Avenida em Nova Iorque até às quedas do Zambèze, atenuavam a pobreza em que o país tinha afundado desde que a independência lhe fora concedida.”	81
57	<b>Tabaraka</b>	Wolofal-árabe	« Elle s’était installée avec toute sa taille, tout son poids et tous ses habits amidonnés en saluant le Serigne avec	Nota de rodapé, seguida de vient de e signifie; explicação, descrição fechada	“Ela tinha se acomodado com todo o seu tamanho, todo seu peso e todas as suas roupas engomadas,	83

			<p>plus d'assurance que la veille. Ce dernier lui répondit avec douceur : — <b>Tabaraka</b> *. Merci. (...)</p> <p>* Vient de <b>tabaraka</b> : mot d'origine arabe, signifie ici un remerciement.»</p>		<p>saudando o Serigne com mais segurança do que na véspera. Este último lhe respondeu com doçura: — <b>Tabaraka</b>*. Obrigado.”</p> <p>* Palavra de origem árabe, significa aqui um agradecimento.</p>	
58	<b>Xit mbal</b>	Wolof	<p>« Avec nonchalance, elle commença à retirer ses affaires une à une. Ses ensembles <b>xit mbal</b>, taille basse et pagne, ses ensembles petit boubou, ses mouchoirs bien pliés, ses effets de toilette contenus dans un sac en papier ciment, un emballage de biscuits qu'on appelait si affectueusement « mbiskit ».</p>	Hiperonímia/Hiponímia	<p>“Com indiferença, ela começou a retirar seus pertences um por um. Seus conjuntos <b>xit mbal</b>, cintura baixa e tanga, seus pequenos conjuntos de boubou, seus lenços bem dobrados, seus produtos higiênicos contidos em um saco de papel de cimento, um pacote de biscoitos que chamávamos tão carinhosamente de "mbiskit".</p>	84



59	<b>Petit boubou</b>	Wolofal-francês	« Avec nonchalance, elle commençà à retirer ses affaires une à une. Ses ensembles xit mbal, taille basse et pagne, ses ensembles <b>petit boubou</b> , ses mouchoirs bien pliés, ses effets de toilette contenus dans un sac en papier ciment, un emballage de biscuits qu'on appelait si affectueusement « mbiskit ».	Inferência	“Com indiferença, ela começou a retirar seus pertences um por um. Seus conjuntos xit mbal, cintura baixa e tanga, seus conjuntos de <b>petit boubou</b> , seus lenços bem dobrados, seus produtos higiênicos contidos em um saco de papel de cimento, um pacote de biscoitos que chamavamos tão carinhosamente de "mbiskit".	84
60	<b>Mbiskit</b>	Wolof	« Avec nonchalance, elle commençà à retirer ses affaires une à une. Ses ensembles xit mbal, taille basse et pagne, ses ensembles petit boubou, ses mouchoirs bien pliés, ses effets de toilette contenus dans un sac en papier ciment, un emballage de biscuits qu'on appelait si	Em aposto, precedido de apelait; descrição etnográfica	“Com indiferença, ela começou a retirar seus pertences um por um. Seus conjuntos xit mbal, cintura baixa e tanga, seus pequenos conjuntos de boubou, seus lenços bem dobrados, seus produtos higiênicos contidos em um saco de papel de cimento, um	84

			affectueusement « <b>mbiskit</b> ».		pacote de biscoitos que chamavamos tão carinhosamente de " <b>mbiskit</b> ".	
61	<b>Taille basse</b>	Wolof	« Avec nonchalance, elle commença à retirer ses affaires une à une. Ses ensembles xit mbal, <b>taille basse</b> et pagne, ses ensembles petit boubou, ses mouchoirs bien pliés, ses effets de toilette contenus dans un sac en papier ciment, un emballage de biscuits qu'on appelait si affectueusement « <b>mbiskit</b> »	Inferência	“Com indiferença, ela começou a retirar seus pertences um por um. Seus conjuntos xit mbal, <b>taille basse</b> e tanga, seus pequenos conjuntos de boubou, seus lenços bem dobrados, seus produtos higiênicos contidos em um saco de papel de cimento, um pacote de biscoitos que chamavamos tão carinhosamente de " <b>mbiskit</b> ".	85
62	<b>Corrida</b>	Espanhol	« Des arènes de <b>corrida</b> quand le sexe du toréador se tendait sous El vestido de luz, l'habit de lumière, au moment de la mise à mort, aux maisons closes où le rouge feutré éclairé de	Sem tradução (sentido literal)	“Arenas de <b>corrida</b> quando o sexo do toureiro era esticado sob El vestido de luz, a vestimenta de luz, no momento de pôr a morte, nos bordéis onde o vermelho feltrado	85

			lumières tamisées attirait certains comme le lampadaire, les phalènes ! »		clareado de luzes difusas atraía alguns como o poste de luz, as mariposas!”	
63	<b>El vestido de luz</b>	Espanhol	« Des arènes de corrida quand le sexe du toréador se tendait sous <b>El vestido de luz</b> , l’habit de lumière, au moment de la mise à mort, aux maisons closes où le rouge feutré éclairé de lumières tamisées attirait certains comme le lampadaire, les phalènes! »	Em aposto, seguido de tradução literal. (l’habit de lumière)	“Arenas de touradas quando o sexo do toureiro era esticado sob <b>El vestido de luz</b> , a vestimenta de luz, no momento de pôr a morte, nos bordéis onde o vermelho feltrado clareado de luzes difusas atraía alguns como o poste de luz, as mariposas!”	85
64	<b>Baye Fall</b>	Wolof	« Elle se souvenait du jour où cet apprenti-chauffeur l’avait légèrement coincée contre son car-rapide décoré de dessins représentant des <b>Baye Fall</b> , les bras et les pieds du mouridisme, entourant le Grand Cheikh. »	Em aposto seguido de descrição fechada.	“Lembrava-se do dia em que esse aprendiz-motorista o havia batido levemente contra seu car-rapide, decorado com desenhos representando <b>Baye Fall</b> , os braços e os pés do mouridismo, cercando o Grande Xeique.”	86

			<p>“Une dame appelée Tola Mbov, de la caste des forgerons, dont le mari était un disciple inconditionnel du Serigne, prêt à donner sa vie pour un oui ou pour un non, un vrai <b>Baye Fall</b>, habitat aussi dans la concession depuis presque toujours. Son mari était fréquemment absent. Un <b>Baye Fall</b> ne se reposait pas.”</p>	<p>Aposto precedido de explicação etnográfica (uso de maiúsculas)</p>	<p>“Uma senhora chamada Tola Mbov da casta de ferreiros cujo marido era um discípulo incondicional do Serigne, pronto a dar a sua vida pelo sim ou pelo não, um verdadeiro <b>Baye Fall</b>, habitava também na concessão desde quase sempre. Seu marido era frequentemente ausente. Um <b>Baye Fall</b> não se descansava.”</p>	105
65	<b>Le Grand Cheikh</b>	Wolofal-francês /Wolofal-árabe	<p>« Elle se souvenait du jour où cet apprenti-chauffeur l'avait légèrement coincée contre son car-rapide décoré de dessins représentant des Baye Fall, les bras et les pieds du mouridisme, entourant <b>le Grand Cheikh.</b> »</p>	<p>Inferência (escrito em maiúscula)</p>	<p>“Lembrava-se do dia em que esse aprendiz-motorista o havia batido levemente contra seu car-rapide, decorado com desenhos representando Baye Fall, os braços e os pés do mouridismo, cercando <b>le Grand Cheikh.</b>”</p>	86
66	<b>Ndiampé</b>	Wolof	<p>« Maintenant, là, dans la chambre de Sokhna</p>	<p>Hiperonímia/hiponímia</p>	<p>“Agora, alí, dentro do quarto de Sokhna</p>	86

			Mame Paye, venant de quitter le Serigne, l'homme de sa première nuit avec un homme, elle en frémissait encore. Nonchalamment, avec un soupir sanglotant, elle prit un pagne, son « <b>ndiampé</b> », sorte de gant de bain en fibres naturelles, enfila ses chaussures en plastique bleu et sortit de la chambre. »	(sorte de gant de bain em fibres naturelles); descrição fechada	Mame Paye, acabando de deixar o Serigne, o homem da sua primeira noite com um homem, ela ainda estremeia. Despreocupadamente, com um suspiro soluçando, ela pegou uma tanga, seu " <b>ndiampé</b> ", uma espécie de luva de banho feita de fibras naturais, colocou seus sapatos de plástico azul e saiu do quarto."	
67	<b>Hey</b>	Wolof	« Et quand un jour, dans la cour, les éclats de rire de Bousso Niang étaient trop forts, une sokhna la sermonnait gentiment: — Bousso Niang, Bousso Niang, <b>hey</b> Bousso Niang, réduis tes élans! »	Inferência; Imperativo com exclamação.	"E quando um dia, no pátio, as gargalhadas de Bousso Niang estavam muito fortes, uma sokhna a repreendia gentilmente: — Bousso Niang, Bousso Niang, <b>hey</b> Bousso Niang, reduza seu ímpeto!"	89
68	<b>Rasta</b>	Wolofal	« Devait-on forcément porter des <b>rasta</b> , un jean	Inferência (indireta/interna)	"Devíamos forçadamente usar	92

			délavé, un tricot avec des trous pour aller à un concert de Ragamuffin, ou fréquenter Babacar Traoré et Seydina? »		<b>rasta</b> , um jeans delavé, uma malha com buracos para ir a um concerto de Ragamuffin, ou frequentar Babacar Traore e Seydina?”	
69	<b>Ragamuffin</b>	Wolofal	« Devait-on forcément porter des rasta, un jean délavé, un tricot avec des trous pour aller à un concert de <b>Ragamuffin</b> , ou fréquenter Babacar Traoré et Seydina ? »	Aposto, precedido de <i>à um concert de</i>	“Devíamos forçadamente usar ratas, um jeans delavé, uma malha com buracos para ir a um concerto de <b>Ragamuffin</b> , ou frequentar Babacar Traore e Seydina?”	92
70	<b>Ah</b>	Wolof	« - Essui vite tes larmes, au nom de Dieu Le Clément, Le Misericordieux, ah! »	Interjeição	“Enxuga rápido as tuas lágrimas, Deus Clemente, o Misericordioso, ah!”	93
71	<b>Les Pagnes</b>	Wolofal-francês	« Sokhna Mame Faye ressortir aussitôt pour vaquer à ses occupatins, dont notamment la broderie. Les <b>pagnes brodés à la main</b> , vendus, rapportaient des	Inferência	Sokhna Mame Faye logo saiu novamente para vagar nas suas ocupações, das quais especialmente o bordado. <b>Les pagnes</b> bordadas à mão, eram	93

			revenus à ces femmes qui quelque part étaient financièrement indépendentes, car cet argent elles ne le remettaient pas au Serigne ».		vendidas, traziam rendimentos a essas mulheres que eram independentes financeiramente, pois essas dinehiros elas não entregavam ao Serigne.	
72	<b>Xadija</b>	Árabe	« Dieu n'était pas contre le travail des femmes. Sinon comment la plupart des prophètes auraient-ils pu accomplir leur mission sans l'assistance de femmes riches de ces époques-là ? <b>Xadija!</b> »	Inferência (indireta/interna); maiúscula e exclamação. (Xadija = femme des prophètes)	“Deus não era contra o trabalho das mulheres. Se não como a maioria dos profetas puderam cumprido sua missão sem a assistência de mulheres ricas daquelas épocas? <b>Xadija!</b> ”	94
73	<b>Beuk neg</b>	Wolof	« L'oncle maternel de Sokhna Marne Faye était un des plus anciens compagnons du Serigne. Il était son <b>beuk neg</b> . Un <b>beuk neg</b> , c'était plus qu'un chambellan, plus qu'un valet de chambre, plus qu'un disciple. Le <b>beuk neg</b> vivait dans	Tradução e explicação etnográfica	“O tio materno de Sokhna Marne Faye era um dos mais antigos companheiros de Serigne. Ele era seu <b>beuk neg</b> . Um <b>beuk neg</b> , era mais que um camareiro, mais que um valete de quarto, mais que um discípulo. <b>beuk</b>	99

			l'intimité du Serigne. En même temps il était un disciple parmi les plus disciplinés. Il était respecté par tous et secrètement redouté. Il s'appelait Nguagne Lô et avait pratiquement passé toute sa vie avec le Serigne. Il suivait partout le Serigne, sans état d'âme. C'était un grand honneur pour lui d'être le <b>beuk neg</b> du Serigne. »		<b>neg</b> vivia na intimidade do Serigne. Ao mesmo tempo, ele era um discípulo dentre dos mais disciplinados. Ele era respeitado por todos e secretamente temido. Seu se chamava Nguagne Lô e tinha praticamente passado sua vida toda com o Serigne. Ele seguia o Serigne em todos os lugares, sem um estado de alma. Era uma grande honra para ele ser o <b>beuk neg</b> de Serigne.”	
74	<b>Daar</b>	Wolof	« Daroulère, un domaine que le Serigne s'était taillé dans une clairière du Saloum. Un Serigne devait avoir son village, son lieu, son <b>daar</b> , son daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty,	Aposto seguido de tradução etnográfica/literal (son village = son daar)	“Daroulère, um domínio que Serigne havia esculpido em uma clareira do Saloum. Um Serigne tinha que ter Aseu vilarejo, seu lugar, seu <b>daar</b> , sua daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty,	101-102



			<p>Darou Rahmane,          Darou Xudos,          Darou Miname.          Ndeem.          Mouride!          Une dynamique.          Mentale.          Spirituelle.          Émotionnelle.          Économique.          Diadieuf Bamba!          Tous ces villages          surgissaient des          clairières et des          savanes. »</p>		<p>Darou Rahman,          Darou Xudos,          Darou Miname.          Ndeem.          Mouride!          Uma dinâmica.          Mental.          Espiritual.          Emocional.          Econômica.          Diadieuf Bamba!          Todos esses vilarejos          surgiram das clareiras e          das savanas.”</p>	
75	<b>Daara</b>	Wolof	<p>« Daroulère, un domaine          que le Serigne s’était          taillé dans une clairière          du Saloum. Un Serigne          devait avoir son village,          son lieu, son daar, son  <b>daara</b>.          Darou Mamane,          Darou Salam,          Darou Mousty,          Darou Rahmane,          Darou Xudos,          Darou Miname.</p>	<p>Aposto seguido de          tradução          etnográfica/literal.          (son lieu = son          daara)</p>	<p>“Daroulère, um domínio          que Serigne havia          esculpido em uma          clareira do Saloum. Um          Serigne tinha que ter          seu vilarejo, seu lugar,          seu daar, sua <b>daara</b>.          Darou Mamane,          Darou Salam,          Darou Mousty,          Darou Rahman,          Darou Xudos,          Darou Miname.</p>	101

			<p>Ndeem. Mouride! Une dynamique. Mentale. Spirituelle. Émotionnelle. Économique. Diadieuf Bamba! Tous ces villages surgissaient des clairières et des savanes. »</p>		<p>Ndeem. Mouride! Uma dinâmica. Mental. Espiritual. Emocional. Econômica. Diadieuf Bamba! Todos esses vilarejos surgiram das clareiras e das savanas.”</p>	
76	<b>Darou</b>	Wolof	<p>« Daroulère, un domaine que le Serigne s’était taillé dans une clairière du Saloum. Un Serigne devait avoir son village, son lieu, son daar, son daara. <b>Darou</b> Mamane, <b>Darou</b> Salam, <b>Darou</b> Mousty, <b>Darou</b> Rahmane, <b>Darou</b> Xudos, <b>Darou</b> Miname. <b>Ndeem.</b> <b>Mouride!</b> Une dynamique.</p>	<p>Inferência (indireta/interna); paralelo; (Daar = vilarejo / ou = de)</p>	<p>“Daroulère, um domínio que Serigne havia esculpido em uma clareira do Saloum. Um Serigne tinha que ter seu vilarejo, seu lugar, seu daar, sua daara. <b>Darou</b> Mamane, <b>Darou</b> Salam, <b>Darou</b> Mousty, <b>Darou</b> Rahman, <b>Darou</b> Xudos, <b>Darou</b> Miname. <b>Ndeem.</b> <b>Mouride!</b> Uma dinâmica.</p>	101-102

			<p>Mentale. Spirituelle. Émotionnelle. Économique. Diadieuf Bamba ! Tous ces villages surgissaient des clairières et des savanes. »</p>		<p>Mental. Espiritual. Emocional. Econômica. <b>Diadieuf Bamba!</b> Todos esses vilarejos surgiram das clareiras e das savanas.”</p>	
77	<b>Ndeem</b>	Wolof	<p>« Daroulère, un domaine que le Serigne s’était taillé dans une clairière du Saloum. Un Serigne devait avoir son village, son lieu, son daar, son daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty, Darou Rahmane, Darou Xudos, Darou Miname. <b>Ndeem.</b> Mouride ! Une dynamique. Mentale. Spirituelle. Émotionnelle.</p>	Tradução etnográfica/literal	<p>“Daroulère, um domínio que Serigne havia esculpido em uma clareira do Saloum. Um Serigne tinha que ter seu vilarejo, seu lugar, seu daar, sua daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty, Darou Rahman, Darou Xudos, Darou Miname. <b>Ndeem.</b> Mouride! Uma dinâmica. Mental. Espiritual. Emocional.</p>	101-102

			Économique. Diadieuf Bamba ! Tous ces villages surgissaient des clairières et des savanes. »		Econômica. Diadieuf Bamba! Todos esses vilarejos surgiram das clareiras e das savanas.”	
78	<b>Mouride</b>	Wolof	« Daroulère, un domaine que le Serigne s’était taillé dans une clairière du Saloum. Un Serigne devait avoir son village, son lieu, son daar, son daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty, Darou Rahmane, Darou Xudos, Darou Miname. Ndeem. <b>Mouride !</b> Une dynamique. Mentale. Spirituelle. Émotionnelle. Économique. Diadieuf Bamba !	Tradução literal precedida de descrição etnográfica	“Daroulère, um domínio que Serigne havia esculpido em uma clareira do Saloum. Um Serigne tinha que ter seu vilarejo, seu lugar, seu daar, sua daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty, Darou Rahman, Darou Xudos, Darou Miname. Ndeem. <b>Mouride!</b> Uma dinâmica. Mental. Espiritual. Emocional. Econômica. Diadieuf Bamba!	101-102

			Tous ces villages surgissaient des clairières et des savanes. »		Todos esses vilarejos surgiram das clareiras e das savanas.”	
79	<b>Diadieuf Bamba</b>	Wolof	« Daroulère, un domaine que le Serigne s’était taillé dans une clairière du Saloum. Un Serigne devait avoir son village, son lieu, son daar, son daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty, Darou Rahmane, Darou Xudos, Darou Miname. Ndeem. Mouride ! Une dynamique. Mentale. Spirituelle. Émotionnelle. Économique. <b>Diadieuf Bamba !</b> Tous ces villages surgissaient des	Inferência (indireta/interna); maiúsculas com exclamação.	“Daroulère, um domínio que Serigne havia esculpido em uma clareira do Saloum. Um Serigne tinha que ter seu vilarejo, seu lugar, seu daar, sua daara. Darou Mamane, Darou Salam, Darou Mousty, Darou Rahman, Darou Xudos, Darou Miname. Ndeem. Mouride! Uma dinâmica. Mental. Espiritual. Emocional. Econômica. <b>Diadieuf Bamba!</b> Todos esses vilarejos surgiram das clareiras e das savanas.”	101-102

			clairières et des savanes. »			
80	<b>Peuls</b>	Wolof	« Même les nômades peuls s'y arrêtaient pour quelques jours ou quelques mois, avant de reprendre leur errance millénaire ».	Inferência (indireta/interna) - (Peuls = etnia)	“Mesmo os nômades peuls paravam lá por alguns dias ou alguns meses, antes de retomar sua herança milenar”.	102
81	<b>Niébé</b>	Wolof	« Et bientôt les terres sablonneuses du Saloum, du Cayor, du Baol, du Ndiambour, étaient déchirées du lever au coucher du soleil par des sillons qui recevaient les graines d'arachide, de <b>mil</b> , de haricot, ce délicieux <b>niébé</b> dont la variété blanche était recommandée pour la sauce de couscous à la pâte d'arachide grillée, et la variété noire qu'on appelait couramment « <b>ndout</b> », pour le plat appelé « <b>mbaxal</b>	Em aposto, seguido de ce; descrição fechada, hiperonímia/hiponímia (les graines, de haricot = niebé – categoria de feijão)	“E logo as terras arenosas do Saloum, do Cayor, Baol, do Ndiambour, foram rasgadas do nascer ao pôr do sol por sulcos que recebiam as sementes de amendoim, de <b>milheto</b> , de feijão, este delicioso <b>niébé</b> cujo a variedade branca era recomendada para o molho de cuscuz de pasta de amendoim torrado, e a variedade preta que era correntemente chamada de " <b>ndout</b> ", para o prato chamado	102

			<b>saloum</b> » *, la spécialité du Saloum. »		<b>"mbaxal saloum"</b> *, a especialidade de Saloum."	
82	<b>Ndout</b>	Wolof	« Et bientôt les terres sablonneuses du Saloum, du Cayor, du Baol, du Ndiambour, étaient déchirées du lever au coucher du soleil par des sillons qui recevaient les graines d'arachide, de <b>mil</b> , de haricot, ce délicieux <b>niébé</b> dont la variété blanche était recommandée pour la sauce de couscous à la pâte d'arachide grillée, et la variété noire qu'on appelait couramment <b>«ndout»</b> , pour le plat appelé <b>«mbaxal saloum</b> » *, la spécialité du Saloum. (...) * Plat de riz préparé sans huile.»	Aposto entre aspas, precedido de apelé; descrição etnográfica.	“E logo as terras arenosas do Saloum, do Cayor, Baol, do Ndiambour, foram rasgadas do nascer ao pôr do sol por sulcos que recebiam as sementes de amendoim, de <b>milheto</b> , de feijão, este delicioso <b>niébé</b> cujo a variedade branca era recomendada para o molho de cuscuz de pasta de amendoim torrado, e a variedade preta que era correntemente chamada de <b>"ndout"</b> , para o prato chamado <b>"mbaxal saloum"</b> *, a especialidade de Saloum.” *Prato de arroz preparado sem óleo.	102

83	<b>Mbaxal saloum</b>	Wolof	« Et bientôt les terres sablonneuses du Saloum, du Cayor, du Baol, du Ndiambour, étaient déchirées du lever au coucher du soleil par des sillons qui recevaient les graines d'arachide, de <b>mil</b> , de haricot, ce délicieux <b>niébé</b> dont la variété blanche était recommandée pour la sauce de couscous à la pâte d'arachide grillée, et la variété noire qu'on appelait couramment « <b>ndout</b> », pour le plat appelé « <b>mbaxal saloum</b> » *, la spécialité du Saloum. »	Nota de rodapé (definição)	“E logo as terras arenosas do Saloum, do Cayor, Baol, do Ndiambour, foram rasgadas do nascer ao pôr do sol por sulcos que recebiam as sementes de amendoim, de <b>milheto</b> , de feijão, este delicioso <b>niébé</b> cujo a variedade branca era recomendada para o molho de cuscuz de pasta de amendoim torrado, e a variedade preta que era correntemente chamada de " <b>ndout</b> ", para o prato chamado " <b>mbaxal saloum</b> "*, a especialidade de Saloum.”	102
84	<b>Bamba</b>	Wolof	« Son chauffeur était aussi un chanteur extraordinaire. Il aimait déclamer les poèmes de Bamba ».	Inferência	“Seu chofer era também um cantor extraordinário. Ele amava declamar os poemas de Bamba”.	103



85	<b>Takko</b>	Wolof	« Elle avait été remise au Serigne à titre d'héritage. Cette veuve d'un Grand Serigne ne pouvait être que la <b>takko</b> * d'un autre Grand Serigne, ou d'un notable, en tout cas d'un Grand Quelqu'un. Cela expliquait que le Serigne l'ait reçue en héritage. (...) * Épouse d'un certain âge qui on ne vit pas sous le même toit. »	Nota de rodapé (definição)	“Ela foi entregue ao Serigne como título de herança. Esta viúva de um Grande Serigne só poderia ser a <b>takko</b> * de outro Grand Serigne, ou um notável, em todo caso de um Grande Alguém. Isso explicava que o Serigne a tenha recebido como herança.” *Esposa de uma certa idade com quem não se vive no mesmo teto.	104
86	<b>Believe me</b>	Inglês	« Trouvons-nous de la compagnie. Cela ne gâchera rien. <b>Believe me.</b> »	Sem tradução (sentido literal)	“Achemos para nos companhia. Isso não estragará nada. <b>Believe me.</b> ”	104
87	<b>Noxal deju</b>	Wolof	« Elles apportèrent qui de la belle vaisselle, qui de l'argent,-qui des bijoux, qui du « <b>noxal deju</b> » (ne bouge pas d'ici) cet encens ensorceleur destiné à retenir l'homme à la maison, qui des pagnes tissés aux frontières de la	Aposto entre aspas com tradução literal	“Elas trouxeram quem da menina bonita, quem do dinheiro, quem das jóias, quem do « <b>noxal deju</b> » (não se mexe daqui) este incenso feiticeiro destinado a reter o homem em casa, quem das cangas	110

			Casamance et de la Guinée Bissau: <b>seru ndiago</b> , les meilleurs, les plus beaux, pour recouvrir le mari frileux ou cacher sa nudité furtive. »		tecidas às fronteiras da Casamance e da Guiné-Bissau: <b>seru ndiago</b> , as melhores, as mais belas, para cobrir o marido friorento ou esconder a sua nudez furtiva.”	
88	<b>Seru ndiago</b>	Wolof	« Elles apportèrent qui de la belle vaisselle, qui de l'argent,-qui des bijoux, qui du «noxal deju» (ne bouge pas d'ici) cet encens ensorceleur destiné à retenir l'homme à la maison, qui des pagnes tissés aux frontières de la Casamance et de la Guinée Bissau: <b>seru ndiago</b> , les meilleurs, les plus beaux, pour recouvrir le mari frileux ou cacher sa nudité furtive. »	Aposto; descrição precedida de tradução e explicação. (des paines = seru ndiago = etnia)	“Elas trouxeram quem da menina bonita, quem do dinheiro, quem das jóias, quem do « <b>noxal deju</b> » (não se mexe daqui) este incenso feiticeiro destinado a reter o homem em casa, quem das cangas tecidas às fronteiras da Casamance e da Guiné-Bissau: <b>seru ndiago</b> , as melhores, as mais belas, para cobrir o marido friorento ou esconder a sua nudez furtiva.”	110
89	<b>Nguewal</b>	Wolof	« J'avais toujours fréquenté Nabou Samb. Elle était si douce, si	Nota de rodapé (definição);	“Eu sempre frequentava Nabou Samb. Ela era tão doce, tão gentil, tão	114

			gentille, si serviable. Cela aussi faisait partie de son rôle. C'était chez eux, à <b>Nguewal</b> *, que je me faisais faire les tresses au fil. (...) * Les griots vivaient en communauté et on appelait leur quartier ou concession Nguewal, du mot guéwal qui signifie griot. »		prestativa. Isso também fazia parte de seu papel. Era na casa deles, em <b>Nguewal</b> *, que eu fazia as trançar de fio.” *Os griotes viviam em comunidade e chamávamos o seu bairro ou concessão de Nguewal, da palavra guéwal que significa griote.	
90	<b>Ndeund</b>	Wolof	« À cette époque-là, quando Nguewal s'apprêtait à manger, c'était um <b>ndeund</b> , le petit tambour, qui l'annonçait ! »	Tradução literal	“Naquela época quando um Nguewal se aprontava para comer, era <b>ndeund</b> , o pequeno tambor, que o anunciava!”	115
91	<b>Aung San Suu Kyi</b>	Francês	« Un bouquet de fleurs s'il vous plaît ! Des fleurs pour <b>Aung San Suu Kyi</b> * . (...) * Dissidente Birmane, Prix Nobel de la Paix.»	Nota de rodapé (definição)	“Um buquê de flores por favor! Flores para <b>Aung San Suu Kyi</b> *.”	116

92	<b>Xaxar</b>	Wolof	<p>Habituellement, quand une femme rejoignait le domicile conjugal et y trouvait déjà une autre épouse, elle devait subir l'épreuve du <b>xaxar</b>. Terrible épreuve ! Le xaxar pouvait briser un ménage à peine consommé ou pas consommé du tout. Le xaxar n'était pourtant pas institué par les sociétés traditionnelles pour détruire, mais pour construire. C'était un rituel institué pour exorciser dès le départ les démons de la haine et de la jalousie. Un rituel qui permettait aux femmes de vivre ensemble sans heurts, un rituel qui libérait des affres de ces sentiments et sensations qu'on attribuait à la jalousie et qui pouvaient mener au meurtre et à la</p>	<p>Inferência; Tradução etnográfica; (l'épreuve du xaxar)</p>	<p>Habitualmente, quando uma mulher se recolhia ao domicílio conjugal já encontrava ali outra esposa, ela deveria sofrer a prova do xaxar. Terrível prova! O xaxar podia quebrar um casamento apenas consumado ou não consumado de jeito nenhum. O xaxar não era, portanto, instituído pelas sociedades tradicionais, mas para construir, era um ritual instituído para exorcizar desde o início os demônios do ódio e do ciúme, um ritual que permitia às mulheres de viver em conjunto, sem atropelamentos, um ritual que liberava ânsias desses sentimentos e sensações que se atribuía ao ciúme e que</p>	116
----	--------------	-------	--	---	---	-----

			folie.		podia levar ao homicídio e à loucura.”	
93	<b>Nguer et de rat</b>	Wolof	« Le convoi qui conduisait Nabou Samb et sa suite avait parcouru des centaines de kilomètres. Au début, depuis le village, à travers les pistes bordées de touffes de <b>nguer et de rat</b> *, ensuite sur une route goudronnée jusqu’à la ville, la plus grande ville. (...) * Petits arbustes de brousse.»	Nota de rodapé; explicação	“O comboio que conduzia Nabou Samb e seu grupo percorria centenas de quilômetros. No início, desde o vilarejo, através das trilhas alinhadas com tufo de <b>nguer e rato*</b> , em seguida, em uma estrada pavimentada até a cidade, a maior cidade.”	118
94	<b>Patchwork</b>	Inglês	« Parfois il fallait en commander pour chaque jour de la semaine. Lundi, rose. Mardi, bleue. Mercredi, verte. Jeudi, tout blanc Ndiaye. Vendredi, rouge. Samedi, baye Fall ( <b>patchwork</b> ). Dimanche, libre. Improvisation. »	Sem tradução (sentido literal)	“Às vezes você tinha que pedir para cada dia da semana. Segunda-feira rosa. Terça-feira, azul. Quarta-feira, verde. Quinta-feira, toda de branco Ndiaye. Sexta-feira, vermelha. Sábado, baye Fall ( <b>patchwork</b> ). Domingo livre. Improvisação.”	121

95	<b>Gongo</b>	Wolof	« Tout était permis quand on était marié. La mère disait toujours : en amour pas de scrupules. — Belle dame, fais un nœud de « <b>gongo</b> * », attache- le en haut de ton bras et saute au cou de ton mari pour l'accueillir, il ne te résistera pas. (...) * Encens écrasé et mélangé et fermenté avec des parfums et des muscs recherchés. »	Nota de rodapé; explicação, descrição fechada; discurso direto	“Tudo era permitido quando se era casado. A mãe sempre dizia: em amor, sem escrúpulos. — Bela dama, faça um nó de " <b>gongo*</b> ", amarre-o ao topo do teu braço e pule para o pescoço do teu marido para acolhê-lo, ele te não resistirá.” *Incenso quebrado, misturado com fermento e perfumes de musques procurados.	121
96	<b>Yébi</b>	Wolof	« La cérémonie du déballage, du « <b>yébi</b> », comme on l'appelait, avait émerveillé les gens de la ville, de la grande ville, de la plus grande ville. »	Em aposto, seguido de la e comme on l'appelait; tradução literal, descrição fechada	“A cerimônia de desempacotamento, o " <b>yébi</b> ", como o chamavamos, tinha maravilhado as pessoas da cidade, a grande cidade, a maior cidade.”	122
97	<b>Banfora</b>	Wolof	« Le teint si lumineux qu'il donnait envie de la toucher. Géante, potelée comme une bonne mangue de <b>Banfora</b> , le	Inferência (indireta/interna)	“O tom da pele tão brilhante que dava vontade tocá-la. Gigante, gordinha como	132

			sourire et le rire faciles, les gencives bleu indigo, couleur obtenue par un tatouage régulier avec de la coque d'arachide grillée. »		uma boa manga de <b>Banfora</b> , o sorriso e o riso fáceis, as gengivas azul-índigo, cor obtida por uma tatuagem regular com casca de amendoim torrada.”	
98	<b>Indigo</b>	Wolofal-francês	« Le teint si lumineux qu'il donnait envie de la toucher. Géante, potelée comme une bonne mangue de Banfora, le sourire et le rire faciles, les gencives bleu <b>indigo</b> , couleur obtenue par un tatouage régulier avec de la coque d'arachide grillée. »	Em aposto; explicação	“O tom da pele tão brilhante que dava vontade tocá-la. Gigante, gordinha como uma boa manga de Banfora, o sorriso e o riso fáceis, as gengivas azul- <b>índigo</b> , cor obtida por uma tatuagem regular com casca de amendoim torrada.”	132
99	<b>Forok</b>	Wolof	« Sa tenue préférée était une petite chemise à manches courtes, le <b>forok</b> , et le petit pantalon bouffant qui s'arrêtait au-dessus des genoux. »	Em aposto, seguido de une; descrição fechada	“Seu traje preferido era uma pequena camisa de mangas curtas, o <b>forok</b> , e a pequena calça folgada que pararam acima dos joelhos.”	136
100	<b>Chaya</b>	Wolof	« De temps à autre, vers le soir, il mettait le long pantalon bouffant, le	Em aposto, seguido de le; descrição fechada	“De vez em quando, ao anoitecer, ele vestia a calça comprida e larga,	137

			<b>chaya</b> , retenu à la taille par une lanière en cuir ou un métrage de mèche à pétrole. »		a <b>chaya</b> , presa na cintura por uma tira de couro ou uma película de pavio de óleo.”	
101	<b>Sa ma teug bourafet</b>	Wolof	« Qui ne connaissait pas ma belle amie, <b>sama teug bourafet</b> , Penda Thiam ? »	Em aposto; tradução literal	“Quem não conhecia minha bela amiga, <b>sama teug bourafet</b> , Penda Thiam?”	138
102	<b>No comment</b>	Inglês	« Aussitôt dit, aussitôt exécuté. <b>No comment!</b> »	Sem tradução (sentido literal)	“Logo dito, logo executado. <b>No comment!</b> ”	144
103	<b>I have a dream</b>	Inglês	« Pour moi, il n’y avait plus que le Serigne. Et quelques-uns qui nous reconnaissaient et nous appréciaient : Soulye, Youssou, Alpha et quelques autres. Mais un jour arrivera... — <b>I have a dream!</b> »	Sem tradução (sentido literal); discurso direto	“Para mim, somente havia mais o Serigne. E alguns que nos reconheciam e nos apreciavam: Soulye, Youssou, Alpha e alguns outros. Mas um dia chegar ... — <b>I have a dream!</b> ”	148
104	<b>Mame boye</b>	Wolof	« — Il s’agenouilla devant moi, un bonnet à la main, la tête baissée : — <b>Marne Boye</b> * demande à vous voir, dit-il dans un souffle. (...)	Nota de rodapé, seguida de maneira; explicação	“— Ele se ajoelhou diante de mim, um gorro à mão, de cabeça baixa: — <b>Marne Boye*</b> pede para ver você”, ele disse em um sussurro.”	148



			* Manière affectueuse d'appeler les personnes très âgées. »			
105	<b>Bonnet mouride</b>	Wolofal-francês	« J'ai entendu le message, lui répondis-je. Il se leva aussitôt, le <b>bonnet mouride</b> toujours à la main, la tête baissée, partit à reculons d'abord avant de se retourner pour enfile ses chaussures laissées à distance et s'en alla tout aussi silencieusement qu'il était venu, mais avec la même détermination. »	Inferência (indireta/interna)	“Eu ouvi a mensagem, respondi-lhe. Ele levantou-se imediatamente, com o <b>bonnet mouride</b> ainda murado na mão, a cabeça abaixada, partiu recuando antes de se virar para calçar seus sapatos deixados à distância e foi-se tão silenciosamente como ele tinha vindo, mas com a mesma determinação.”	
106	<b>Bilahi</b>	Árabe	« Dès que l'Ordre serait donné, il serait immédiatement exécuté. <b>Bilahi!</b> Au nom de Dieu! »	Em aposto; tradução literal	“Assim que a Ordem fosse dada, ela seria executada imediatamente. <b>Bilahi!</b> Em nome de Deus!”	151
107	<b>Tuer</b>	Wolofal-francês	« Cet homme qui avait dû beaucoup « <b>tuer</b> * » dans sa jeunesse, était un bel homme et son crâne légèrement	Nota de rodapé (definição),	“Este homem, que devia muito “ <b>tuer*</b> ” em sua juventude, era um homem belo e seu	152

			<p>chave lui donnait encore plus de charme. (...)</p> <p>* « Tuer », signifie séduire, dans certains pays d'Afrique Centrale. »</p>		<p>crânio ligeiramente careca dava-lhe ainda mais charme.”</p> <p>*Tuer significa seduzir em certos países da África Central.</p>	
108	<b>Astaghfiroula</b>	Árabe	<p>« Le Jour de la Résurrection était encore loin! — <b>Astaghfiroula!</b> Que Dieu me Pardonne ! »</p>	Em aposto; tradução literal;	<p>“O Dia da Ressurreição ainda estava longe! — <b>Astaghfiroula!</b> Que Deus me Perdoe!”</p>	156
109	<b>Xewal</b>	Wolof	<p>« Non, cela ne pouvait être rien de tout cela, compte tenu des relations que j'avais établies avec le Serigne. Un jour, une de ses épouses m'avait demandé pourquoi je ne me joignais pas à leur groupe pour profiter du <b>xewal</b> *, moi qui étais si proche du Serigne. Les femmes du Serigne savaient qu'il y avait quelque chose entre le Serigne et moi. Et ce</p>	Nota de rodapé (definição)	<p>“Não, isso não podia ser nada de tudo isso, a não ser relações que eu tinha estabelecido com o Serigne. Um dia uma de suas esposas me perguntou porque eu não me juntava ao grupo delas para aproveitar do <b>xewal</b>*, eu que era tão próxima do Serigne. As mulheres do Serigne sabiam que havia algo entre o Serigne e eu. Este algo</p>	157

			quelque chose dépassait même une simple union. (...) * Mot peut-être d'origine arabe. Il signifie ici providence. »		ultrapassava mesmo uma simples união. *Palavra talvez de origem árabe, que significa aqui providência.”	
110	<b>Yadaba</b>	Wolof	« — C'était la fille de Aïda Bâ, la petite-fille de Momar Lobé et de Marème Mamour, la petite-fille de Yacine Guèye Mbalo Fall Fa Ndiaÿe Bigué Issa Dièye Kaltom Sarr, celle qui avait fréquenté avec Fary Ndiaye, Bineta Mbodj, Mariama Diop, Amoul Yakar, la sœur de Mbaye Babacar, celle qu'un de ses frères appelait aussi, affectueusement, <b>Yadaba.</b> »	Inferência (indireta/interna); discurso direto	“— Era a filha de Aïda Bâ, a neta de Momar Lobé e Marème Mamour, a neta de Yacine Guèye Mbalo Fall Fa Ndiaÿe Bigué Issa Dièye Kaltom Sarr, aquela que havia namorado com Fary Ndiaye, Bineta Mbodj, Mariama Diop, Amoul Yakar, a irmã de Mbaye Babacar, aquela quem um de seus irmãos também chamava carinhosamente de <b>Yadaba.</b> ”	161
111	<b>Did you have climax</b>	Inglês	« L'amour devant un miroir, l'amour sur un tabouret, tout cela pour rien. Et ce qui était le	Sem tradução (sentido literal)	“O amor na frente de um espelho, amor sobre um tamborete, tudo isso para nada. E o que era o mais trágico para não	166

			plus tragique pour ne pas dire ridicule, c'était l'obligation d'être une femme comblée. <b>Did you have climax ?</b> Oh yes ! »		dizer ridículo, era a obrigação de ser uma mulher satisfeita. <b>Did you have climax?</b> Oh yes!"	
112	<b>Oh yes</b>	Inglês	« L'amour devant un miroir, l'amour sur un tabouret, tout cela pour rien. Et ce qui était le plus tragique pour ne pas dire ridicule, c'était l'obligation d'être une femme comblée. Did you have climax? <b>Oh yes!</b> »	Sem tradução (sentido literal)	“O amor na frente de um espelho, amor sobre um tamborete, tudo isso para nada. E o que era o mais trágico para não dizer ridículo, era a obrigação de ser uma mulher satisfeita. Did you have climax? <b>Oh yes!</b> ”	166
113	<b>Technically perfect</b>	Anglais	« C'était quelqu'un avec qui on cherchait à partager des moments intenses de plaisir, de vie et de mort. A cet âge-là, comme disait Ade, une femme était <b>technically perfect</b> . Indeed! »	Sem tradução (sentido literal)	“Ele era alguém com quem procurávamos para compartilhar momentos intensos de prazer, de vida e da morte. Naquela idade, como dizia Ade, uma mulher era <b>technically perfect</b> . Indeed!”	170
114	<b>Indeed</b>	Inglês	« C'était quelqu'un avec	Sem tradução (sentido literal)	“Ele era alguém com quem procurávamos	170

			<p>qui on cherchait à partager des moments intenses de plaisir, de vie et de mort. A cet âge-là, comme disait Ade, une femme était technically perfect.</p> <p><b>Indeed!</b> »</p>		<p>para compartilhar momentos intensos de prazer, de vida e da morte. Naquela idade, como dizia Ade, uma mulher era technically perfect.</p> <p><b>Indeed!</b>”</p>	
115	<b>Nanas</b>	Wolof	<p>« Certaines femmes modernes qui plaignaient nos sœurs de la campagne, dénonçaient la polygamie, étaient contre l'embourgeoisement au milieu d'un peuple crevant de faim, refusaient l'aliénation, ne se maquillaient pas, ne portaient pas de bijoux, ne se parfumaient pas, pour la lutte, le combat, en critiquant violemment ceHes. qui voulaient rester aussi des <b>nanas</b>, vivaient presque toutes aujourd'hui dans des ménages polygamiques, s'habillaient, comme moi, chez Claire Kane et ne dédaignaient pas une</p>	Inferência (indireta/interna)	<p>“Certas mulheres modernas que se queixavam das nossas irmãs do campo, denunciavam a poligamia, eram contra a gentrificação no meio de um povo morrendo de fome, recusavam a alienação, não se maquiavam, não usavam jóias, não se perfumavam, para a luta, o combate, criticando violentemente aquelas que queriam permanecer também <b>nanas</b>, quase todas viviam em famílias</p>	171

			topaze montée par le génial Samba Wade, au creux d'un décolleté. »		polígâmicas hoje, se vestiam como eu, na Claire Kane e não desdenhavam um topázio montado pelo genial Samba Wade, na curva de um decote.”	
116	<b>Tatou laobé</b>	Wolof	« Mais ceci n'allait pas durer. Elle ne tarda pas à me saluer avec un « <b>tatou laobé</b> * », ce mouvement des reins si chargé de sensualité. (...)  * Danse érotique, typique des Laobés. »	Nota de rodapé; explicação, descrição fechada	“Mas isso não ia durar. Ela não demorou a me saudar com um " <b>tatou laobé*</b> ", esse movimento dos rins tão cheio de sensualidade” * Dança erótica, típica dos laobés.	175
117	<b>Laobé</b>	Wolof	« Parfois elle soulevait rapidement son pagne pour me faire découvrir ses cuisses ardentes et nerveuses. Pourtant Bousso Niang n'était pas une <b>Laobé</b> . »	Inferência (indireta/interna)	“Às vezes ela rapidamente levantava sua tanga para me fazer descobrir suas coxas ardentes e nervosas. No entanto, Bousso Niang não era uma <b>Laobé</b> .”	175
118	<b>Gnak fêté, Laobé</b>	Wolof	« Ils viennent toujours d'on ne sait où, s'installent quelque part avec	Nota de rodapé; explicação,	“Eles sempre vêm de quem sabe onde, se abrigam em algum	175

			<p>leurs lourds attelages tirés par des ânes, ne restent jamais longtemps au même endroit et repartent toujours ailleurs.</p> <p>« <b>Gnak fêté, Laobé</b> ** » ! disait Baye Mboup. (...)</p> <p><b>** Sans domicile fixe (par choix).</b> »</p>	<p>descrição fechada; discurso indireto</p>	<p>lugar com seus reboque pesados puxados por burros, nunca ficam muito tempo no mesmo lugar e sempre partem de novo para outro lugar.</p> <p>"<b>Gnak fêté, Laobé</b>***!" dizia Baye Mboup. (...)</p> <p><b>** Sem domicilio fixo (por escolha).</b>.."</p>	
119	<b>Soundioulou</b>	Wolof	<p>« J'adore les écouter et surtout en voiture climatisée.</p> <p>Musique d'ambiance à la maison?</p> <p>De la <b>kora</b> ou <b>du fado</b>. <b>Soundioulou</b> *. Amalia. (...)</p> <p>* <b>Soundioulou</b> Cissokho, célèbre joueur de <b>kora</b>, Amalia Rodriguez, chanteuse de <b>fado</b>.»</p>	<p>Nota de rodapé; descrição fechada, explicação</p>	<p>"Eu adoro escutá-los e sobretudo de carro com ar condicionado.</p> <p>Música de ambiente em casa?</p> <p><b>Kora</b> ou <b>fado</b>. <b>Soundioulou</b>*. Amalia."</p> <p>*Soundioulou Cisskho, célèbre tocador de kora, Amalia Rodriguez, cantora de fado.</p>	180
120	<b>PBS</b>	Wolofal-francês	<p>« J'écoute <b>PBS</b> et j'aime 1' opéra. »</p>	<p>Inferência (indireta/interna);</p>	<p>"Eu ouço a <b>PBS</b> e gosto de ópera."</p>	180

				sentido literal (sigla)		
121	<b>Lucky Luke</b>	Inglês	« — Tu sais, le jour je suis la grande dame que tu vois là, mais la nuit dans la chambre je suis <b>Lucky Luke</b> et je dégage mes colts. »	Inferência (indireta/interna); sentido literal	“— Você sabe, durante o dia eu sou a grande senhora que você vê aí, mas a noite no quarto eu sou <b>Lucky Luke</b> e eu desembainhar meus potros.”	181
122	<b>Kpayo Kpayo</b>	Gun	« J'avais trouvé cela extraordinaire surtout de la part de cette dame dont le mari devait être Premier Ministre d'un pays qui passait pour sérieux dans la kyrielle des États fantômes du Continent, où des dirigeants « <b>kpayo kpayo</b> * » disposent des destins de millions d'êtres qui n'osent rien exiger, ni la liberté de manger ce qu'ils cultivent, ni le droit de dormir dans des maisons décentes, de s'habiller dans le coton qu'ils cultivent ni enfin celui de dire ce qu'ils pensent. (...)	Nota de rodapé, seguida de signifiant; tradução literal, explicação	“Eu tinha achado aquilo extraordinário sobretudo vindo daquela senhora cuja marido devia ser Primeiro Mministro de um país que era considerado sério na kyrielle dos Estados fantasmas do continente, onde dirigentes " <b>kpayo kpayo*</b> " dispõe dos destinos de milhões de seres que não osam exigir nada, nem a liberdade de comer o que cultivam, nem o direito de dormir em	182



			* Mot d'origine gun, signifiant ici pacotille.»		casas decentes, de se vestir com o algodão que cultivam, nem enfim a dizer o que eles pensam.”	
123	<b>Holdings</b>	Anglicismo	« Qui parlait de ces femmes milliardaires qui avaient commencé par vendre des oranges au bord des routes et qui à présent faisaient tourner des usines et des <b>holdings</b> en Occident, contribuant ainsi à créer des emplois, à nourrir des familles dans des pays qui leur refusaient le visa d'entrée ? »	Sem tradução (sentido literal)	“Quem falava dessas mulheres bilionárias que tinham começado a vender laranjas a beira das estradas e que agora faziam andar fábricas e <b>holdings</b> no Ocidente, contribuindo assim a criar empregos, a alimentar famílias em países que os recusaram o visto de entrada?”	186
124	<b>Waterzoï</b>	Francês	« Mon type pour moi toute seule ! Qu'allais-je en faire? Un <b>waterzoï</b> ? Hum! Y'a bon ! »	Inferência (indireta/interna)	“Meu tipo para mim sozinha! O que eu ia fazer com isso? Um <b>waterzoï</b> ? Hum! Há de bom!”	191
125	<b>Hum, Y'a bon!</b>	Wolof	« Mon type pour moi toute seule ! Qu'allais-je en faire? Un waterzoï ?	Sem tradução (sentido literal)	“Meu tipo para mim sozinha! O que eu ia fazer com isso?”	191

			<b>Hum! Y'a bon ! »</b>		Um waterzoï? <b>Hum! Há de bom!"</b>	
126	<b>Sorry</b>	Inglês	« La période située entre la trente-cinquième et la quarante-cinquième année est pour une femme un bel âge. Oh, <b>sorry ! »</b>	Sem tradução (sentido literal)	“O período entre o trigésimo quinto e o quadragésimo quinto ano é para uma mulher uma boa idade. Oh, <b>sorry!</b> ”	193
127	<b>Hi Soldier, free R. Kuti´s!</b>	Inglês	« Dans les Dix Commandements, il n'avait jamais été question de ne pas prendre plusieurs épouses. Ailleurs non plus, à ma connaissance. Ne tuez point ! Cela, oui! <b>Hi Soldier, free R. Kuti´s !</b> All around the world ! Birmanie, Chine et ailleurs... Advocacy for Human Rights ! »	Sem tradução (sentido literal)	“Nos Dez Mandamentos, jamais havia tido uma questão de não ter várias esposas. Em outro lugar, também não ao meu conhecimento. Não matar! Isso sim! <b>Hi Soldier, free R. Kuti´s!</b> All around the world! Birmânia, China e outros lugares... Advocacy for Human Rights!”	194
128	<b>All around the world!</b>	Inglês	« Dans les Dix Commandements, il n'avait jamais été question de ne pas prendre plusieurs épouses.	Sem tradução (sentido literal)	“Nos Dez Mandamentos, jamais havia tido uma questão de não ter várias esposas. Em outro lugar, também não ao meu	194

			Ailleurs non plus, à ma connaissance. Ne tuez point ! Cela, oui! Hi Soldier, free R. Kuti's ! <b>All around the world !</b> Birmanie, Chine et ailleurs... Advocacy for Human Rights ! »		conhecimento. Não matar! Isso sim! Hi Soldier, free R. Kuti's! <b>All around the world!</b> Birmânia, China e outros lugares... Advocacy for Human Rights!"	
129	<b>Advocacy for Human Rights!</b>	Inglês	« Dans les Dix Commandements, il n'avait jamais été question de ne pas prendre plusieurs épouses. Ailleurs non plus, à ma connaissance. Ne tuez point ! Cela, oui! Hi Soldier, free R. Kuti's ! All around the world ! Birmanie, Chine et ailleurs... <b>Advocacy for Human Rights ! »</b>	Sem tradução (sentido literal)	“Nos Dez Mandamentos, jamais havia tido uma questão de não ter várias esposas. Em outro lugar, também não ao meu conhecimento. Não matar! Isso sim! Hi Soldier, free R. Kuti's! All around the world! Birmânia, China e outros lugares... <b>Advocacy for Human Rights!</b> ”	194
130	Patchworkés	Anglicismo	« Des œuvres d'art ! Brodés à la main, <b>patchworkés,</b>	Inferência (indireta/interna); sentido literal	“Obras de arte! Bordado à mão, patchworkés, juntados!	197

			assemblés ! Liberté d'expression ! »		Liberdade de expressão!"	
131	Karité	Wolofal- francês	« Entre-temps elle se parait : se passer le henné sur les mains et les pieds, défaire ses tresses, les laver en faire de nouvelles qui mettaient en valeur des yeux en amande ou un long cou effilé, passer la plante des pieds à la pierre ponce pour en adoucir les contours » enduire son corps de beurre de <b>karité</b> , pour en raffermir la peau et lui donner une douceur apaisante. »	Inferência (indireta/interna)	“Nesse meio tempo, ela parecia estar: a hena em suas mãos e pés, a desfazer suas tranças, a lavá-las, a fazer novas que valorizassem olhos amendoados ou um longo e esguio pescoço, passar a planta dos pés em pedra-pomes para suavizar os seus contornos” cubra o corpo com manteiga de <b>karité</b> , endireite a pele e dê-lhe uma suavidade suave.”	198
132	<b>Gongo</b>	Wolof	« Remuer ses pots d'encens ensorceleurs où tous les muscs et parfums recherchés s'attaquaient à la matière des odeurs sensuelles, mélanger son <b>gongo</b> et choisir le tissu en gaze qui serait attaché à la hauteur du bras ou glissé dans le creux frais des seins, tout cela pour se	Inferência (indireta/interna)	“Mexer seus potes de incenso enfeitiçantes onde todos os almíscares e perfumes procurados se atacavam a questão dos cheiros sensuais, misturar seu <b>gongo</b> e escolher o tecido de gaze que seria	198

			préparer à l'amour, à la vie comme si c'était le jour premier du plaisir. »		amarrado na altura do braço ou deslizado no oco fresco dos seios. tudo isso para se preparar ao amor, á vida como se fosse o primeiro dia do prazer.”	
133	<b>Do you hear me?</b>	Inglês	« Car après, c'est trop tard et irrémédiablement trop tard. Soldier! <b>Do you hear me ?</b> Free Chris Anyanwu ! Now! »	Sem tradução (sentido literal)	“Pois depois, é tarde demais e irremediavelmente tarde demais. Soldado! <b>Do you hear me?</b> Free Chris Anyanwu! Now!”	209
134	<b>Now</b>	Inglês	« Car après, c'est trop tard et irrémédiablement trop tard. Soldier! Do you hear me ? Free Chris Anyanwu ! <b>Now!</b> »	Sem tradução (sentido literal)	“Pois depois, é tarde demais e irremediavelmente tarde demais. Soldado! Do you hear me? Free Chris Anyanwu! <b>Now!</b> ”	209
135	<b>Free Chris Anyanwu!</b>	Inglês	« Car après, c'est trop tard et irrémédiablement trop tard. Soldier! Do you hear me ?	Sem tradução (sentido literal)	“Pois depois, é tarde demais e irremediavelmente tarde demais. Soldado!	209

			<b>Free Chris Anyanwu !</b> Now! »		Do you hear me? <b>Free Chris Anyanwu!</b> Now!"	
136	<b>Niary Tally</b>	Wolof	« Quand son mari passait la voir et me trouvait avec elle, il nous donnait de l'argent pour aller nous acheter de la viande grillée aux Allées <b>Niary_Tally</b> . Nous nous promenions en voiture et Nabou Samb conduisait. »	Inferência (direta/interna)	“Quando o marido vinha vê-la e me encontrava com ela, ele nos dava dinheiro para ir comprar carne grelhada nas Alamedas <b>Niary Tally</b> . Nós passeávamos de carro e Nabou Samb conduzia.”	213
137	<b>Narou Ganar</b>	Wolof	« Parfois nous entrions dans la boutique d'un « <b>Narou Ganar</b> », d'un Mauritanien, pour boire une limonade Gazelle bien frappée. »	Em aposto, seguido de d'un; tradução literal	“Às vezes entrávamos no mercadinho de um " <b>Narou Ganar</b> ", de um mauritano, para beber uma limonada Gazelle bem batida.”	213
138	Souna	Árabe	« De son sac, tombé à côté de lui, commença à s'échapper en filet de grains de mil « <b>souna</b> ». »	Inferência (direta/interna); sem tradução (sentido literal); hiperonímia	“De sua bolsa, caída ao lado dele, começou a escapar-se em uma fileira de grãos de milho " <b>souna</b> ".”	217
139	Caftan	Wolofal-francês	« Son large <b>caftan</b> semblait contenir un paquet dans sa poche	Inferência (indireta/interna)	“Seu amplo <b>caftan</b> parecia conter um pacote dentro do seu	217

			intérieure, à la hauteur de la poitrine. »		bolso interno, na altura do peito.”	
140	La noche Nochera	Espanhol	« C’était au milieu de la nuit Dans la deuxième moitié de la nuit. Quand la terre était froide. <b>La Noche Nochera</b> Lorca. Il n’y eut jamais de nuit pour Rama, la fille de Mbos. »	Sem tradução (sentido literal); inferência ([in]direta/interna)	“Era no meio da noite Na segunda metade da noite. Quando a terra estava fria. <b>La Noche Nochera</b> Lorca. Nunca houve noite para Rama, a filha de Mbos.”	221
141	<b>Lorca</b>	Espanhol	« C’était au milieu de la nuit Dans la deuxième moitié de la nuit. Quand la terre était froide. La Noche Nochera <b>Lorca.</b> Il n’y eut jamais de nuit pour Rama, la fille de Mbos. »	Sem tradução (sentido literal); inferência ([in]direta/interna)	“Era no meio da noite Na segunda metade da noite. Quando a terra estava fria. La Noche Nochera <b>Lorca.</b> Nunca houve noite para Rama, a filha de Mbos.”	221